

JÚLIO CÉSAR COUTO DE SOUZA

**A TRANSFORMAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO: AVANÇOS E
RECUOS NA SUA MODERNIZAÇÃO E REPERCUSSÕES NAS
CATEGORIAS DE BASE**

Florianópolis – SC

2001

**A TRANSFORMAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO: AVANÇOS E RECUOS NA
SUA MODERNIZAÇÃO E REPERCUSSÕES NAS CATEGORIAS DE BASE**

por

Júlio César Couto de Souza

Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-graduação em Educação Física
Universidade Federal de Santa Catarina
como Requisito Parcial à Obtenção do Título de Mestre

Abril, 2001

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A dissertação: A transformação do futebol brasileiro: avanços e recuos na sua
modernização e repercussões nas Categorias de Base**

elaborada por: **Júlio César Couto de Souza**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de

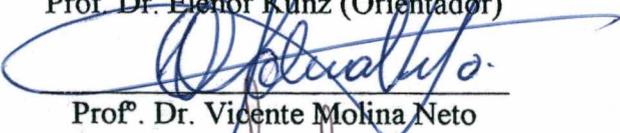
MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Área de concentração
Teoria e Prática Pedagógica

Em 23 de abril de 2001

Banca Examinadora:



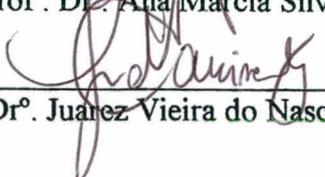
Prof. Dr. Elenor Kunz (Orientador)



Prof. Dr. Vicente Molina Neto



Prof. Dr. Ana Márcia Silva



Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento

*“(...)Vamos festejar a inveja
a intolerância e a incompreensão
vamos festejar a violência
e esquecer da nossa gente
que trabalhou honestamente a vida inteira
e agora não tem mais direito à nada
vamos celebrar a aberração
de toda nossa falta de bom senso
nosso descaso por educação(...)”
R.Russo*

*Dedico estes escritos, como
forma da mais profunda gratidão e
de reconhecimento aos meus pais,
em especial às recordações que guardo
de minha mãe, que vendeu dia após dia,
hora após hora de
sua vida inteira à este sistema
perverso e mesquinho
que tem a obsessão de
tratar as pessoas como material descartável,
e a todos aqueles que ainda sofrem estas
consequências na carne.*

A transformação do futebol brasileiro: avanços e recuos na sua modernização e repercussões nas Categorias de Base

Mestrando: Julio César Couto de Souza

Orientador: Prof. Dr. Elenor Kunz

RESUMO

Este trabalho, traz como centro de sua questão, perceber o futebol brasileiro no contexto social e suas transformações ao longo de sua história, tendo como incidência principal a objetividade para qual está voltada o ensino do futebol em escolinhas e categorias de base de clubes brasileiro. Alguns fatores tornaram-se relevantes para o futebol brasileiro buscar a chamada modernização, desde a histórica discussão em torno da ruptura ou síntese entre futebol arte e futebol força, passando pela espetacularização do futebol como mercadoria, chegando as novas legalizações que permeiam o futebol, entre elas a Lei Zico e, mais recentemente a Lei Pelé, caracterizada principalmente pela Lei do Passe e da transformação dos clubes em empresas. Para estas transformações ocorridas, também tornou-se necessário, perceber os rumos tomados pela sociedade moderna, que traz em si a marca da cientificidade como pressuposto de verdade. Para isto, a racionalidade moderna sustenta-se em um modelo de ciência hegemonicamente positivista, e nos procedimentos científicos orientados por esta ciência. Percebemos como problemático nisto, o caráter instrumental que isto assume, e vai repercutir nos esportes, em especial no processo de ensino deste e principalmente com as categorias de base. Como possibilidade de (re) significar isto, acreditamos numa concepção de esporte que ultrapasse a sua limitada visão da execução prática com fins únicos de rendimentos. Entendemos o esporte, em específico o futebol, como uma relação do ser humano consigo mesmo, não somente numa relação sujeito-objeto (no jogo representado pelo domínio do corpo), tão “natural” na ciência moderna. Estas são algumas reflexões no presente trabalho.

Palavras-chave: Futebol, modernidade, modernização, categorias de base

The transformation of Brazilian soccer: advances and recoils in its modernization and repercussion in the base categories.

Master student: Júlio César Couto de Souza

Orientation: Prof. Phd. Elenor Kunz

ABSTRACT

This work brings as center of its issue to perceive Brazilian soccer in the social context and its changes throughout history, having as main incidence the objectivity toward which. Some factors had become relevant to Brazilian soccer while seeking the so called modernization, departing from the historical quarrel around the rupture or synthesis between “art soccer” and “force soccer”, passing through turning soccer into a spectacle as a merchandise, arriving to the new legalizations that permeate soccer, among of them the Law Zico and more recently the Law Pelé mainly characterized for the Law of Pass and the change of the clubs into companies. In order to understand the occurred transformations it is necessary to perceive the routes taken of the modern society that brings in it self mark of the scientific as a presupposition of truth. In this sense, the modern rationality is supported by a model of a homogeneous positivist science, and is in the scientific procedures guided by this science. Here we perceive as problematic, the instrumental character that this assumes, and goes to (re) echo in sports, in special in the process of its education and mainly for the inferior categories. As a possibility of (re) meaning this, we believe in a conception of sport that exceeds its limited vision of the practical execution that only seeks efficiency. We understand sports, and soccer specifically, as a relation of the human being with himself, not only in a subject-object relation (in games represented by the domain of the body), so “natural” in modern science. These are some reflections in the present work..

Key words: Soccer, modernity, modernization, categories of base.

ÍNDICE

Capítulo	Página
INTRODUÇÃO	01
I O FUTEBOL NAS DIVERSAS ETAPAS DAS SOCIEDADES.....	10
O primeiro tempo do futebol.....	10
O esporte, em especial o futebol, inserido na sociedade moderna.....	16
O desenvolvimento das grandes cidades brasileiras: O futebol como alternativa do tempo livre.....	23
O futebol como identidade nacional.....	32
As diferentes possibilidades do brasileiro aprender futebol.....	44
II O FUTEBOL SOB O OLHAR DA CIENTIFICIDADE.....	49
Palavras iniciais.....	49
...Sobre modernidade.....	51
...Sobre modernização.....	65
Maquinando a modernização: O caso do futebol.....	70
Entra em campo o Treinamento Desportivo: Um breve excuro.....	75
A modernização na queda de braço: Futebol Arte X Futebol Força.....	82

III	OS RUMOS TOMADOS PELO FUTEBOL, A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E AS POSSIBILIDADES DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM.....	102
	O Futebol no rumo da espetacularização.....	102
	Lei Zico e Lei Pelé: Legalidades...à favor de quem?.....	113
	As categorias de base formando para o mercado.....	116
	A Educação Física no contexto esportivo. Como procede?.....	120
	Por um ensinar/aprender futebol no âmbito de um esclarecimento crítico, reflexivo e emancipatório.....	126
	Na questão do movimento corporal.....	127
	Na dificuldade de obter a maioria sócio-político-cultural.....	130
	Na interação social.....	132
	Para além da questão técnica do ensinar/aprender futebol: outras possibilidades.....	135
	Esboçando uma outra forma de ensinar futebol.....	140
	CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS	144
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

INTRODUÇÃO

Toda a introdução de um trabalho teórico, tem por objetivo ser um “convite” para quem está tendo o primeiro contato com este. É como se disséssemos ao nosso leitor “*Bem Vindo*”, e, é justamente com este “convite” chamado *introdução*, que procurarei dar ao leitor, a clareza necessária de poder colocar-se à par de minhas intenções ao elaborar esta dissertação.

Quando se escreve, na verdade esta se tentado dialogar com alguém. E por ser um diálogo, logo se pretende que o outro também participe. Para isso, a conversa, tem de ser entendida pelos dois, não só entendida, mas gostosa, agradável e (inserindo-me na lógica do mercado), produtiva.

Lembro-me aqui de *Rubem Alves*, ao falar das teorias, onde estas deveriam ser como pratos saborosos, apetitosos, feitos não só por especialistas da cozinha, mas também por cozinheiros, cuja a “única” especialidade é cozinhar com amor, arte e sentimentos.

Caso se dê ao contrário, ou seja, a conversa ficar chata, “desapetitosa”, tornar-se-à um monólogo, e não existe nada mais desagradável do que conversar sozinho.

Por isso procurarei nesta introdução, e ao longo deste trabalho, utilizar-me de expressões que fujam um pouco da linguagem acadêmica, (até porque tenho limitações), e que seja uma linguagem mais coloquial, e menos formalizada, pois tenho por entendimento, que ao publicar-se um trabalho, este torna-se de domínio público, e o público não restringe-se somente aos “especialistas” da área.

Lembro-me que esta poderá contribuir (oxalá seja) para leituras, ou pesquisas de acadêmicos, colegiais, e profissionais de diversas áreas, que em algum determinado momento, poderiam ter dificuldades com a linguagem utilizada.

Também gostaria de acreditar, que pela verba pública recebida (bolsa CAPES) para elaborar o presente trabalho, este de alguma forma servisse (sonho?) para contribuir, - (sei lá!) - à todos aqueles que por “obra divina”, foram obrigados a ficar a margem social, e dividirem entre si, somente as migalhas que sobram dos “escolhidos” divinamente.

Bem, dado o recado inicial, procurarei vir trazendo elementos que direcionaram-me à escolher o tema “futebol e as categorias de base”. Saliento já de partida, que na verdade duas dissertações estão prontas em minha cabeça; uma que eu queria apresentar, e esta que estou apresentando. Calma! Eu explico.

Quase sempre quando ingressamos num curso de mestrado, queremos fazer um trabalho que acreditamos que irá mudar o mundo, e que este trabalho, contenha todas as teorias já produzidas pela humanidade, apresentadas, discutidas, refletidas, re-significadas. E, é esta dissertação que eu sonhava e gostaria de escrever e apresentar.

Aí a “patronagem¹”, nos traz para a realidade. “Olha o tempo! Olha o tempo!” Escravos eternos de um tempo por nós mesmo criado, corremos sempre contra este. Todos nossos afazeres tem como limite o tempo. Tempo este que quanto mais corre, mais nos leva para lugar algum. Não temos tempo, temos prazo, confunde-se o tempo cronológico com o tempo humano.

Exige-se datas, exige-se previsibilidade, exige-se cronogramas, exige-se certezas, nada pode fugir ao prazo calculado, nada pode ser incerto (viva o Positivismo!). Lembro-me aqui, e parafraseio o grande e querido “Mestre” Selvino Assmann “-(...) *querem*

¹ Termo típico utilizado no Rio Grande do Sul, referindo-se aos patrões.

certezas na vida e nas relações, quando a única certeza na vida é sua própria negação...a morte”.

Agora acho que consigo entender o que queria dizer Olgária Matos ao escrever que “...um retorno no tempo é uma viagem contrária a da morte”. A humanidade corre, corre, corre, se parar morre, mas se correr morre também, por que correr? Sem mais perda de tempo, faço finalmente as “boas vindas” deste meu trabalho.

Trabalho este, que nasce de um ventre, em gestação há vários anos, não sendo, entretanto uma produção teórica de reflexões recentes.

Foi dentro do contexto esportivo, que os primeiros passos de aproximação e uma longa germinação deste trabalho, tornou-se realidade. Aquelas tardes de Domingo, carregado pela mão de meu pai, rumo ao campo de futebol, não sabiam que estavam sendo cúmplices na formação de um futuro acadêmico, que alguns anos mais tarde, escolheria o “espetáculo” por elas oferecido como tema de uma dissertação de mestrado.

E foi assim, nestes primeiros contatos com os jogos de futebol em minha cidade, que a imaginação ganhou asas, o sonho ganhou forma, e o futuro que parecia longínquo, transformou-se em realidade presente.

O futebol, como em muitos jovens brasileiros, permeou minha vida infantil, adolescente e adulta. Saí das peladas dos campinhos, onde me imaginava e imitava os craques da época, com seus nomes, suas camisas, suas numerações, seus estilos de jogar, e suas jogadas que eu achava fascinantes, para chegar a um curso de graduação em Educação Física, mas sem abandonar os estádios de futebol.

Como acadêmico de Educação Física, tive meus primeiros contatos, - agora não mais como um torcedor dos estádios nem como um moleque sonhador - profissionais com o futebol. À convite, ainda como acadêmico, iniciei como preparador físico de uma equipe de futebol de salão da cidade onde estudava, e juntamente, um convite para trabalhar com

uma escolinha de futebol no mesmo local, a qual seu nome ainda mantém-se vivo em minha memória “Escolinha de Futebol Garotos de Ouro”.

Ao sair da academia, meu primeiro emprego regularizado foi no futebol profissional, isto há dez anos atrás. De lá para cá, foram oito anos ininterruptamente como profissional do futebol, como preparador físico, e assumindo em alguns casos, como colaborador em algumas categorias de base destes clubes.

Neste tempo todo, resolvi especializar-me em futebol, onde cursei duas especializações voltadas para este desporto. A primeira na área de treinamento desportivo, na linha de “Preparação Física no Futebol Moderno”, na Universidade Castelo Branco/RJ em 1995. A segunda, a qual cumpri metade dos créditos, a linha era Treinamento Desportivo de Alto Rendimento, na Universidade Gama Filho/RJ em 1997.

Posso dizer que nestas duas especializações, principalmente no debate entre os colegas presentes, juntamente com meu ingresso como professor substituto na FURG (Fundação Universidade do Rio Grande) inserindo-me nas concepções que permeavam a Prática Desportiva na Universidade, levaram-me a perceber e olhar o esporte, especificamente o futebol, de uma forma mais reflexiva.

Nos clubes pelos quais passei, se não me falha a memória, todos tinham categorias de base, entendem-se categorias infantil, juvenil e júnior, embora nem todos possuíam todas estas categorias, como ainda tinham o que chamavam de “escolinhas”, uma categoria a parte que abrangiam os jovens de menor idade, que não se enquadravam nestas categorias citadas.

Alguns questionamentos começaram a me instigar. O curioso nestas equipes, era que, quase sempre quem ministrava as aulas junto aos jovens, eram ex-jogadores, e professores de educação Física, quando não eram somente ex-jogadores.

Em um local minha atenção foi estimulada mais ainda, tratava-se de uma escolinha de nível Estadual, onde quase todas as cidades do interior do Rio Grande do Sul, elas existiam. Na verdade era um projeto de um órgão Social, onde este projeto visava, que seja dito com todo o louvor, auxiliar os ex-atletas, a manterem-se empregados, principalmente aqueles com carreira esportiva encerrada.

Estas escolinhas de Futebol, só no local onde eu trabalhava, contava com cerca de 200 crianças, divididas em dois turnos de “treinamentos” manhã e tarde, sob a instrução de vários ex-jogadores de futebol, e dessa forma, funcionava em diversas cidades do Estado.

Em outro clube de futebol de minha cidade, pelo qual também passei, existiam escolinhas de futebol, estas dividindo a orientação entre alguns professores, e também alguns jogadores. Por várias vezes, eu, ao chegar mais cedo ao clube para iniciar meus trabalhos com a equipe profissional, ficava prestando atenção nestas escolinhas. O início era quase sempre o mesmo, a garotada tinha que dar algumas voltas correndo em torno dos campos de futebol (num dos clubes existiam três), onde alguns completavam todas, e outros não conseguiam, e logo após começava o ensino de fundamentos: passes, condução de bola, zig-zag entre cones, chutes à gol, e findava com um jogo nos minutos que sobravam.

Ao chegar no mestrado, apenas “visitei” algumas escolinhas de futebol, e percebi que o ensino destas não diferenciava-se muito do que até então eu tinha visto.

A primeira situação, levou a questionar-me e chegar após várias elaborações teóricas e incipientes projetos, à um real projeto de pesquisa de Mestrado, e a elaboração desta dissertação. O meu objetivo geral torna-se, a partir de algumas reflexões, de que se haveriam possibilidades de um processo de ensinar/aprender futebol para jovens, que se diferenciasse do ensino deste desporto, calcado em visões parcelares na análise e conteúdo do jogo. Jogo este em que repercute os excessos de componentes técnico, táticos e físico

do jogo isoladamente, vazios de reflexão e criticidade de seus conteúdos. Entendemos que o jogo é algo mais que o simples somatório destes fatores.

Como questionamento geral, nos indagamos:

1º) Por que o ensino de futebol para jovens, continua o mesmo processo, baseado apenas no aperfeiçoamento de gestos motores, e entendimentos do corpo como máquina, e das metodologias de ensino técnicas, instrumentalizadoras, de ensinar o movimento mecânico, calculado, repetido, copiado, ou seja distante de uma relação pedagógica desejada, (principalmente pelas pedagogias críticas da Educação Física) que aceite o aluno como sujeito, com intenções e interesses diferentes na prática de movimentos e jogos, levando com isto, à formação primeira do sujeito, depois a do futuro atleta?

2º) Quais são as conseqüências teórico-práticas para o Futebol Brasileiro, em especial o futebol ensinado nas categorias de base dos clubes de futebol e nas escolinhas, quando se conseguir realizar uma abrangente e profunda leitura crítica deste a partir de pressupostos teóricos da Teoria Crítica da Sociedade e da Sociologia Crítica do Esporte, e ainda, como esta leitura poderá contribuir de uma forma geral, para repensar o ensino do futebol?

Para isto, há necessidade de conhecer este jogo chamado futebol, seu histórico, sua inserção nas sociedades, e sua representatividade especificamente na sociedade brasileira. Temos então como objetivo geral de nosso estudo:

→ Refletir sobre algumas propostas teóricas para o ensino de futebol, no sentido de apontar alternativas no trato pedagógico dado atualmente no ensino dos esportes, como também (re) significar para o nosso contexto histórico.

Como objetivos específicos, destacamos:

→ analisar o contexto histórico ao qual está inserido o futebol como esporte moderno no Brasil

→ analisar as possíveis transformações ocorridas no futebol, provenientes do que convencionalmente chamamos de moderno no contexto social

→ Perceber de que forma isto repercute no processo de ensinar/aprender futebol nas categorias de base e escolinhas de futebol.

A intenção, não é a partir deste trabalho conseguir realizar esta leitura crítica de forma abrangente e profunda, porém, lançar indicativos de como esta poderá se desenvolver. Percebeu-se, também, que para uma melhor aprofundamento do tema, seria muito importante estabelecer um constante diálogo entre os atores teóricos, no caso os Teóricos da Teoria Crítica da Sociedade e da Sociologia Crítica do Esporte, e os atores empíricos, os diretamente envolvidos com as práticas do futebol. Porém, tendo em vista o reduzido prazo para a conclusão deste trabalho, e o entendimento que a contribuição melhor que poderíamos dar, viria de uma análise teórica do problema, optou-se, para o presente estudo, apenas no aprofundamento das questões teóricas da pesquisa. Tendo em vista, inclusive, que não são muitos os estudos na área de cunho teórico-crítico sobre o futebol brasileiro como também de trabalhos que se fundamentem em pressupostos mais amplos, envolvendo o contexto social e cultural.

Destaco Demo (1992), por acreditar como este autor, que existem dois caminhos para perceber a realidade, em que um considera esta como algo pronto, algo feito, e o outro como algo a fazer, pois entende essa realidade como criativamente histórica, sendo mais importante que o próprio método. Enquanto pesquisador, acredito na realidade como algo em transformação, e que o método me auxilia na organização da percepção da realidade, mas que essa realidade é muito mais complexa que qualquer método possa alcançar completamente.

A ênfase especial nesta pesquisa são as questões de caráter teórico-conceituais e as análises de pressupostos teóricos re-lidos com o olhar voltados para a questão prática do

futebol. Por isto, a pesquisa também se caracteriza por ser uma *pesquisa teórica* como na caracterização de Demo (1994), para quem a pesquisa teórica, “não implica imediata intervenção na realidade, mas nem por isso é menos importante. Seu papel é decisivo para construir condições básicas de intervenção, precisamente o investimento em conhecimento como instrumento principal de intervenção competente. A pesquisa teórica perfaz uma condição fundamental desta competência e determina, por isso, a qualidade da intervenção” (p36). Continua o autor, ao dizer que será teoricismo imaginarmos que a teoria basta, mas torna-se um componente estratégico de competência inovadora “navegar com desenvoltura, sobretudo como sujeito construtivo, nos meandros da discussão teórica, participando da vanguarda” (p.36).

Assim, do ponto de vista metodológico, quanto a natureza da abordagem e interpretação do objeto o estudo se caracteriza como uma pesquisa *qualitativa*, conforme indicações para este tipo de pesquisa apresentado por Ludke e André (1986).

Desenvolveu-se no primeiro capítulo um estudo introdutório sobre as possíveis origens do futebol e suas relações com os contextos sociais em que ocorreram indicações de sua existência e desenvolvimento.

O segundo capítulo serviu-nos de amparo teórico para a totalidade dos estudos. Trata-se do desenvolvimento dos pressupostos teóricos básicos para toda a pesquisa a partir de alguns teóricos da Teoria Crítica da Sociedade, da chamada Escola de Frankfurt, traçando algumas referências também às análises sócio-antropológicas do futebol brasileiro.

Para o terceiro capítulo ficou reservado uma análise mais específica do futebol brasileiro e suas transformações em esporte espetáculo, primeiramente pela mídia, e também influenciado entre outros, pelos (re) ordenamentos legais do futebol brasileiro, como Lei Zico e Lei Pelé, e suas possíveis repercussões no seu ensino/aprendizagem.

Também neste capítulo, reservamos alguns procedimentos, que se melhores refletidos, poderão vir a contribuir num processo de ensino de futebol diferenciado do hegemônico.

Restando, assim, como conclusão do trabalho, dentro deste capítulo, as análises de possíveis conseqüências e aproveitamentos para o ensino do futebol brasileiro notadamente a partir da existência e desenvolvimento da pedagogia crítica para esta área, deste estudo. Ou seja, procurando mostrar em que medida ele realmente poderá contribuir para futuras intervenções.

Ao encerrar esta introdução, tenho a consciência de que questionamentos e contrariedades, surgirão ao longo da leitura deste trabalho, mas entendo como Demo (1994 p.23), que “a coisa mais inútil em ciência, é defender ferrenhamente teorias, porque estas, a rigor, não se fazem para serem defendidas, mas para questionar e serem questionadas. Somente teorias que se abrem irrestritamente ao questionamento fazem questionamento, ou seja, são científicas”.

*“Não vou deixar me embrutecer
eu acredito nos meus ideais,
podem até maltratar meu coração
que meu espírito ninguém vai
conseguir quebrar”*

CAPITULO I

O FUTEBOL NAS DIFERENTES ETAPAS DAS SOCIEDADES

1. O primeiro tempo do futebol

A presença de um jogo semelhante ao futebol¹ em diversas etapas da história da civilização torna-se a partir de diversos historiadores, sociólogos, antropólogos, quase que inquestionável, devido a seus relatos e apresentações de suas pesquisas.

Quanto mais nos aproximamos de suas pesquisas, e mais conhecemos a história, mais aparecem pequenos, mas relevantes indícios de que o “jogar futebol” tem suas raízes plantadas mais longinquamente que podemos imaginar.

Este jogo que tinha como característica conduzir um objeto esférico, podendo ser com os pés, pernas, cintura, - e em alguns casos também com as mãos, - entre dois ou mais grupos, surge em diversos acontecimentos históricos. Fatos estes que originaram conforme Sevcenko (1994), a maioria dos jogos esportivos atuais. Suas origens em geral, partiram de inúmeras práticas populares ou aristocráticas, de rituais ou de ludicidade.

¹ Salientamos que ao falarmos de futebol nesta primeira parte do texto, estamos nos referindo a uma forma de manifestação popular da antiguidade, que caracteriza-se por ser um jogo, e que de alguma forma assemelha-se ao jogo de futebol hoje praticado. É necessário entender conforme Elias (1992), que há uma tendência para apresentar os desportos modernos como uma restauração dos jogos da antiguidade. Estes teriam formas, e valores diferentes do esporte moderno.

Galeano (1995), destaca que desde há muito tempo, um jogo semelhante ao futebol era praticado pela população em geral, que de alguma forma representava algum significado especial. Dentre vários significados, as celebrações, e os rituais, constam como os mais incidentes.

De modo ilustrativo, citamos alguns personagens que marcaram de alguma forma a história, e são comentados como praticantes do jogo de futebol. Entre eles o filósofo Nicolau Maquiavél, como sendo um jogador praticante, os papas Clemente VII, Leão IX e Urbano VIII, como jogadores assíduos, e ainda retrocedendo mais na história, comenta-se sobre os imperadores romanos Júlio César e Nero como praticantes de um jogo que assemelhava-se ao chamado futebol², destaca ainda Galeano (1995) que “(...) não há dúvida de que os romanos jogavam algo bastante parecido com o futebol enquanto Jesus e seus apóstolos morriam crucificados”.

É compreensível, que se destaque alguns personagens da história e, na própria história do futebol seus nomes sejam referidos para caracterizar o quanto este era disseminado. Mas é preciso apontar, que este jogo, veio atravessando a história mesmo, foi através de sua aceitação pelo povo, ou as consideradas “camadas inferiores” da sociedade, que tinham nesta espécie de jogo uma forma de extravasar suas tensões, opressões ou solucionar algumas desavenças entre comunidades.

A Inglaterra destaca-se como o berço da atual sociedade, onde este jogo desenvolveu-se talvez de forma inesperada. Durante alguns séculos, e por alguns reis, o jogo de futebol, estava determinadamente proibido de ser praticado. Galeano (1995) destaca o rei Eduardo II (1314), que estampou seu selo em cédula real para condenar este jogo considerado estimulador de violência.

Elias (1985) apresenta a proclamação publicada em nome deste rei redigida desta forma:

*Manifesto para a preservação da paz...Atendendo a que o nosso Senhor o Rei se dirige às regiões da Escócia, na sua guerra contra os inimigos e nos ordenou em especial que mantivéssemos estritamente a paz...E atendendo a que existe grande tumulto na cidade por motivo de certas desordens que ocorrem em grandes jogos de futebol realizados nos espaços do domínio público dos quais muitos males podem eventualmente surgir – Deus nos defenda – ordenamos e proibimos, em nome do Rei, sob pena de prisão, que tal jogo daqui em diante seja praticado dentro da cidade”(apud H. T. Riley (ed.), *Munimenta Gildhallae Londoniensis*, *Rolls Ser.*, nº12, Londres 1859 – 62 vol.III, Apêndice II, excertos do *Liber Memorandum*, pp. 439-41, texto latino e anglo francês, com tradução inglesa do anglo-francês). (p.258)*

O sucessor rei Eduardo III (1331) deu continuidade no combate ao jogo de futebol praticado pelo povo, ao achar mais conveniente, a canalização de energias para atividades mais úteis, como as militares por exemplo, acentuado desta forma em Elias (1985 p. 238):

Aos funcionários principais de Londres. Ordena para que qualquer homem fisicamente capaz da dita cidade, no dias de festa quando tem lazer, seja obrigado a usar nos seus desportos arcos e flechas ou grãos de chumbo miúdo e dardos...proibindo-os sob pena de prisão de se envolverem no lançamento de pedras, nos loggats e quoits, no andebol, no futebol...ou noutro jogo fútil sem valor(...)(p.259 apud cal. of close Rolls, Ed.III, 1910, pp.181-2).

Entre proibições e castigos severos, este lúdico ou ritualístico jogo, continuou sendo praticado em diversas regiões, isto talvez por ir além da mera diversão e fazer parte como já mencionado, do contexto das celebrações de diversos povos. Entre estes fatos, percebe-se também que a “insistência” em jogar o futebol, destacava-se pelo fato de o Estado oferecer também poucas alternativas para substituir a satisfação do povo em “pratica-lo”.

² Eduardo Galeano – *Futebol ao sol e a sombra* Ed. L&PM 1995 Porto Alegre/RS, e revista *Ciência Hoje* das crianças – Ano 11 N°80 (p.7-10)

Algumas comunidades medievais, tinham o costume de jogar o futebol em algumas datas comemorativas, em que alguns grupos articulavam os jogos entre si, num jogo de “queda de braço” com as autoridades que o condenavam. Conforme Elias (1985)

Assim, um documento de 10 de Janeiro de 1540, emanado dos responsáveis do municípios e da Corporação dos Ofícios de Chester, refere que era de costume na cidade, na terça-feira de Entrudo³, os fabricantes de sapatos desafiarem os negociantes com loja de fazenda para um jogo com uma 'bola de couro chamado futebol(p.261).

Não só pela festividade era marcado a prática do jogo de futebol, mas também por resolver possíveis querelas entre famílias ou comunidades, onde neste jogo tudo valia, tendo como resultado, vários feridos e mortos, o que era um traço comum da sociedade medieval. Destaca-se que nesta sociedade, a tolerância para a violência era muito maior que na atual sociedade. Os confrontos organizados em dias santos ou feriados é uma maneira desta violência aflorar, onde estes confrontos considerados semi-institucionalizados,

(...) constituíam um traço vulgar do padrão de vida tradicional na sociedade medievais. Jogar com uma bola de futebol era uma das maneiras de concretizar uma destas lutas. (...) De fato, constituía um dos rituais do ano, comum nestas sociedades tradicionais. (...) Nesta época, o futebol e outros encontros semelhantes não eram apenas rixa acidentais. Eles constituíam um tipo de actividade de lazer equilibradas, profundamente entrelaçado na urdidura e trama da sociedade.” ELIAS (1995 p.263)⁴

Fora do contexto europeu⁵, até aqui centralizado, temos também indicações de jogos de futebol praticado no México e América Central, conforme Galeano (1995), datado de uns mil e quinhentos anos antes de cristo, onde uma bola de borracha representativa do

³ O mesmo que Terça-Feira gorda, ou de carnaval

⁴ ELIAS (1995) em nota (nº9 p.263) salienta que “Há todas as razões para acreditar que na Inglaterra medieval existiam, lado a lado formas de futebol relativamente não institucionalizados e formas ritualizadas. Neste contexto, aquilo que é importante é o nível de violência comparativamente elevado nas últimas.

⁵ Procuo deixar claro, que a abordagem do contexto situado na Europa medieval, e moderna, se dá pelo “diálogo” com o autor até aqui mais utilizado, no caso Norbert Elias, e que traz contribuições importantes do

sol em uma cerimonia, tinha de ser posta entre dois paus, sem usar as mãos, mas com a parte superior do pés descalços, isto, conforme relatos de índios da selva amazônica Boliviana, referenciados por Galeano (1995), tem origens remotas. Esta forma ritualística, era praticada segundo citação à seguir:

Quando o jogo terminava a bola culminava sua viagem: o sol chegava ao amanhecer depois de atravessar a região da morte. Então, para que o sol surgisse, corria o sangue. Segundo alguns entendidos, o astecas tinham o costume de sacrificar o vencedores. Antes de corta-lhes a cabeça, pintavam seus corpo em faixas vermelhas. Os eleitos do deuses davam seu sangue em oferenda para que a terra fosse fértil e o céu generoso (p.27).

Não pretendemos abordar aqui, o contexto histórico do futebol, tais como: seu surgimento, data, local e etc..., mas formar um caminho para situar, e refletir, como este jogo transita por vários contextos civilizacionais e em diferentes épocas, com diferentes intenções, misturando fascinação e prazer ao pratica-lo, pois acreditamos, que algo diferente disto, teria perdido-se na própria história.

Com isto, várias são as tentativas atuais de entender/explicar a prática do futebol. Algumas tentam a partir do que representa este jogo, pessoalmente para quem o pratica. Outras procuram explicar o que este representa no âmbito social.

No contexto pessoal, talvez isto se de alguma forma, pela fascinação e desafio de conduzir um objeto esférico com o mesmo aparato de equilíbrio e locomoção: os pés.

Também ainda podemos dizer, que, talvez por exigir movimentos precisos de partes do corpo que parecem não possuir uma motricidade tão precisa quanto as mãos, dando um caráter quase sempre de malabarismo ao jogo de futebol. Ou no caso brasileiro, conforme DaMatta (1994), seja pelo movimento sobretudo das pernas, dos quadris e da

cintura “(...) estas partes da anatomia humana que, no caso da sociedade brasileira, são alvo de um elaborado simbolismo “(p.16)

No aspecto social, podemos insinuar, que seja um meio pelo qual, a maioria populacional sempre oprimida, percebe uma forma de extravasar através do jogo a alegria, a angústia, e a opressão do dia a dia.

Poucas experiências são comparadas com a sensação de jogar futebol, a alegria, a tensão a brincadeira que este jogo proporciona, torna-se contagiante. Sem contar que “enfiar o pé numa bola”, é como que se chutasse tudo aquilo que prende e sufoca. Não que isso solucione, mas que da uma sensação de alívio, e euforia, isto dá! Poderia dizer “particularmente”, que nada mais atraente e impulsivo, do que ver uma bola rolando e dar um “chute”.

Pôde-se perceber até aqui, que a tradição de jogar bola, ou qualquer outro objeto esférico com o pés, tem tradições longínquas, e que de algum modo assemelha-se ao futebol contemporâneo, assumindo um grau de parentesco mais próximo, ou mais distante.

Independentemente da trajetória do jogo de futebol, entre punições e proibições, mortos e feridos, este jogo mantém-se século após século, de forma mais inibida em alguns, e de forma mais exacerbada em outros.

O que estamos procurando interpretar, é como este jogo vai sendo construído culturalmente hoje como forte mobilizador popular, e que hoje mais do que nunca, em diversos aspectos, mobilizando o povo. Talvez por ser o “jogo”, como define Huizinga (1996), uma evasão da vida real, não pertencendo a vida comum, do cotidiano

Qual seria então esta magia? O que faz uma sociedade absorver este jogo em detrimento de outros? Qual sua “fonte de rejuvenescimento”, que não o permitiu perder-se

em seu longo trajeto? Atrás destes questionamentos, é que iremos apresentando algumas possibilidades, que possam vir a legitimar estas questões.

2. O esporte, em especial o futebol, inserido na sociedade moderna⁶

Para Elias & Dunning (1985), torna-se difícil compreender a sociedade, sem compreender o fenômeno desporto, como também torna-se difícil compreender o desporto sem perceber a sociedade ao qual ele está inserido. Entendemos esta consideração, como de suma importância para interpretar o fenômeno esporte, especificamente o futebol na sociedade moderna.

Para perceber o esporte, há de entender em que condições ele foi consolidando-se. Para alguns autores⁷, ele tem como berço a própria Inglaterra, onde o esporte vai diferenciar-se do jogo, pela extrema importância dada na competição e mais ainda na vitória, como também nos valores quantitativos, propriedade característica de um sistema voltado para a produção e rendimento.

É justamente na Inglaterra no início do século retrasado, que estava “surgindo” o que viríamos a conhecer o que convencionalmente chamamos de capitalismo, que dentre as perversidade deste modelo social, uma das mais indignas, é o enriquecimento de poucos em detrimento de muitos. É neste contexto encontrado na Europa do século XIX e XX, que aflora o esporte moderno.

Para Sevchenko (1994), o esporte apesar de ter surgido da característica do jogar, atualmente torna-se coisa diversa a isto.

O que caracteriza por excelência essa nova atividade, é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do

⁶ Por sociedade moderna, esboçamos nossa compreensão mais adiante. Aqui também diferenciamos jogo de esporte, pois ao falarmos em sociedade moderna, o jogo cede espaço ao esporte.

⁷ Como Norbert Elias, Eric Dunning

espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais (p.32).

Com tantos fatores em comum entre o esporte e o sistema econômico que está inserindo na sociedade, a aproximação torna-se inevitável, não sendo portando, mera coincidência.

Para melhor entender nossa abordagem, achamos conveniente salientar que o jogo, como atividade lúdica, ritualística, comunitária, deu-se em diversas culturas, em diversos locais, em diversas regiões. Mas o esporte em si, a desportivização dos jogos, o caráter institucional, como hoje conhecemos, tem sua origem na Inglaterra que é por isto mesmo considerada como local berço do esporte moderno.

Esta identificação provém do momento vivido pela sociedade inglesa, no movimento de avanço do capitalismo.

Conforme Elias (1995), o parlamento inglês passava por uma fase de afirmação e estruturação, exaltando o discurso à favor da sobrevivência e êxito social parlamentar, para isto, enfatizavam o discurso contra a violência e a luta armada, mas exaltavam a luta pelo poder através da argumentação, da persuasão⁸. Aos cavalheiros ingleses, nos confrontos parlamentares, não era permitido perder a calma e reagir com violência, tal qual a essência do esporte inglês ao exaltar o *fair play*.⁹

O esporte, neste contexto inglês, serviria para desenvolver o espírito competitivo, exigido nas disputas eleitorais, e desenvolver a capacidade de aceitação e subordinação às regras, do jogo. Esta era uma das morais do cavalheirismo, inglês, ter ímpeto para enfrentar

⁸ Este aspecto do persuadir pela palavra, pelo discurso, nos remete em suas devidas proporções, à democracia ateniense, que no seu tribunais de decisões da vida pública ou privada, a retórica passava a ser aspecto fundamental. As pessoas capazes de persuadir através dos retóricos, levam o nome pejorativo de sofistas. Conforme François Châtelet - *Uma história da razão: uma entrevista a Emile Noël*. Ed. JZE 1994.

⁹ O termo *fair play*, tem em sua concepção, o jogar cavalheiristicamente, respeitando as regras do jogo e o adversário. Perder ou ganhar com decoro.

os desafios, respeitar os adversários e as regras do jogo, ser cordial com os derrotados, também lembrando a estes, que embora derrotados as regras devem de serem respeitadas. Em resumo, o cavalheirismo que a Europa sempre prezou, mas que em diversas circunstâncias, esqueceu, pisoteou e “varreu para baixo do tapete”, quando tratou de pilhar, colonizar, dominar, invadir!

Com o parlamento incentivando e dando o direito à população inglesa de reunir-se livremente, ao contrário do que ocorria na França, onde o rei proibia esta manifestação, surgiram os clubes, o que conforme Elias (1995 p.65), “representou um papel crucial no desenvolvimento do desporto.”

Nos clubes, os jogos, começaram a ganhar características e leis comuns, coisa inexistente em fases anteriores, onde as regras eram estabelecidas pelos costumes locais, e variáveis em diversas circunstâncias. Para Elias (1995) “na fase anterior ao desporto, divertimentos como a caça e uma diversidade de jogos de bola eram regulamentados de acordo com as tradições locais que variavam com frequência, de uma localidade para outra” (p.65).

Para Huizinga (1996), o fato dos jogos tornarem-se regrados, torna-se evidente, a partir de que exista uma certa “tendência” em organizar, ou tornar regular algo que aconteça seguidamente, como os jogos de bola entre grupos diferentes, jogando uns contra os outros, exigindo equipes permanentes, o que tornou-se ponto de partida do esporte moderno.

Este processo vai dando-se durante os encontros, entre as aldeias, escolas, bairros ou cidades, e nisto torna-se compreensível que a Inglaterra pela formação dos clubes, possa ter sido o ponto de partida do esporte moderno, mas ficando alguns questionamentos para

Huizinga (1996), se realmente o espírito anglo-saxão, embora favorável, possa ser considerado a causa mais eficiente. Porém acrescenta que:

(...) não há dúvida que a estrutura da vida social inglesa lhe foi altamente favorável, com os governos locais autônomos encorajando o espírito de associação e de solidariedade, e a ausência de serviço militar obrigatório fornecendo ocasião para o exercício físico, além de impor sua necessidade. (...) Foi assim que a Inglaterra se tornou o berço e o centro da moderna vida esportiva (p.219.)

Torna-se de relevante consideração, perceber não só o surgimento, desenvolvimento e institucionalização dos jogos, mas sobretudo sua permanência nas atuais sociedades.

Esta permanência do jogo transformado em esporte nas atuais sociedades, pode ser legitimada, por este ser um meio de controle e detenção dos ímpetos e dos impulsos, necessários às sociedades modernas em construção, cuja vida civilizada, torna-se repleta de renúncias¹⁰.

Entre estas renúncias e controles, estão os sobre os sentimentos, as paixões, e os impulsos, entre eles os libidinosos. Nesta sociedade, sentimentos fortes demais são constantemente policiados¹¹, “as pessoas que se agitam demasiado sob o domínio de

¹⁰ Sobre este controle dos ímpetos ou impulsos, nos leva a lembrar uma passagem exposta por Adorno e Horkheimer, que destacam que o ímpeto, é comparado ao animal que o homem subjuga, por isso deve ser recalçado, introvertido e sucumbido na auto afirmação do homem como sujeito. E emerge, a figura de Ulisses em uma das passagens do canto das sereias: “*Ulisses observa como as servas se esgueiram de noite ao encontro dos pretendentes, ‘e o coração em seu peito ladrava’.*(...) *Batendo no coração, punia-o com as seguintes palavras: ‘Aguenta coração! Mais duras penas suportaste no dia em que o cíclope monstruoso devorou enfurecido meus bravos amigos. Suportaste sozinho até que, graças a um stratagema escapaste da caverna onde antevias uma noite horrorosa!’ Assim falou, punindo o coração no peito irado. Logo o coração recobrou a calma e ficou inabalável.*” *Dialética do Esclarecimento* Ed.JZE 1985. Notas do Excurso I, Nº5, p.243. O interessante a notar aqui, é o domínio do coração, como o domínio dos impulsos, do corpo e dos sentimentos, pela variável representatividade que este órgão possui.

¹¹ Destacamos aqui que entre os sentimentos considerados incontrolláveis, estão as paixões, representantes mais fiéis da exteriorização dos sentimentos humano. Principalmente as paixões entre homens e mulheres que estes ao viverem este momento plenamente, retiram-se do mundo das objetividades, da funcionalidade, das comparações. As pessoas ao declararem-se apaixonadas, são consideradas “fora” da realidade, por viverem momentos contemplativos entre si, de absoluta alienação do mundo produtivo, racional. Semelhante a sensação daqueles que experimentam a flor de lótus. A modernidade sob a luz da razão, descobre que a paixão expõe a essência humana como uma irracionalidade congênita. As paixões vão se tornando aos poucos objetos de estudo da medicina, tratadas nas clínicas, as paixões ganham suspeita de doença.

sentimentos que não podem controlar são casos para hospital ou para prisões” Elias (1995 p.69).

Para Huizinga (1996), entra também em questão o velho desprezo pelo corpo, o corpo que fala, que se manifesta na forma de alegria, tristeza, descontentamento, indignação, etc...

O jogo traz consigo, os dois lados de uma mesma moeda. De um lado, foi em certas ocasiões reprimido, por representar manifestações e expressões corporais, que deveriam ser subordinadas à parte “não corporal, não material”, ou seja, a alma. Esta concepção, pode-se dizer que está ligada entre outras, à religiosidade medieval, onde teve influências de várias correntes filosóficas de muitos séculos atrás¹². Poderíamos aqui lembrar, acompanhando o movimento da história, do pensamento Aristotélico que guardadas as devidas proporções e temporalidade, já manifestava-se a respeito do corpo como objeto de domínio¹³.

Para Santin (1996), o modelo religioso, pode levar a comportamentos extremos. Por pretensão da liberdade espiritual e sua plenitude, “recorre-se a disciplinas que

Medicalizadas, refugiam-se nas regiões marginais supostamente sem compromisso com o real e o verdadeiro, as literaturas e as artes. Marilena Chauí (1987) - *Sobre o medo* – in Os sentidos das Paixões Ed. Companhia das letras 1987 São Paulo/SP

¹² Até a idade média, o conhecimento passa a ser dado pela igreja, o teocentrismo que determina o homem. A apropriação do conhecimento gerado por Platão e Aristóteles pela igreja faz desta a detentora da verdade e também legitima-se como instrumento de mediação entre Deus e o mundo terreno. “ Ao produzir conhecimentos a Igreja uniu o saber greco-romano aos dogmas cristãos, buscando dar assim uma fundamentação sólida as doutrinas do Cristianismo. Toda a vida intelectual ficou subordinada a Igreja: a teologia, a filosofia e a ciência traziam umas mais, outras menos explicitamente, a marca da religião”. Rubano & Moroz (1988) *A fê como limite da Razão: Europa Medieval* in Para compreender a ciência – uma perspectiva histórica 3ª edição Ed. Espaço e tempo (p.133)

¹³ “Em primeiro lugar, todo ser vivo se compõe de alma e corpo, destinados pela natureza, uma a ordenar, o outro obedecer. A natureza deve ser observada nos seres que se desenvolveram segundo as suas leis, muito mais que no degenerados.(...) porque eu não falo do homens corrompidos ou predispostos à corrupção, nos quais o corpo governa o espírito, porque são viciados e desviados da natureza. Primeiramente, como dizemos, deve-se reconhecer no animal vivo um duplo comando: o do amo e o do magistrado. A alma dirige o corpo, como o senhor ao escravo.(...) É claro, pois, que a obediência do corpo ao espírito, da parte afetiva à inteligência e à razão, é coisa útil e conforme com a natureza. A igualdade ou direito de governar cada um por sua vez seria funesta a ambos”. Aristóteles – A política (p.15 f 10 – 12)

amordaçam o corpo, negando-lhe a satisfação de suas necessidades básicas, por serem julgadas indignas do homem” (p. 39).

Do outro lado da moeda, na atual sociedade, o jogo, serve para aliviar as tensões da vida moderna, e canalizar para a competição, os impulsos relacionados à própria vivência oferecida por esta mesma sociedade. Neles inclui-se os descontentamentos, as injúrias, as revoltas, as adversidade entre grupos, os problemas sociais, sobretudo o econômico, que poderiam resultar em extrapolações de sentimentos mais reprimidos com uma possível manifestação de violência, são desviados ou direcionados pelo ou para o esporte.

Como exemplo disto, nos aponta Sevckenko (1994), referindo às rivalidades que decidiam-se no jogo de futebol, entre católicos e protestantes, Irlandeses ou Gauleses e Anglo-Saxões, residentes fixos e imigrantes, e outras formas que podemos imaginar.

Cada uma da grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período em duas imensas comunidades rivais, arrastadas ao mais apaixonado estado de loucura, quando o times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos. Era uma comoção, um remoinho, um cataclisma de nervos arrebatados e corações explodidos, não raro com algumas cabeças quebradas e olhos arroxeados. (p.35)

Norbert Elias, em sua obra¹⁴, expressa que a justificativa da manutenção do desporto na sociedade, passa por este ser uma forma de partilhar com outras atividades, num controle “agradável” da ausência de controle de sentimentos. Destaca também que, na sociedade contemporânea, existe uma certa “tendência” em freiar a liberdade de movimentos corporais, pois um elevado grau de excitação são considerados como fora da normalidade em qualquer pessoa, e no caso ainda de multidões, como uma perigosa

¹⁴ *A busca da Excitação* Ed. Difel 1995

antecipação de violência. Expressa esta tendência num exemplo de uma apresentação musical e o comportamento da platéia numa sociedade contemporânea.

O pulso acelera; a mão esquerda do músico torna-se uma mancha assim que os dedos do pianista correm de um lado para o outro do teclado. O momento construído para a série final e acordes triunfantes: Ta tah! Tum tummmm! O violinista esboça uma longa e intensa inflexão para baixo; ao desprender os seus braços estes voam, exultando, para o ar.

Então incómodo silencio, um pouco de tosse, algumas mudanças de posição nos lugares; o solista olha para o chão; o braço inclina-se timidamente para baixo. Para retornar a sintonização, uma nota ou acorde do pianista, assim que os executantes retomam alento do intenso excitação que construíram sem que se desprendesse uma resposta de confirmação.

Onde estamos? Num grande auditório, entre uma sofisticada assistência. De outro modo, algumas pessoas que tinham sido estimuladas por toda esta actuação teriam feito aquilo que parecia óbvio, e os seu vizinhos conhecedores tê-los-iam feito calar imediatamente. E porquê? Por que é apenas o final do primeiro andamento embora a música diga "aplauda por favor", o decoro, num concerto nos finais do século XX, diz "por favor aguarde" ELIAS (1995 p.82) apud (Will Crutchfield, 'To Applaud or Not Applaud', International Herald Tribune, 1 - 2 de junho de 1985).

Na procura de reprimir estas tensões, surgem novas tensões, colocando as pessoas num constante questionamento, originando-as novamente. Alguns apresentam a capacidade de canaliza-las em várias atividades benéficas para si, outros tem relativas dificuldades em restringi-las, mantendo-se em conflito permanente.

Para Elias (1995), nas sociedades modernas, desenvolvem-se algumas medidas para centralizarem as tensões dos stress¹⁵ por elas mesma criadas. Sendo que as sociedades que atingiram um certo nível de civilização, observa-se mais facilmente uma considerável

¹⁵ Esta palavra *stress* é muito utilizada na sociedade atual, um termo originário da engenharia, que designava forças atuantes sobre uma determinada resistência, hoje expressa um comportamento de desequilíbrio psicofísico das pessoas. O *stress* é um desequilíbrio, ou numa melhor linguagem, a ruptura da homeostase orgânica. Sempre que um fator alterar este processo de equilíbrio, o organismo se prepara para reagir. O conjunto de repostas fisiológicas específicas e/ou generalizadas do organismo, diante de estímulos, que também são pressões é o *stress*. As pressões "normais" se transformam em *stress* por: frequência com que ocorrem, intensidade circunstâncias do momento. Fonte: *O Fascínio do Stress* Rodrigo Pires doRio - Ed. Del Rey. Belo Horizonte/ MG 1995.

variedades de atividades de lazer que desempenham a função de alívio do stress, sendo o desporto, uma delas.

No esporte, e principalmente no esporte coletivo, e, no caso específico o futebol, podemos perceber um outro lado mais escondido, mais travestido, no que tange a liberdade no esporte moderno. Se o esporte é visto como uma atividade que ao praticá-lo, permite experimentar a sensação de liberdade contida em outros níveis da vida social, salientamos que atualmente no esporte de alto rendimento, esta possibilidade torna-se bastante limitada.

O próprio futebol moderno, competitivo, limita pela necessidade do aperfeiçoamento técnico, e subordinação tática. Percebemos que, o que existe no futebol moderno, via de regra são movimentos que pouco têm de liberdade, por serem pré-estabelecidos pelo gesto técnico. Mas, como isso é de difícil percepção, a maioria pode ter a impressão de que este esporte desenvolve-se num amplo domínio de liberdade, da mesma forma como confundem, a imagem da vida saudável dentro deste domínio.

Com este panorama apresentado, do surgimento do futebol seu desenvolvimento, repercussão e sua possível utilização na sociedade, vamos tentar apresentar agora sua incursão e aceitação e como pôde ter se tornado manifestação popular na sociedade brasileira. Quais processos históricos colaboraram para isto?

3. O desenvolvimento das grandes cidades brasileiras: o futebol como alternativa de tempo livre

Até aqui temos uma abordagem dos principais indícios que nos permitem entender como surge o jogo, o esporte e especificamente o futebol, e que condições possibilitam o seu desenvolvimento e manutenção através do tempo. Assim como também do próprio esporte no seu sentido mais amplo.

As elaborações feitas anteriormente, nos servem agora para tentar interpretar o fenômeno cultural futebol na sociedade brasileira. Sociedade esta que vem desenvolvendo-se no final do século XIX e início do século XX, principalmente a partir de modelos e costumes advindos do “velho continente”, que são expandidos para o “resto” do mundo. Em outras palavras, a sociedade brasileira desenvolve-se à partir do modelo social e econômico impostos pelos países considerados desenvolvidos, tendo na Inglaterra um destes modelos.

Para melhor nos fazermos entender quanto a disseminação do futebol como esporte aqui no Brasil, principalmente a partir das décadas iniciais do século XX, apontamos alguns fatos históricos deste processo.

A forma pela qual o futebol integra-se a sociedade brasileira,¹⁶ principalmente como esporte institucionalizado, tem a ver com o desenvolvimento do Brasil neste contexto histórico. A influência da Europa em especial da Inglaterra, com seus costumes, cultura e modelos nesta sociedade, com o tempo demarcado entre o final do século XIX e início do XX, não se dá por acaso.

A trajetória vem um pouco anterior na história. Conforme Novaes (1999), o Brasil, assim como toda a América Latina no final dos séculos supra mencionados, estava sob comandos ingleses. Resgatando um pouco a história, é possível entender melhor a questão colonial do país.

A invasão de Portugal pela França, foi um grande golpe contra Portugal. Como o Brasil na época era colônia de Portugal, o “colonizador” agora invadido, trocamos então de mãos. No início do século de acordo com Novaes (1999),

¹⁶ Alguns fatos nos demonstram que o jogo de futebol em alguns locais do país já era praticado nas mais variadas formas entre estas pelos índios brasileiros.

apesar de continuarmos oficialmente como colônia portuguesa, já estávamos, digamos, 'economicamente disponíveis'. A invasão de Portugal, em 1808, por Napoleão foi o golpe final no poderio dos nossos colonizadores. E o Brasil ficou para a Inglaterra, é claro, que na época era uma espécie de Rainha do Mundo" (...) Ao estabelecer sua dominação aqui, a Inglaterra não precisou fazer como na África, ou seja: impor-se economicamente pela via política. (...) No Brasil, já estava tudo pronto; a economia já fora constituída em função das necessidades externas. A classe dominante dependia das exportações para prosperar(91-93).

O avanço europeu, principalmente inglês sob os países considerados periféricos, é o braço e ao mesmo tempo as “garras” do capitalismo devastador estendendo-se sem piedade sob estes mesmos países. Neste contexto temporal, (século XIX), alguns fatores podem ser observados. Entre eles está a expansão das metrópoles.

No entendimento de Sevckenko (1994), esta expansão se deu através do desenvolvimento científico tecnológico que proporcionou migrações provocadas pela “globalização” das novas tecnologias, que na busca de matéria prima e mercado, abrangem todo o planeta numa corrida imperialista.

Estas novas tecnologias foram as responsáveis, devido a dispensa da força de trabalho, por colocar multidões a vagar no mundo inteiro à disposição do mercado, “(...) populações imensas foram deslocadas de seu habitat e posta a vagar pelo mundo ao sabor do mercado internacional da mão de obra, arrastadas pela velocidade dos novos transatlânticos no maior movimento migratório jamais registrado na história” (p.33).

As grandes cidades foram o alvo das grande firmas de capital estrangeiro, como também desta população à deriva, que sem emprego, para sobreviver, sem terras, e sem ferramentas, procuravam emprego nas indústrias que expandiam-se nas grandes cidades.

As cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, aqui no Brasil, foram cidades que tiveram um grande crescimento populacional, pois significavam duas grandes cidades do

centro do país, e com uma rápida expansão industrial de capital estrangeiro. Esta ampliação do “mercado industrial”, significava a oportunidade de novos empregos.

Quem visitasse o país na primeira década, e retornasse após 20 anos, ficaria impressionado. A sociedade brasileira no entrar do século XX, sofria importantes mudanças na economia, na luta política, nas relações sociais.

A Guerra Mundial de 1914 à 1918, mudou o mundo, tendo a cultura ocidental novos valores e novas perspectivas.

O Modernismo, espécie de síntese europeia de diversas tendências culturais do pós-guerra, acabou explodindo entre nós como um petardo. (O Modernismo não era, afinal, tão revolucionário quanto pareceu a princípio. O estardalhaço se deveu muito mais a ter caído num meio estagnado, como era o nosso em 1922) Santos (1981 p.41)

As cidades cresceram, São Paulo pula de 200 mil para 600 mil habitantes, completando em 1940, 1 milhão de habitantes. A cidade de São Paulo, transformara-se, pessoas chegando da roça, negros abolidos da escravatura, jogados à margem e a miséria, gente atraída pelo café, enfim gente de todos os cantos. “As ruas andavam cheias, as chácaras eram amputadas para a construção de vilas, os cortiços derramavam gente pelo ladrão, as esquinas pontilhadas de cafés, clubes, prostitutas, cáftens, hotéis” Santos (1981 p.21).

Formavam-se os mendigos, os biscateiros, os sem-empregos, gente desocupada. A diversão dos ricos eram os galopes á cavalo pelas ruas, a dos escravos eram os batuques e dos brancos pobres, as touradas. Esta era São Paulo de início de século.

No Rio de Janeiro a coisa não era diferente. A cidade por volta de 1902, tinha em torno de 400 mil habitantes, e a questão que fica é de como se divertia todo este povo. Como na cidade de São Paulo, a classe mais alta divertia-se de modo diferente do povo.

Esta primeira, tinha o Prado, o boliche, o ciclismo, e o café cantante. Do povão, as festas eram “(...) as procissões, em que se jogava até peteca, uma por mês; a festa da penha, o mês inteiro de outubro, (...) devoção, piquenique, samba; o ‘bicho’ e o mafuá (espécie de quermesse com desenfreada jogatina) e a capoeira. A polícia, está visto, implicava com tudo isso “ Santos (1981 p. 24)

Num crescimento mais lento que São Paulo, o Rio tinha entretanto, uma “massa” de pessoas mais disponíveis. Com a necessidade de reestruturar a cidade que tinha uma arquitetura muito fechada em si própria, e a necessidade de abrir grandes avenidas para ventilar a cidade, mais gente ainda ficou nas ruas, muitos despejados e sem emprego.

Com esta crise interna, eclodiu na cidade em 1904, por quatro dias uma revolução que destruiu a cidade, chamada “da vacina obrigatória”¹⁷, a repressão ficou em cima dos anarquistas e dos capoeiristas. Os primeiros por liderarem politicamente toda esta revolução, os segundos por liderarem no confronto físico.

Com tudo isto, sobra espaço para o futebol, que torna-se o vencedor deste episódio de 1904. Sem ter a capoeira como “concorrente”, restou para este povo, a diversão nos terrenos baldios, surgidos pela remodelação da cidade. Aparecem vários times de futebol em diversos bairros. Sabendo o governo do potencial apaziguador desmobilizante do futebol e com qual poderia ser manipulada ou conduzida esta nova prática de lazer incorporada pelo povão da metrópole, passa a estimulá-lo, futebol contra a capoeira.

O país não mais se entendia, várias revoluções ocorriam na mesma época. Crescimento brusco das cidades, a emancipação feminina, as associações dos negros, tudo

¹⁷ Esta rebelião coincidiu com uma campanha contra a vacinação antivariólica, conforme Joel Rufino dos Santos – *História política do futebol brasileiro* – Ed. brasiliense 1981.

estourando ao mesmo tempo no país. O Brasil mudara. Para os conservadores, era pura subversão das mulheres e dos pretos.

Tudo isto junto, era o que foi convencionalmente chamado de Revolução de Trinta, um processo de mudanças ocorridas entre as guerras mundiais. Para Santos (1981), uma coisa apenas esta clara:

A Revolução de trinta transformou o brasil num país capitalista; um capitalismo de Segunda mão, subalterno e dependente, mas em todo caso, com sua alma e o seu rosto. Triunfando o capitalismo, a sociedade inteira se subverteu, como se a tivessem virado de cabeça para baixo: as cidades, sedes do comércio, das indústrias e dos negócios, tornaram-se mil vezes mais importante do que o campo e os bons pacatos valores de outrora, as justas e prezadas virtudes de antes, começaram a dar em água de barrela (p.45).

Neste quadro de mudanças, encaixa-se o futebol. Este veio inserindo-se aos poucos, desde espiar por através dos muros dos clubes, onde a burguesia da época divertia-se, e o povo não entrava, até o povo começar a participar nos times até então de elite, ou das indústrias estrangeiras aqui instaladas. “ Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família. Se não, ficava de fora, feito os moleques do Retiro da Guanabara, célebre reduto de malandros e desordeiros” Filho (1947 p.24).

O futebol vai aos poucos popularizando-se, diferente daquelas partida realizadas nos clubes grã-finos ou nas melhores avenidas das grandes cidades. O *dribling* foi popularizado para drible, e dentro do campo ninguém mais se lembraria de avisar o companheiro do adversário por perto com um *man on you* , bastava gritar ladrão.

Sumia o *field*, o *full-back*, *inside-right*, *referee*, *linesman*, do contexto do futebol, que permeara até alguns anos atrás, “ até 1930, se um jogador se machucasse, o ofensor só pedia desculpas sinceras se fosse em inglês: *I'm sorry*”, conforme Santos (1981 p. 13).



Do jogo nos clubes, do jogo inglês, para o jogo dos terrenos baldios, e também nas fábricas que se alastravam, não foi um trajeto muito longo. O que acontecera de curioso neste caminho, foi o “rasgo” dos manuais ingleses que a massa não entendia, e uma apropriação pelo povo deste jogo de futebol.

Das frestas dos clubes fechados, (para preto e pobre), do desaparecimento das bolas que caíam às ruas, da sua maneira de enfrentar a vida e de sua imaginação, o brasileiro inova uma forma de jogar diferente do estilo europeu.

Com um variável repertório de lidar com o corpo, entremeados pela capoeira, forma um dos ingredientes que o brasileiro se utiliza para jogar futebol. “No futebol como na política, a mulatice brasileira caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira” Freyre *apud* Rosenfeld (1993 p. 101).

A invasão do mercado industrial, o crescimento das grandes cidades, o forte aumento populacional, a miscigenação de costumes, e juntamente uma grande população “ociosa”, iludidas na migração e por novos horizontes na cidade grande, propiciava um terreno fértil para ocupação do tempo livre. O futebol jogado entre si pela elite inglesa que chegava ao Brasil na condição de investidores, colonizadores, exploradores, disseminava-se entre os operários das fábricas, e fora delas.

Dentre várias indústrias que aqui se instalaram pela abertura e pelo avanço do capital estrangeiro, uma entre todas, tem um significado especial para o tema que estamos abordando; “o futebol”.

Esta se caracteriza por ser uma firma de tecelagem sob o nome de Cia. Progresso Industrial, “(...) mais conhecida como Fábrica Bangú do Rio de Janeiro, uma tecelagem

brasileira de capital estrangeiro”¹⁸ que vai destacar-se, não por sua prosperidade, investimento feito, número de trabalhadores contratados, ou qualquer outra questão de ordem econômica ou trabalhista, mas pela aproximação com o futebol.

Esta indústria, é significativa por representar um marco¹⁹, na história do futebol no Brasil²⁰, ou seja, a difusão do jogo de futebol com o operariado, o que até então era coisa rara, pois quem tinha acesso a prática deste jogo, eram os técnicos e administradores que representavam a elite inglesa, e jogavam entre si. A Cia Progresso do Rio de Janeiro ficou mais conhecida como The Bangu Athletic Club, ou o time de futebol do Bangú, popularmente chamado.

Pode-se dizer que o Bangú popularizou o futebol, no Bangu não existia diferença entre arquibancada e geral, nem esta coisa de ‘fitinha importada’ na cabeça para sentir-se mais importante. Mas em Bangú, começou a história do “ganha mas não leva”. A confusão nos jogos eram tantas, pedras atiradas, vidraças partidas, que poucos se lembravam da taça “no fundo, luta de classes, sem ninguém dar por isso, é claro. Todos levando a coisa mais para a rivalidade entre o clube do subúrbio e o clube da cidade. (...) O Bangu, clube de

¹⁸ Fátima M.R.F. Antunes - O futebol nas fábricas. - Revista Dossiê futebol N°22 1994

¹⁹ Entre alguns marcos colocados para o futebol, assim como a da Companhia Progresso Industrial, (Bangú) para o futebol nas fábricas, há também o marco Charles Miller, como o introdutor oficial do futebol no Brasil. Porém, esta história diverge entre alguns autores, pois alguns posicionam-se contrariamente a Charles Miller como iniciador do futebol, Dentro desta concepção, inscreve-se Matthew G. Shirts, em seu artigo *Futebol no Brasil ou Football in Brazil* publicado in *Futebol e cultura – coletânea de estudos / Meihy & Witter* (organizadores) Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/SP –1982. O autor coloca que a estrutura histórica aceita e processada, é a repetição dos mesmo dados históricos sem uma reflexão crítica de seu conteúdos. O autor contesta o marco histórico de Charles Miller como “pai” do futebol, ao salientar que estudos feitos, (cita Gilberto Freyre, Artur Ramo e Roquette Pinto) demonstram que os indígenas no Brasil já praticavam o jogo de bola, com bolas própria de borrachas, e que o futebol padronizado segundo o critérios ingleses, “fora aceito por uma sociedade bastante apta a receber modelos – ainda que o seus próprios transformados” (p.89). Ainda destaca o autor, que “a bola de borracha dos índios não merece consideração nos escritos futebolísticos, fica relegada. O desprezo é sintomático, enquanto as de couro, inglesas, ganham referências após referências - sendo tratadas como a grande metáfora da penetração do futebol no País” (p.91).

²⁰ Entendemos também, que outras firmas foram neste mesmo contexto em outros locais do país. As referência por nós utilizada, destacavam como fato histórico para o futebol, esta indústria.

fábrica, botava operários no 'team', em pé de igualdade com os mestres ingleses" Filho (1947 p. 33)

A data de fundação do chamado Bangú A.C. (1904), embora sendo no início do século, não é marco de fundação de clube mais antigo no Brasil. O clube de futebol mais antigo do Brasil, encontra-se na cidade de Rio Grande, fundada em 1737 no interior do Rio Grande do Sul, cidade portuária que teve grande fluência de firmas estrangeiras, em grande parte inglesas e alemãs. O time que leva o mesmo nome da cidade, O Sport Club Rio Grande, é considerado o "vovô" do futebol brasileiro, constando sua data de fundação de 19 de julho de 1900, como clube de futebol que há cem anos ininterruptamente, mantém ativo seu departamento de futebol, disputando os campeonatos da primeira e segunda divisão do Rio Grande do Sul, organizados pela Federação Gaúcha de Futebol.

Procurando dar direção e sentido a nossa reflexão, caminhamos na direção da disseminação do futebol no Brasil, provocado por toda uma história contextualizada por uma sociedade que estava aberta a novas economias, novos costumes, novas culturas, pois o cenário facilitava para que isto ocorresse.

O interessante à notar, é que inicia na sociedade brasileira, uma absorção pelo futebol. Esta o absorve, em prol de qualquer outra forma de atividade lúdica e de tempo livre. (Re) significa e caracteriza como o "futebol brasileiro" representante então de uma forma pela qual uma sociedade identifica-se e manifesta-se.

4. O futebol como identidade nacional²¹

Para DAMATTA (1994), esta relação entre o povo brasileiro e o futebol, é tão intenso que de alguma forma esqueceu-se que esta prática desportiva, é do “*tipo importação*” mas que entendemos da mesma forma tão brasileira como o jogo do bicho, o samba, a mulata e a feijoada.

O brasileiro, poderíamos dizer, futeboliza a vida. No seu dia a dia, são incorporadas palavras e expressões que simbolizam o jogo de futebol, entre algumas; “ela/ele não me dá bola”, “chutei na prova”, “o sócio levou um drible”, “fui jogado para escanteio”, e ainda outras inúmeras conotações referindo-se ao futebol, que diariamente estão colocadas nas conversas informais, ou até mesmo “escapa” em conversas formalizadas.

Sentir-se, por exemplo querido ou cobiçado, garante que o outro lhe ‘deu bola’. Se tiver enganado o opositor, vangloria-se com o verbo ‘driblar’. Tendo se enganado, confessa que ‘pisou na bola’. Se excluído de atividade ou grupo, está ‘fora da jogada’. Se em dificuldade, mas com intenção de vencer, ‘vai derrubar a barreira’ e ele então clama ‘bola prá frente’. Caso, no entanto, abrir a mão da luta, anuncia que ‘tira o time de campo’. Ameaça a aposentar-se ‘pendurando as chuteiras’, seja ele homem ou mulher” Milan (1989 p.5)

Também em algumas canções, o brasileiro explicita a sua “paixão pelo jogo de futebol. A música “*é uma partida de futebol*” do conjunto de rock nacional “Skank”, há pouco tempo muito tocada nas rádios nacionais é um dos exemplos disto, que retrata o quanto o futebol esta inserido na vida do brasileiros. “*Aqui na terra estão jogando futebol*”!

²¹ Ao utilizarmos o futebol como identidade nacional, sabemos que várias polemicas existem em torno deste debate, entre eles o exposto por Marilena Chaui in *Conformismo e Resistência*, expressa que existe uma necessidade da classe dominante de apropriar-se da manifestação popular e converte-la em patrimônio nacional, com a intenção de torna-lo sob um aspecto de neutralidade. No entanto, utilizamo-nos deste subtítulo, porque entendemos que melhor expressa o que estamos querendo discutir.

A identificação do povo brasileiro com o futebol, entre várias explicações, poderá estar também a de que o Brasil é um país ganhador de quatro copas do mundo, o que coloca o país, pelo menos no mundo do futebol, em destaque no cenário mundial futebolístico. Num país onde os destaques na maioria das vezes são negativos, (menor salário mínimo, um dos maiores índices de analfabetismo, maior concentração de renda etc...), que colocam o povo sempre numa situação de inferioridade, talvez ser um dos primeiros no cenário futebolístico, já passa a ser um motivo de orgulho pessoal e nacional, “(...) tão ruim a realidade que um simples jogo vira esperança nacional” Costa (1998 p. 9)²².

O nosso objetivo, é de entender como este jogo, que pode ser aqui considerado “desporto popular”, “fenômeno de manifestação popular”, “símbolo da identidade brasileira” Damo (1994), ou “fenômeno social” Helal (1997), veio fazer parte do cotidiano da vida do brasileiro, a ponto de provocar exaltações ou frustrações, alegrias e tristezas.

Como o futebol paira acima, ou no mínimo iguala-se a outras circunstâncias da vida que podem também proporcionar alegrias ou tristezas, e que em alguns casos, comprometem até muito mais a vida particular? A sensação ou alegria experimentada pelo brasileiro ao ganhar ou perder o selecionado, ou seu time do “coração”, iguala-se a dor ou prazer de outra circunstância da vida familiar.

Para DaMatta (1994), a paixão de torcer pelo futebol, só iguala-se na paixão em praticá-lo, e diversas são as explicações para sua disseminação. Talvez por ser uma das instituições mais modernas chegadas ao Brasil, sob o título de “novo” na modernidade, e sendo esporte, vem ao encontro desta modernidade.

²² *Onze em campo e um banco de primeira* – seleção de Flávio Moreira Costa. Ed. Relume Dumará. Rio de Janeiro/RJ – 1998.

Outra possibilidade, é de que o futebol tira ilusória e temporariamente o torcedor, no caso o brasileiro, o povão, da dureza da vida, da obrigação do cumprimento do trabalho, do “castigo” de viver em condições caóticas pelo simples fato de nascer com a imposição de ter que produzir com seu próprio suor a riqueza de outros, do descaso governamental e das leis aplicadas diferentemente. Talvez seja nestes noventa minutos, que o brasileiro consiga esquecer parte disto, e extravasar suas emoções.

Poderá dizer-se que, em qualquer outro meio, isto poderá ser vivenciado, num cinema, num teatro, num clube etc..., mas o que identifica-se e permite o acesso das classes populares e suas formas de manifestarem-se, ainda é o jogo de futebol.

Também o local por “excelência” onde pode-se gritar, xingar, falar palavrões em alto e bom tom, fugindo as normas de comportamentos, de etiquetas e boas condutas, impostas pelo bom modelo das “boas maneiras colonizadora”. O local onde vendem o “churrasquinho de carne de 2ª”, a “caipirinha de cachaça”, a “pipoca”, e também a liberdade de curiosas brincadeiras, onde no ápice da extrapolação, poder urinar no saco plástico, para jogar na outra arquibancada, e rir “às pampas”, só mesmo num jogo de futebol.

(...) o Flamengo tomou conta do campo, da arquibancada, da geral, de tudo. Flamengo um a zero, pás de remo embrulhadas em Jornal do Brasil batendo nas cabeças dos vascaínos, Flamengo dois a zero, e novamente as pás de remo subindo e descendo. Quem era do Vasco não tinha nem o direito de abrir a boca” Filho (1947 p.149).

O futebol é um modo pelo qual a sociedade brasileira fala de si mesma, para si e para os outros, um modo entre vários pelo qual a sociedade brasileira deixa-se descobrir.

Falar do futebol como ópio²³ brasileiro, DaMatta (1982), expressaria entretanto, uma concepção paradoxal a esta colocada. O futebol sendo colocado da mesma forma das dicotomias política/sociedade, economia/sociedade, ritual/sociedade, nesta relação tudo que se apresenta desta forma, dá a entender uma contraposição, uma idéia de utilidade e funcionalidade tão somente.

Sendo assim, o futebol serviria para fazer algo “para”, “com”, ou “contra” a sociedade. Como ópio, nesta relação de oposição à sociedade, o futebol serviria somente para desviar a atenção da sociedade.

Tratar o futebol apenas como ópio do povo, seria o mesmo que afirmar conseqüentemente que, os ópios são sempre aquilo considerados como atividades ilusórias, dispensáveis, em menor valor do que o trabalho, por exemplo²⁴. Futebol e trabalho, estão ambos inseridos na sociedade brasileira, fazendo parte desta, assim como a religiosidade, os rituais e a política, normais em qualquer Estado.

O futebol como sendo então parte da sociedade conforme Elias (1995), e da sociedade brasileira, DaMatta (1982), expressa-se nesta, e a partir desta, o que para DaMatta, o futebol na sociedade brasileira torna-se mais “o jogo do povo”, do que o ópio deste.

²³ A concepção do futebol como ópio do povo, é uma discussão que retrata-se a um período mais remoto. Lima Barreto, um dos maiores escritores da literatura brasileira, compreendia assim o futebol, por entender que as oligarquias iriam usar a bola como “ópio do povo”. Em 1921, uma discussão irritou mais ainda o escritor, o debate era se deveríamos ou não convocar crioulos que iriam excursionar com o selecionado brasileiro para a Argentina. A partir daí, Lima barreto tomou de ódio o futebol. “ Certa noite de 1925 (Lima Barreto morrera três anos antes), fez-se um ajuntamento diante da redação de *O Estado de S. Paulo*. Subitamente saiu um empregado do jornal e afixou cópia de um telegrama. Acorreram todos. Um velhinho, de fraque e *pincenez*, puxou um garoto pelo braço e perguntou: - Moço o que aconteceu/ Morreu Rui Barbosa? - Nada. É mais um vitória do Paulistano. Deu no havre, da França, de 5 a 1. O Brasil já era o País do Futebol.” Joel Rufino dos Santos. – *História política do futebol brasileiro*. Ed.Brasiliense 1981 (p.31)

²⁴ Este parágrafo, é uma síntese a questão polêmica do futebol como ópio do povo discutida por Roberto DaMatta, em *Universo do futebol*.

O futebol no Brasil, é “jogo”, o jogo no sentido de sorte ou azar, que por ser jogado com os pés, aumenta sua imprevisibilidade, dando maior possibilidade de acaso, sorte, destino, ou força divina.

A loteria esportiva entre os brasileiros concretiza esta idéia de sorte/azar, misticismo e acaso. Como no jogo de futebol, a loteria reúne santo católico com o santo da umbanda, onde em qualquer um deles, serão depositadas as crenças de uma vida melhor.

Esta relação da loteria, do jogo, do futebol, dos santos e da fé, neles depositados, leva DaMatta (1982), a afirmar que nesta associação, vários jogos são jogados simultaneamente: um no campo de futebol, um no mundo da vida, buscando a mudança de destino, e outro no mundo das entidades. O que leva o espectador, ou atualmente o “espectador/consumidor” ser chamado de “torcedor” aquele que torce e se retorce por uma vitória do seu time, ou talvez e conseqüentemente por uma vitória sua na vida.

O próprio jogo de futebol em si, nos seus bastidores, também é permeado de muito misticismo, crendices e superstições. Dificilmente um jogador entra em campo, sem ter uma fitinha do santo católico, ou um adereço do pai de santo da macumba. Poderíamos dizer que “todos” o jogadores ao entrar no gramado, entra com pé direito primeiro.

Um bom vestiário de clube de futebol que se preze, tem que ter uma imagem de São Jorge, ou de Nossa senhora, sendo que na maioria das vezes, os dois junto. Jogador algum perde a reza do vestiário nos minutos antecedentes à partida, caso isto venha ocorrer, esta decretada a sua má atuação em campo.

Atualmente destaca-se nos clubes, os “atletas de cristo”, grupo de jogadores que promovem encontros, leituras da bíblia, e palestras entre os colegas de equipes, nas concentrações, convivendo normalmente com o grupo que traz o “Pai de Santo” preferido,

para realizar uma “limpeza” no vestiário, ou ainda o padre torcedor para rezar a missa da temporada.

E o futebol inclui tudo isto, mistura santo católico, com o “cristo” dos crentes, e o Pai de Santo da umbanda. É justamente no futebol que o brasileiro é católico, é crente, e é macumbeiro ao mesmo tempo.

Numa final de campeonato, não é difícil encontrar jogadores, dirigentes, comissão técnica, torcedores, “todos são tudo” pela vitória. Todos depositam sua fé na “entidade” mais próxima e mais forte. Nas palavras de Filho (1947), o futebol opera milagres, Pai de santo, terreiro de macumba, jogador, cartola²⁵, presidente, tudo participa do mesmo ritual, e acredita na mesmas entidades, todos se misturam num mesmo ritual:

(...) O Pai de Santo sentado no chão, no meio do terreiro, ao lado dele o Cambono, os jogadores, os diretores do América em volta, de cabeça baixa. De repente os crentes começavam a cantar ao som do batuque. Os caboclos protetores iam descer, o Pai de Santo fumando mais depressa, fungava para a direita e para a esquerda, dava para estrebuchar. Era que tinha recebido o Caboclo Vira Mundo. Bendito e louvado seja Nosso senhor. Bendito e louvado seja. O Cambono vinha de lá, parava diante de Telê, botava a mão na cabeça dele. O que tu qué, mio fio? Quero falar com o Pai de santo. Vem cá, mio fio, tu tá ruizinho, vem cá mio fio, fala com Pai de Santo. O Pai de Santo nem esperava que Telê chegasse perto dele. Um, rum, um, rum, tu tá ruizinho, caboclo qué caba com teu cavalo. Um rum. Telê se curvava todo, humilde, e o Pai de Santo toca a soprar fumaça na cara dele, embaixo dos braços, nas costas, enquanto dava, com os dedos, chicotadas no ar. Que é que tu qué, fala com Vira Mundo. Telê falava, queria que o América desse no Vasco. Eh, eh, Vasco muito forte, mio fio Vasco muito forte (p.205-206).

A narrativa de Mário Filho, demonstra em excelentes detalhes o quão de importância tem o aspecto místico para o futebol no Brasil, e o quanto de divergências religiosas se aglutinam num mesmo local e com um mesmo objetivo. Em qual outra manifestação cultural e social isto torna-se possível?

²⁵ Jargão utilizado no futebol, referindo-se a figura do dirigente do clube

Para Daolio (1997), apud Witter (1982), estudar o futebol, é estudar o povo brasileiro, e ver nesta prática (futebol), as expressões deste povo. Continua dizendo que uma destas formas de expressão nacional é através de credices e superstições, que incluem-se nesta sociedade, que não raras vezes, buscam e também encontram nas manifestações sobrenaturais, explicações para o que ocorre na vida e conseqüentemente num jogo de futebol.

Como de outra forma explicar uma bola colocada prá fora diante do gol? Como explicar um gol tomado no minuto final do jogo? Como explicar aquelas tardes de Domingo, que o time do coração chutou várias bolas na trave, e perdeu de um a zero?

Inserindo-se plenamente neste contexto de religiosidade, sorte ou azar, misticismo, lazer, troça, malícia, sentimentos, jogo, esporte, mercadoria, e outras características várias, incluídas no futebol, é que pode-se achar alguma justificativa desta prática fazer parte da sociedade brasileira, como sendo representante desta, ou melhor, como sendo ela própria. O jogo de futebol no Brasil, pode-se dizer que é a “cara/identidade” desta sociedade.

É preciso entretanto uma leitura do Brasil, com seu povo e suas coisas, da comida, das leis da amizade e do parentesco, da religião que não precisa de teologia complicada nem padres estudados, dos jogos espertos e vivos da malandragem e do carnaval, onde podemos vadiar sem sermos criminosos, é preciso entender este Brasil singular.

Vivemos um Brasil, que mistura indivíduo com pessoa, comida farta e pobreza, hino sagrado com samba, samba com música clássica, política e carnaval, homem e mulher, Deus e o Diabo, DaMatta (1997).

Para este autor, existem dois modos básicos de construir a identidade brasileira. No primeiro utilizamo-nos dos dados do PIB²⁶, renda per capita, inflação, dado do sistema político e educacional. Esta é uma classificação que constrói uma identidade social moderna, critérios definidos pelo sistema europeu. Estes critérios nos definem quantitativamente e objetivamente. “Realmente, a Inglaterra, a França, a Alemanha, e sobretudo o Estados Unidos, são quase exclusivamente definidos por meio deste eixo classificatório, que é, ele mesmo invenção sua” (1997 p.18).

No segundo modo de classificação, estão os dados qualitativos, que expressam o que é esta sociedade além dos padrões de quantificações. A sociedade brasileira, é uma sociedade que ainda vive do clientelismo, relações hierárquicas e as leis que são travestidas de impessoais. Numa abordagem policial na rua ou no trânsito, se é tratado como indivíduo, todos iguais, após a identificação, o tratamento é dado conforme o *status* social, ou representatividade social. Se for um deputado, um senador, ou um juiz, terá tratamento *vip* e desculpas de todas as formas, mas se tiver a infelicidade de ser um “Zé -ninguém” será tratado como tal, ou seja, com todas as sanções legais e ilegais, possíveis e impossíveis, ser for preto então, é pedir para morrer!

O brasileiro, pode-se dizer, que expressa no campo de futebol, o que ele faz no mundo da vida. O drible do campo, pode ser um drible da e na vida, o imprevisto de uma jogada, pode ser o imprevisto necessário para sobreviver, ou ter sobrevivido nesta sociedade.

Formado por uma mistura de raças, onde o mestiço e o negro predominam, o povo brasileiro tem na expressão do seu movimento corporal, a forma como também se manifesta. O samba de remelexo de quadris da mulata, a exaltação da bunda, coxas e

²⁶ Produto Interno Bruto

quadris da dança baiana, ou ainda a malandragem e a ginga conforme Gilberto Freyre²⁷ da capoeiragem, acompanham-no numa mistura que vai para dentro do gramados, praticando um futebol que diferencia-se em vários aspectos de qualquer outro, que possa ter qualquer semelhança, apresentando-se assim como futebol brasileiro.

Também as questões sociais, entre elas políticas, econômicas, educacionais, o racismo velado e a hierarquia por *status* social, e divisão de trabalho, levam a massa brasileira a se “virar” neste contexto, e achar uma forma de sobreviver neste meio.

Para DaMatta (1982), as próprias leis e disciplina no país, conduzem a dúvida e ao jeitinho, pois o próprio governo e sistema legislativo, se encarregam de aprovar leis contra a própria sociedade, sabendo que não serão cumpridas e sem o pleno acordo e consulta desta.

Somos dia a dia, obrigados a conviver com diferentes aplicações da lei, para o mesmo delito. O roubo de bilhões de reais equivale a uma pena restringida a prisão com todas as regalias possíveis e impossíveis, incluindo desde um aparato de proteção policial, até exigências por parte do infrator. Contrapondo-se a um roubo de alguns reais, equivale a pena cumprida em penitenciária pública sem direito das mínimas condições básicas de sobrevivência, nem do uso da lei, neste caso o infrator leva o nome de “ladrão”. Enfim, temos aqui a sociedade brasileira com suas singularidades, com suas especificidades.

A maioria das leis no país, são leis de submissão ao Estado, leis do “não pode”. Por isso o brasileiro se vê na necessidade de navegar nas entrelinhas. Acrescentamos que, aquele que necessita usar o jeitinho, é justamente aquele em que as leis não foram feitas para ele, pois a elite não precisa usar o jeitinho, usa o “sabe com quem estás falando?”

²⁷ Apresentação do livro de Mário Filho – O negro no foot ball brasileiro! 1947 (p.vi)

“Assim entre o pode e o não pode escolhemos de modo antilógico, mas singularmente brasileiro a junção do pode com o não pode” DaMatta (1997 p.99). Na falta do jeitinho, aparece outro tipo de jeitinho, mais opressor, hierarquicamente representante de um ato de força, o famoso “sabe com quem está falando?”(ibidem p.101), onde esta deixa exposto e escancarado a realidade de uma sociedade hierarquizada por condições sociais.

O malandro é o profissional do jeitinho e da sobrevivência, tirando partido da situação, através de contos e histórias, cantada e etc... Tal como acontece com seu modo de andar, o malandro é aquele que como todos nós sempre escolhe o meio do caminho, juntando de modo quase sempre humano, a lei impessoal e impossível, com a amizade e a relação pessoal (ibidem 1997).

(...) Floriano, com todos os preparatórios com um principio de Escola Militar, com um emprego no Jornal do comércio, não se deixava empolgar pelas palmas. (...) Menos palmas e mais dinheiro, eis o que êle queria (...) Tinha um jeito especial de exigir sem parecer que estava exigindo. Quando pedia dinheiro emprestado, falava em tudo, menos em foot –ball. Escrevia bilhetes atrás de uma imagem de Santa. Ai vai Santa Terezinha, meu caro Fábio Horta, fique com ela em troca de cinqüenta mil réis. Ou: preciso de quinhentos mil réis, mas me arranjarei com duzentos. Post – scriptum: não me manda menos de cem. As vezes não pedia nada, caía de cama, a hora do jogo se aproximando e êle deitado, e queixando de uma dor aqui. Com aquela dor não ia poder jogar. E era inútil chamar médico. Para Floriano levantar-se só mesmo alguém assim como Lafayette Gomes Ribeiro. Lafayette Gomes Ribeiro conhecia Floriano, a doença de Floriano. Abria a carteira, tanto, mais tanto, até Floriano se declarar disposto a fazer o sacrificio de jogar pelo América(...) Filho (1947 p. 200-201).

São então estas características, desta sociedade aqui expressa, do futebol brasileiro, que podemos presenciar numa “pelada” de rua, num campinho da várzea. A várzea que até um certo tempo atrás, foi muniadora de jogadores para os times profissionais, e que hoje por estar a mercê da especulação imobiliária, vai deixando de

existir. Consequentemente os novos jogadores agora surgindo, são provenientes das categorias de base, atualmente as maiores formadoras dos jogadores para os clubes.

Para melhor tentar caracterizar esta forma de jogar que chamamos futebol brasileiro, recorremos a teoria sociológica de Norbert Elias. Este autor que trabalhamos até então, em seu texto "*A dinâmica dos grupos desportivos – uma referencia especial ao futebol*", utiliza-se de teorias sociológicas para a partir do desporto refletir para além dele, ampliando para as relações sociais (Estado).

Elias parte da relevância dada aos aspectos teóricos da dinâmica de grupo que desenvolve-se no desportos em particular no futebol. Para Elias (1992), dentro do próprio jogo, existem grupos diferentes que jogam de maneiras diferentes, embora estando interligados.

As pessoas agrupam-se de forma específicas com o intuito de executar um jogo, no decorrer deste, reagrupam-se continuamente. Da configuração inicial que partiam os jogadores às várias configurações que serão formadas no decorrer deste jogo, Elias (1992) chamou de "padrão de jogo", sendo que esta dinâmica é fixa em alguns aspectos e flexível em outros. "É fixa porque sem a fidelidade da combinação do jogadores relativamente a um conjunto de regras unificadas, o jogo não seria um jogo, mas uma desordem geral. É flexível e variável, pois, de outro modo, um jogo seria exactamente como qualquer outro" (p.281).

Esta relação dialética de pergunta e resposta, de agrupamento e reagrupamento em relação ao outros, é o jogo, que nada mais é do que a configuração dinâmica da bola em movimento pelo jogadores, que se dá de forma separada entre as equipas, mas das duas equipas em confronto.

A dinâmica de um grupo em confronto, é composta de tensão e cooperação ao mesmo tempo. Sendo o jogo uma configuração dinâmica dos jogadores, é importante salientar que isto conforme Elias (1992), não é algo abstraído do indivíduos nele inserido. A movimentação dos jogadores em campo, vão formando diferentes configurações. Nas sociedades, as pessoas formam também diferentes configurações entre si; a cidade, a igreja, o partido, que, “não são menos reais do que as constituída por jogadores num campo de futebol(...)” (p. 290).

Um jogo de futebol, demonstra que sua configuração é tão real quanto as pessoas que a formam, e alguns aspectos são determinantes nisto. Nestes aspectos encontram-se as instituições as quais estão inseridas, as regras determinadas, o Estado e a sociedade como um todo.”(...) é mais fácil, por exemplo, no caso do futebol distinguir a dinâmica que é própria à configuração do jogo das variações, devidas às características de diferentes nações, de diferentes equipas ou de diferentes jogadores” Elias (1992 p.295).

Estas tensões e controles, flexibilidade e rigidez, configuração das equipes e dinâmica do jogo vão depender entre outros, dos aspectos característicos de onde estão as equipes inseridas, sendo o contexto social um aspecto de muita relevância.

Se considerarmos que entender o esporte implica entender a sociedade ao qual está inserido, e entender sociedade, é também entender o esporte que dela faz parte; se considerarmos que a configurações dinâmicas formadas pelos elementos num determinado contexto, vão depender também deste contexto, e que estas não são nem mais nem menos reais do que as pessoas que as formam, pode-se dizer, com um certo grau de cuidado, que a inserção do ambiente vai direcionar as ações executadas neste contexto.

Isto pode também significar que é possível pensar em um futebol brasileiro, e uma certa forma de ensinar/aprender, levando para o campo de futebol, as características que

esta sociedade evidencia e a qual o futebol esta inserido, no caso brasileiro, a criatividade, o imprevisto o faz de conta, a malandragem.

É este futebol brasileiro que caracteriza-se acima de tudo por uma maneira singular de jogar de seu jogadores, que chega próximo do malabarismo, que ainda hoje, apesar de todos o esforços de tentar transforma-lo, chama-se ainda futebol arte, e que o brasileiro aprendeu a jogar fora dos padrões pré-determinados.

5. As diferentes possibilidades do brasileiro aprender futebol

Se percebermos o futebol como jogo popular da Idade Média de características ritualísticas e festivas, passando pelo futebol das escolas públicas, jogado pela elite inglesa, até chegar no Brasil trazido como forma de divertimento de uma burguesia ociosa, e a forma como é assimilado pelo povo, perceberemos algumas diferentes possibilidades de ensinar/aprender futebol.

A chegada do futebol ao Brasil, na qual a maioria dos autores consideram Charles Miller como o marco inicial, pode ser considerado uma primeira fase do brasileiro de aprender a jogar futebol. O povo ao espiar pelos muros dos clubes de elite, o novo jogo que instaurava-se, e após nos terrenos baldios através do uso de sua memória e imaginação, procurar imitar e reproduzir as jogadas executadas nos *fields* da elite, pode ser considerado um processo de aprender que detinha um determinado significado para este contexto.

Um jogador como Marcos de Mendonça, com essa preocupação do football científico, geométricamente certo, não podia ser o autor da pegada que passou à história com o nome dele. Coisa de moleque. Sem maldade nenhuma, pelo contrário. O moleque quebrando a cabeça para reproduzir o que tinha visto Marcos de Mendonça fazer. Só se lembrando da bola encaixada na asa de um braço. Um braço só. E o outro? Para o moleque, o outro braço estava atrás. O moleque fez acrobacia para imitar Marcos de Mendonça, passou um braço para trás, torcendo o corpo, para alcançar, com a mão, a bola que já devia estar encaixada na asa do outro braço. Difícil como diabo. (...) Pois o moleque da rua de pé no chão, fez

isso. E bem, tão bem que pôde chamar a essa pegada de pegada à Marcos de Mendonça. Pegada que passou a ser no foot-ball das peladas, uma espécie de carteira de identidade de goal-keeper” Filho (1947 p.78).

Se sequenciarmos o processo de aprendizagem de futebol no Brasil, como segundo momento deste, poderíamos eleger, a forma com a qual o brasileiro (re) significa a forma de jogar a partir dos manuais ingleses, e dos jogos praticados nos gramados dos grandes clubes, freqüentados por moças de família, com seus chapéus enormes, pesados, mas que pareciam leves, com muitas flores e plumas, que davam a arquibancada um ar primaveril.

Nesta fase de aprendizagem, é a fase que municiará o futebol posteriormente de jogadas malabarísticas, enfeitadas, maliciosas, com alguns ares de capoeira. “Quando as autoridades conseguiram extirpar a capoeira, o povo adotou o futebol. Capoeira é ginga? Joguemos futebol com ginga. Capoeira é dribbling? Façamos do drible nossa principal jogada” Santos²⁸ (s/d).

O dia inteiro no campinho da várzea, sem emprego, ocioso, o futebol é o melhor passatempo. De que modo iria surgir a “bicicleta”, o “drible da vaca”, o “meio de perna”, o “balãozinho”? Estas formas de ludibriar o adversário, que não são ensinadas em escola alguma, sem ser na “escola do mundo”. O brasileiro levará para os *match* oficiais a forma de jogar aprendido/ensinado no mundo da vida, dando um tempero especial ao jogo ensinado nos manuais.

E numa terceira forma de ensinar/aprender futebol, podemos considerar a forma atual, considerada moderna, pela qual o jovem experimenta o futebol, que discutiremos mais adiante, através das “escolinhas de futebol”, ou as categorias de base.

²⁸ Joel Rufino dos Santos – *Bola brasilis* – texto de internet

Os tempos mudaram, e a intencionalidade pela qual se aprende a jogar futebol também. Esta nova e atual maneira de aprender futebol, vai diferenciar-se daquela pela qual os brasileiros aprendiam a jogar nos campos de várzea, descompromissados da utilidade e do rendimento, como vai influenciar também na forma com que vai ensinar-se futebol.

Encontramos o futebol atualmente inserido num contexto chamado moderno; sociedade moderna, e o próprio futebol sendo considerado ele próprio, um esporte moderno. Como esporte moderno, a lógica vigente neste, é a mesma lógica que paira sobre a atual sociedade, conduzida por um sistema capitalista, só para lembrar, orientado pelo e para o rendimento, a produtividade, a mercadorização, o consumo, o record e a cientificação.

É nesta mudança de cenário, que perceberemos alterações que terão significativas importâncias na forma como se conduzirão a maneira, e as intenções de ensinar futebol.

Futebol este, que possui ou possuía uma característica própria, que se auto afirmou no mundo esportivo devido a sua diferenciação de sua forma de jogo em relação as outras equipes e também através da habilidade de seus jogadores, que atualmente vem sofrendo algumas conseqüências, devido a necessidade de adaptar-se aos novos valores impostos hoje pelo sistema vigente. Dentre estas conseqüências, alguns aspectos são considerados positivos, outros negativos.

Nos aspectos positivos, percebemos que com o avanço das metodologias científicas do treinamento, o jogo tornou-se mais dinâmico, com maior ocupação de espaço, e o tempo de jogo “realmente jogado” ampliou-se. Mas percebemos que nisto a “arte” do jogo, as jogada mais enfeitadas, o tempo de permanência do jogador com a posse

de bola foi diminuindo e subvertido pelo incremento da força física, da valorização dos aspectos de rendimento e eficiência.

O treinamento físico ganhou maior tempo nos períodos de treinamentos dos jogadores, a vitória passou a ser imprescindível, a “associação” entre o futebol e o sistema empresarial descambou o jogo para a produção e como tal buscando incessantemente resultados. O futebol arte, vai aos poucos, embora resistindo ainda, perdendo na queda de braço para o futebol força. Tudo isto amparado pelos avanços científicos e tecnológicos da área de treinamento desportivo, que como tal, procura única e exclusivamente preparar para o rendimento máximo.

O avanço do futebol brasileiro em direção a modernização²⁹, entendida nos aspectos táticos do jogo, físico do atleta, e o gerenciamento do clube, atualmente transformando-se em clube empresa, corresponde às exigências da chamada ciência moderna e seus métodos científicos. Uma cientificidade voltada para a padronização, a manipulação, a calculabilidade, a comparação e ao selecionamento.

Ciência esta que tem suas bases vinculadas à partir de uma sociedade que ganhou o “rótulo” de moderna, tendo como um dos marco as revoluções científicas, e em diversos aspectos veio a sustentar através de suas teorias, o movimento da história da civilização, que nem sempre direcionou-se ao bem da humanidade, ou pelo menos da maioria.

Esta ciência e seus métodos, contestados por alguns teóricos contemporâneos, que iremos traçar uma breve, mas não acritica explanação. Percorreremos em grandes saltos a

²⁹ O processo de modernização do futebol, é interpretado conforme Ronaldo Helal, que aponta como modernidade no futebol brasileiro o processo que vem desde o profissionalismo do futebol brasileiro (1933), mas que se acirra com a lei Zico e lei Pelé. Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Ed. Vozes, Petrópolis 1997.

crítica à modernidade, a ciência moderna e o projeto de modernização do futebol brasileiro.

Este segundo Capítulo pretende servir de base teórica para este trabalho dissertativo. A tentativa é de trazer o referencial teórico da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e a sociologia crítica do esporte para uma discussão com a temática do Futebol. Optamos em apresentar um capítulo especial (capítulo II, a seguir) - valendo-se especialmente da Teoria Crítica - sobre o papel das ciências nas sociedades modernas e a marca que estas deixam também no esporte e, em especial, no futebol.

Após, apontar como ficaria esse futebol como conteúdo a ser ensinado por professores de Educação Física em escolinhas e categorias de base, entendendo-se enquanto construção cultural nacional brasileira e não mera instrumentalização técnica para o esporte espetáculo.

*“Quem me dera ao menos
uma vez
acreditar por um instante
em tudo que existe
e acreditar que o mundo é perfeito
e que todas as pessoas
são felizes”*

CAPÍTULO II

O FUTEBOL SOB O OLHAR DA CIENTIFICIDADE

1. Palavras iniciais

Gostaria de iniciar esclarecendo, que a primeira parte deste capítulo, tem como objetivo, utiliza-lo como um referencial para analisar sob que possíveis pilares estão edificados a chamada sociedade moderna.

Entendemos ser importante, compreender a sociedade, com os vários fenômenos nela inseridos, sendo o esporte um destes fenômenos¹. Como também compreender os fenômenos esportivos, partindo de uma análise do contexto social ao qual estão inseridos.

O referencial aqui escolhido para interpretar o contexto ao qual a sociedade moderna vem desenvolvendo-se, parte do olhar crítico e contundente de Horkheimer e Adorno na *Dialética do Esclarecimento*, - mais precisamente no capítulo sobre o “*conceito de esclarecimento*” – para o projeto imemorial dos seres humanos de desvendar os segredos da natureza, e atingir o conhecimento seguramente.

Restringimo-nos a utilizarmos da análise feita pelos autores sobre a sociedade moderna desenvolvida preponderantemente no primeiro texto da citada obra, por dois motivos:

1º) Entendemos e reconhecemos que o denso conteúdo expresso nesta primeira parte, torna-se um estudo por demais minucioso e laborioso, que já nos impõe certas restrições, devido ao limite espaço/tempo para concretizar este trabalho.

2º) Por entendermos que nesta primeira parte, está aglutinado a principal fundamentação teórica-crítica referente ao conhecimento que alicerça o projeto de modernidade, ou seja a ciência, sendo o ponto de partida das subseqüentes elaborações teóricas/críticas destes autores. Deixamos claro entretanto, que isto não nos impede de em várias partes do nosso trabalho, utilizarmos-nos de algumas passagens expressas na obra como um todo.

Nossa intenção então começa, por compreender e refletir a partir destes “frankfurtianos”, as direções tomadas pela sociedade atual, e as relações que nela se estabelecem, para posteriormente à luz deste debate, traçar uma relação com os rumos tomados pelo esporte, em especial o futebol, tema de nossa dissertação.

Gostaria de inicialmente, ou como “pontapé inicial”, caracterizar, de um modo geral, a partir da visão destes autores, alguns aspectos que influenciaram o trajeto da cientificidade moderna, juntamente com esta sociedade, e após, relacionar com os impactos que hoje sofre o esporte, mais precisamente o futebol brasileiro.

Entretanto, cabe destacar, que não pretendemos fazer esta relação, de forma linear, ou na forma direta de causa-efeito, devido as possíveis dificuldades, de fazer uma ligação direta com os dois processos.

¹ Por fenômeno, entendemos conforme Minidicionário Aurélio 1977, 1º) Fato de natureza moral ou social, 2º) O que é raro e surpreendente.

Mas no entanto, percebemos que desconsiderar a historicidade dos acontecimentos de uma forma mais ampla, e analisa-los isoladamente, é cair na ingênua crença de que basta conhecermos a parte para entendermos o todo.

A exemplo disto, poderíamos questionar, se o “irracionalismo racional” pelo qual viveu nosso país durante vários anos do regime autoritário, não era consequência de um racionalismo vindouro do uso perverso da razão. E ainda se isto não repercutiu em diversas instancias sociais, entre várias, a educação, a educação física e conseqüentemente os esportes?

É com esta intenção que procuraremos vir trazendo subsídios a fim de que possamos ter uma noção do projeto histórico “rotulado” modernidade, e suas possíveis repercussões nos mais variados contextos desta própria sociedade. A pretensão principal, passa a ser refletir, os “rumos” tomados pelo esporte, limitado ao “futebol brasileiro”, e as repercussões disto no processo de ensino deste futebol nas categorias de base.

Nosso ponto de partida, passa a ser as reflexões teóricas advindas do projeto *esclarecedor*, da modernidade e suas possíveis consequências.

2. ...sobre a modernidade!

“*Modernidade – um projeto inacabado.*” Com esta frase, que tanto foi polemica nos meios acadêmicos, conforme o próprio autor Jürgen Habermas - um dos maiores filósofos contemporâneo, inicia um discurso e o prefácio de seu livro² “*O discurso filosófico da modernidade*”.

Ela possui, como expressa Habermas (2000), um caráter controvertido e multifacetado, em que discutir a modernidade, torna-se algo por demais complexo, visto

² *O Discurso Filosófico da Modernidade – Jürgen Habermas – Ed. Martins Fontes (2000)*

que inúmeras são as tentativas de fazerem sucumbir esta fase da história e seus projetos, e avançarmos sobre uma outra, que coloca de lado alguns valores de compreensão do ser humano. Valores esses que foram solidificando-se através do tempo, e nas relações do homem consigo mesmo e com os outros.

Tendo então, a modernidade como um projeto inacabado, e acreditando que este projeto muito ainda contribuirá na história da humanidade, iniciaremos essa discussão, com a intenção de apontar algumas características que compreendemos como sendo essenciais para tal.

A modernidade, a qual direcionamos nosso “olhar”, diz respeito ao projeto de modernidade, “gestado” ao longo do tempo, consolidando-se de forma mais contundente entre o séculos XVII e XVIII. Esta modernidade em seu movimento na história, tem como pressuposto básico, o avanço científico, que acompanha o desenvolvimento das atuais sociedades. Procuraremos entretanto a seguir, discutir este projeto “moderno”, no interior deste movimento histórico, com suas conseqüentes repercussões nesta sociedade, e conseqüentemente nos esportes.

A ciência parece ser o centro da questão para entendermos alguns dos contextos da transição da Idade Medieval para a Idade Moderna. Nas bases deste projeto, estava o esclarecimento dos homens pelo conhecimento, e uma aposta sem contrários à razão³.

Conforme Fensterseifer (1999), a principal característica do pensamento moderno é a confiança na razão que se molda pela matemática, desenvolvida sobretudo pelos filósofos Renascentistas. Esta manifesta-se no plano político, artístico e econômico. Dentre os conflitos que fragmentam o mundo moderno, à saber a Guerra dos trinta anos, a ascensão da burguesia como classe, e a Revolução Francesa, “(...) algo os unifica, esse algo

é a razão” Fensterseifer (1999 p.22). Este racionalismo, é respaldado pela matemática, o que implica seguir fielmente seus procedimentos na construção do *método*, a obsessão da modernidade.

O conhecimento racional, que explica o contexto das sociedades modernas em construção, justifica-se sobretudo em uma relação sujeito-objeto⁴, ou seja na dominação do primeiro sob o segundo, onde ao fenômeno resta, não sua interpretação intelectual, mas o interesse em dominá-lo e transformá-lo, conforme Marques (1993) apud Fensterseifer (1999).

Sob esta condição a racionalização se auto-legitima em diversas circunstâncias, ou melhor em seus projetos desenvolvidos; entre estes, os que prometiam levar a humanidade à sua emancipação, conhecimento, ou no melhor termo “Kantiano” à “maioridade intelectual”, mas a mão que afaga, é a mesma que fere, e esta mesma razão exarcebadamente seguida, levou a humanidade também as mais terríveis barbáries.

Sob este contexto, Horkheimer e Adorno interpretam o fenômeno da modernidade caracterizada pelo uso da razão. Conforme Vaz⁵ (s/d), no momento em que escreviam o livro *“Dialética do Esclarecimento”*, era o auge da II Guerra Mundial, terreno propício para uma análise, e questionamentos inquietantes, tais como: quais as condições que levam um “projeto” a se transformar em seu contrário?

Para Pucci (1999 p.46), “Adorno e Horkheimer asseveram que, desde os primórdios, o objetivo do esclarecimento foi o de libertar os homens do medo e transforma-los em verdadeiros senhores”, tanto da natureza interna, como da natureza

³ Esta razão apresentada, é entendida como única forma de atingir o conhecimento, o esclarecimento.

⁴ Esta relação sujeito-objeto, pode ser expressa também da forma homem-natureza, cientista cobaia, e também na forma capitalista; patrão-empregado

⁵ Alexandre Fernandez Vaz – *Treinar o Corpo, dominar a Natureza: notas para uma análise do esporte a partir do treinamento corporal* -Texto impresso

externa. Mas ressaltam os Frankfurtianos nas primeiras linhas do *Conceito de Esclarecimento*⁶, que embora o esclarecimento tenha como pretensão buscado livrar o homens do medo e torna-los senhores, “(...) a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” Horkheimer e Adorno (1985 p.19).

Pucci, (1999), faz a ressalva, de que a pretensão do esclarecimento, não seria a de qualquer conhecimento, mas sim através de um conhecimento que fosse prático, para isto os critérios de validade embaixadores deste novo conhecimento, seriam utilidade e calculabilidade.

Horkheimer e Adorno, questionam o esclarecimento que desencanta e desmistifica o mundo, como um esclarecimento que apenas domina e manipula, - eles apontam Francis Bacon (1561-1626) como um dos defensores do saber moderno ao qual vinculava à utilidade e ao poder na vida social. Considerado o pai do método científico, método por onde deveria passar, condição básica, o conhecimento sobre a natureza e o desvendamento de seus mistérios.

Para os frankfurtianos o longo projeto da história da vida humana, e da tentativa de conhecer e interpretar a natureza, interna e externa, tem nas suas entrelinhas a dominação. No primeiro momento a dominação do desconhecido – natureza, e no segundo a dominação do “outro”, ou seja do próprio homem.

Todo o diferente deverá ser identificado, e reduzido, para possível controle, e perda do medo frente ao desconhecido, medo este manifesto na perda do “eu”, e também pela necessidade da auto preservação. Para Mattos, (1995 p.142) “ o eu se torna tão importante para si que tudo que lhe é exterior, *outro* em relação a si, não tem valor nenhum a não ser um negativo: o outro é visto como hostil, perigoso e devendo ser dominado”.

⁶ Primeiro fragmento do livro *Dialética do Esclarecimento* Ed. Jorge Zahar – Rio de Janeiro, 1985

O instrumento que a racionalização encontra para este “cego” domínio, é o mesmo que a acompanha, ou seja, a ciência e sua principal essência: a técnica. Ciência e técnica como instrumentos do conhecimento que legitimam e constroem o discurso da modernidade. “ A técnica é a essência deste saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o *método*, a utilização do trabalho de outro, o capital” Horkheimer e Adorno (1985 p.20), o que também pode ser visto como início de uma nova relação dos homens com o trabalho, e um novo modelo de sociedade. Adorno (1995), ainda sobre a técnica, expõe que nesta,

existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isto se vincula ao véu tecnológico. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas (132-133).

Na ciência, a busca constante de conhecer o desconhecido, de igualar os diferentes, de reduzir a mesma dimensão do sujeito, enfim em suas necessidades básicas que irão igualar-se ao mito⁷, que são: a sobrevivência, a auto-conservação e o medo conforme Mattos (1995), o procedimento científico, encontra nos números sua fonte de sobrevivência e única garantia do verdadeiro. Apontam Horkheimer e Adorno que “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula a causa pela regra e pela probabilidade” (1985 p.21).

Dentro deste contexto, onde a teia vem sendo tecida, fio à fio, estamos tentando fazer emergir - tarefa nada fácil - as contradições, os pólos opostos deste projeto, que paira centralizado sobre nossa sociedade atual.

⁷ Sobre o mito, discutiremos mais adiante

Para o autores frankfurtianos, a humanidade sempre procurou uma maneira de identificar ou se identificar com o desconhecido; ou com o diferente. O mito é a forma mais arcaica desta aproximação, e a ciência a expressão mais contemporânea desse desejo.

Para Mattos, (1995 p.142)

No mito, graças ao mimetismo, um diálogo comunicativo entre o homem e a natureza exterior que o ameaça é possível. O feiticeiro – pela imitação das forças naturais- realiza gestos de cólera ou apaziguamento para conter sua angústia frente ao desconhecido. Na ciência, acredita-se vencer o medo quando nada mais houver de ignoto, de estranho.

Mito e esclarecimento interrelacionam-se, misturam-se um ao outro. Mais do que isso conforme Vaz (s/d)⁸, influenciam-se mutuamente onde um ganha a forma do outro, embora parecendo distintos. Porém, torna-se necessário apontar uma notável diferença: no mito, há uma aproximação com o desconhecido, numa tentativa de assemelhar-se a este, enquanto na ciência a proximidade se dá no objetivo de conhecer para posteriormente dominar.

No “culto” mítico, o homem e a natureza procuram aproximar-se tanto pela figura “incorporada” dos deuses, (vestimenta, uso de máscara etc...), como também pelo sacrifício do animal para satisfazer as necessidades destes mesmo deuses, “como à ciência, a magia visa fins, mas ela os persegue pela *mimese*, não pelo distanciamento progressivo em relação ao objeto” Horkheimer e Adorno (1985 p. 25). O feiticeiro, torna-se semelhante aos deuses ou demônios, que para assusta-los ou acalma-los, assume uma forma assustadiça ou suave.

Na ciência, sua semelhança com o ato mítico, está na figura do animal para o sacrifício. A ciência utiliza-se da cobaia do laboratório representante do “outro”, enquanto no ato místico, oferece-se o animal de acordo com a preferência dos deuses.

⁸ Alexandre Fernandez Vaz - *Na constelação da destrutividade: o tema do esporte em Theodor W.Adorno e Max Horkheimer*

Salienta-se que na ciência, esta representação tem de ser universal, ou seja, representar a maior abrangência possível, pois os animais utilizados nos experimentos, são apenas exemplares descartáveis e fungíveis pagando com isto a perda de sua própria identidade, enquanto que no ato sacrificial o exemplar tem de ser específico; o cordeiro por exemplo e não qualquer outro.

Consideramos entretanto que uma grande diferença tem de ser evidenciadas na ciência em relação ao ato místico, é o domínio do objeto; no primeiro momento igualado, reduzido, e posteriormente dominado, na condição de “coisa”, sendo esta dominação uma idealização da racionalidade moderna, onde o sujeito e sua razão deve prevalecer sobre o objeto e a realidade.

Para isto, o sujeito (podendo entender também o cientista) deverá estar livre dos sentidos e paixões, e o objeto separado ou abstraído da história, ambos fontes de enganos e ilusões, conforme Fensterseifer (1999).

Esta exigência, é uma necessidade para auto-afirmação do “eu” para uma preservação do sujeito. Para Horkheimer e Adorno, esta necessidade do conhecimento de esclarecer, desvelar, de (des)cobrir só é compreensível na medida em que se pode perceber que “o esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipula-los” Horkheimer e Adorno (1985 p. 24).

A necessidade de afirmação como sujeito, tal como a afirmação de Ulisses de sua verdadeira identidade ao se apresentar primeiramente como *Údeis* (ninguém), ao *Cíclope Polifemo*⁹, é uma busca constante do humano, para isto, há necessidade de esclarecer, se

⁹ Na narrativa da “odisséia” de Homero, trazida por Horkheimer e Adorno na *Dialética do Esclarecimento*, o cíclope Polifemo, era um monstro que habitava a ilha dos Ciclopes, e eram comedores de gente.

igualar e dominar. Só será possível de dominação o que puder ser palpável, materializável, quantificável.

O esclarecimento ganha um ícone privilegiado: o número. A equação e o procedimento matemático passaram a ser preponderante. Agora a relação sujeito-objeto tornou-se cada vez mais distante, e ao mesmo tempo cada vez mais dominador. Para os autores acima citados o positivismo assumiu a magistratura do esclarecimento na modernidade.

Natureza e relações pessoais são representadas matematicamente. Os homens tornaram-se coisa, e as coisas ganharam vida, - eis o *fetiché* - tudo permanece sob a jurisdição do cálculo e previamente determinado pela incógnita, pois há necessidade de algo comum no sistema mercantil, um “denominador”.

Os frankfurtianos (1985) declaram, que o problema deste esclarecimento não se encontrava no método analítico, ou na decomposição; mas no fato do processo ser decidido de antemão. “ Quando, no procedimento matemático, o desconhecido se torna a incógnita de uma equação, ele se vê caracterizado por isso mesmo como algo de há muito conhecido, antes mesmo que se introduza qualquer valor” (1985 p.37). Por esta antecipada identificação, o esclarecimento, para os autores acredita estar salvo do retorno mítico.

Com este quadro apresentado, ou seja, revelado o desconhecido, natureza dominada, e o sujeito afirmado, a “viajem” da humanidade estava consumada; a viagem da auto conservação à auto repressão, da natureza à cultura, do mito ao esclarecimento, de acordo com Mattos (1995). O então projeto Iluminista teria cumprido seu objetivo, homens autônomos, esclarecidos e “senhores”; de si próprios.

A razão advinda deste projeto, prometia conhecimento da natureza através da ciência, e abriria caminho respaldada pelo método científico, mas Horkheimer e Adorno sutilmente dão a sentença: “ não há nenhum ser no mundo que a ciência não possa penetrar, *mas o que pode ser penetrado pela ciência não é o ser*” (1985 p.38).

A modernidade vem solidificando-se, vem seguindo seu caminho, vem dando seqüência a seu projeto. Neste trajeto que parte do mito ao esclarecimento, do instinto à sociedade, da natureza à cultura, da auto repressão ao auto desenvolvimento, conforme Mattos (1987), tem um preço, uma pena a ser cumprida, tal qual a da transgressão do círculo mágico do feiticeiro pelo sacrílego. As “penúrias” cumpridas pela humanidade na busca do seu esclarecimento, progresso, autonomia e domínio, acreditamos serem tantas, que várias delas tornaram-se “normais” neste caminho.

Mas destacamos algumas, entre elas, primeiro a *barbárie*; que dizima povos, aniquila vida, prolifera sofrimento, arrasa com a natureza. Isto, conforme Adorno (1995), não pode ser minimizado ou entendido como um fenômeno superficial, ou desvio do curso da história, tornado supérfluo no caminho crescente do progresso, e do esclarecimento. “Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizador, então pretender-se opor a isto, tem algo de desesperador” (p.120).

A segunda, destacamos a *submissão* ou a troca das pessoas pela mercadoria. A necessidade de medir e comparar, juntamente com a submissão aos valores econômicos, o que era singular, se tornou universal, o diferente igualado, perde-se o “eu”, a identidade, nada é mais parecido consigo mesmo, tudo é parecido com o todo.

A humanidade torna-se alienada do seu próprio trabalho, perde sua identidade no mercado, e fora dele. Sua identificação agora é dada por uma seqüência de números que a representa: a senha. Esta representará da mesma forma a mercadoria, o conhecimento e os

seres humanos¹⁰. Preço alto pago por sucumbir as leis da economia! Para Horkheimer e Adorno, com a “difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie” (1985 p.43).

Sob jurisdição econômica, no mercado as mercadorias ganham vida e as pessoas se transformam em mercadorias; esta é a mágica, este é o fetiche. Este é o veredicto que se estabelece. “O preço que se paga pela identidade de tudo com tudo é o fato de que nada, ao mesmo tempo, pode ser idêntico consigo mesmo” *ibidem* (1985 p.27).

O seu “eu recebido” para ser diferente, em certas circunstâncias o levaram a indiferença. Na concorrência do mercado os homens tornaram-se indiferentes consigo mesmo e com o outros, a mercadoria tem preço maior que as próprias pessoas, (que além de serem coisificadas, perdem o valor). O outro passou a ser apenas o outro, que por ser o outro, é alguém ou algo a ser ultrapassado, ou na “melhor” das hipóteses, aniquilado. legitimou-se o indivíduo¹¹, a individualidade. Para Horkheimer e Adorno,

(...) o esclarecimento sempre simpatizou com a coerção social. A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos” (1985 p.27).

Por fim, mas não menos importante, destacamos como consequência deste processo, a *renúncia*, a qual a humanidade submete-se para viver em uma sociedade

¹⁰ Torna-se relevante salientar, que nesta sociedade administrada tudo ou quase tudo passou a ser representado por números. As pessoas identificam-se pelo número da carteira de identidade, sendo esta a representatividade máxima da pessoa. Esta pessoa não conseguirá provar que é ela mesma se não tiver esta numeração. Na compra de algumas mercadorias, tem-se exigido o número da conta bancária, número do CPF, número do telefone, número...número...número. Atualmente também a matrícula de uma disciplina acadêmica, torna-se difícil se não soubermos seu número. No esporte o atleta também é representado por números: o peso, a altura, o percentual de gorduras, o resultado do teste.

¹¹ Ser indivíduo na sociedade moderna, não representa ser como a origem da palavra, *não divisível*, mas representa cada um ser não identificável com o outro, cada vez mais legitimando o outro como apenas o outro. Entendemos entretanto, que cada um deve ter a sua identidade, para não “cair” na massa homogênea onde todo mundo torna-se igual e volta a perda da identidade. O ser tudo igual, o pensar tudo igual, na nossa opinião torna-se um passo na direção do autoritarismo, da ditadura, da coerção.

civilizada, o que para estes mesmo autores, “a história da civilização é a história da introversão do sacrifício. Ou por outra, a história da renúncia” (Ibid p.61).

A racionalidade científica levada pela necessidade de desvendar, esclarecer, reproduz a linguagem matemática para enquadrar, analisar, decifrar, conhecer e dominar natureza e os homens. A razão como projeto inicial caberia levar o homem ao seu verdadeiro destino; autonomia e esclarecimento, ou na melhores das expressões, à maioridade intelectual, mas o projeto foi invertido.

Salientamos entretanto, conforme Fensterseifer (1999) apud Japiassú (1996), que o fracasso deste projeto que passa a ser a crítica à racionalidade ocidental, não deve entretanto, restringir-se ou significar somente uma crítica à totalidade da razão humana, pois esta é patrimônio universal da humanidade, mas direcionada apenas a “racionalização”, uma visão de mundo que acorda entre o ‘racional’ e a ‘realidade’ onde as ações humanas devem ser racionais em seu princípio, em sua conduta e em sua finalidade.

Esse caminho, da racionalidade ocidental sob a forma de racionalismo, dificulta viabilidade para outras possibilidades, como expressões de afloramento dos sentimentos, considerados fora dos padrões racionais tais como: paixão, ansiedade, medo, etc... torna-se uma rua de mão única.

Este trajeto da razão, pode implicar também e quase sempre implica em renúncias. E a renúncia é sempre da melhor parte. “Quem pratica a renúncia, dá mais de sua vida do que lhe é restituído, mais do que a vida que ele defende” Horkheimer e Adorno (1985 p.61).

A passagem de Ulisses pelas sereias retrata o quanto a humanidade renuncia. Ulisses renunciou ao gozo e ao prazer em sua viagem de volta a terra natal. A viagem de

Ulisses é uma das metáforas que expressa o quanto a racionalidade humana e ocidental é permeada de renúncias ao prazer. A viagem de Ulisses é uma viagem no tempo e no espaço. Ele através de renúncias consecutivas, segue seu retorno a sua terra, deixando escapar no final a vida que salvou, recordando-a somente como uma viagem de erros.

Sonho melancólico de Ulisses, que seguia 'saudoso de sua verde Ítaca', perseguindo uma felicidade deixada no passado, cujo significado é a imagem da felicidade como fim da tensão, do sofrimento, da perda e da morte: volta do exílio (...), reconciliação do homem consigo mesmo, da natureza com a história Mattos (1995 p.155) apud Rouanet (1981 p.101-102).

O principal episódio “canto da sereias”, é um exemplo de gozo recusado a si e negado aos outros. A vontade de se atirar ao mar (vontade renunciada), viver o prazer e deixar o sentimento aflorar, é negado a si próprio em nome de sua auto afirmação como sujeito, com o conseqüente uso da razão, ou ainda na melhor forma escrita por Mattos (1995),

o canto das sereias era o passado e a tentação de perder-se nele. A viagem ao passado é uma viagem 'em sentido inverso ao da morte', é a busca da promessa de felicidade vislumbrada, por assim dizer, na infância, aquela reserva de energia que os anos por vir comprometerão irremediavelmente ou resgatarão (p.155).

Sob estas condições, a humanidade pode seguir o objetivo do esclarecimento, tentar seguir o objetivo do progresso, trilhar sobre o caminho da modernidade. Esta modernidade que, gestada e amadurecida pelos “homens”, agora inverte os papéis e subjuga os próprios “homens”. Na busca desenfreada do progresso, vários valores foram deixados de lado. Os fins justificam o meios, quase tudo ganha o “carimbo” de legítimo, nesta busca.

No procedimento científico, no domínio do objeto, as relações se tornaram invertidas, nas palavras de Horkheimer (2000) a máquina assumiu o comando e expulsou o maquinista, onde ela vai chegar, torna-se o que a matemática utiliza-se amplamente – “a

incógnita”. Vale dizer que, o sujeito justamente na fase de maior avanço técnico, de melhores condições de “exploração” da natureza, é degenerado em mera coisa.

Resta a credibilidade e esperança nos chamados “valores morais”, considerados eternos e inatingíveis, mas Adorno (1995), contesta com esta possibilidade, ao declarar que os valores morais em algum momento foram também menosprezados. Este menosprezo, vem caracterizar o descaso com os valores subjetivos, diante da racionalidade utilitária, técnica e instrumentalizadora. Mas as esperanças continuam a serem depositadas nestes mesmos valores, representado pelas subjetividades consideradas duvidosas, por significarem a luta constante contra a razão dominadora. Deste ponto de vista, conforme Mattos (1995 p.142),

(...) o desejo, condenado pela razão dominadora, representa uma espécie de resistência marginal e interrogativa com relação a racionalidade. As paixões são aquilo que lateralmente vêm perturbar a ordem da razão, enclaves nunca de todo colonizados e que retornam vagamente rebeldes. Quando se pretende ter penetrado no segredo da natureza, a felicidade e o sofrimento surgem como anomias inquietantes, como excesso ou falha não contabilizáveis que ameaçam e geram medo. Para vence-lo, a razão tem que exercer uma constante vigilância e utiliza artimanhas afim de se desfazer de tudo o que venha a provocar desequilíbrio.”

Com todo este contexto apresentado ao longo desta primeira parte do texto, parece que algo de sombrio e gelado paira sobre as relações humanas, e no seio da civilização no decorrer da história, o que constata-se nas palavras de Benjamim apud Habermas (1999 p.22 nota 29) que “nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie”.

Torna-se importante trazer à luz este debate, por dois principais motivos: primeiro porque é esta a “leitura” da história da civilização ocidental que possuem os autores com quem “dialogamos” até aqui. Segundo, pois, faz-se necessário emergir estas contradições

entranhadas no processo histórico, para conseguirmos compreender onde encontra-se assentados os pilares da sociedade contemporânea.

É justamente percebendo esta sociedade, e o processo pelo qual esta vem desenvolvendo-se, que pretendemos interpretar os fenômenos nela inseridos; entre eles o esporte, hoje considerado um dos fenômenos de “massa” da sociedade moderna.

Tentar entender o fenômeno esportivo, é buscar no trajeto histórico de formação das sociedades, as bases que o direcionam. É perceber, conhecer, relembrar seus projetos, suas concepções, seus autores neste trajeto.

Embora compreendendo que esta relação não se dê diretamente, ou seja, numa transposição direta/linear, ela torna-se a forma hoje expressa, indiretamente, pela qual se apresenta o fenômeno esporte, e em especial o futebol.

Foi com esta intenção, de “olhar” mais atentamente como se apresenta este contexto social, e quais as relações que nele se estabelecem, para podermos interpretar as possíveis repercussões no contexto esportivo.

Num “recorte” ao futebol, procuraremos a seguir destacar o processo de desenvolvimento deste, mais precisamente quando uma visão de ciência, e seus métodos científicos começam a influencia-lo, e aflora a necessidade deste adequar-se a um novo sistema, regido pela produção, quantificação e busca continua de resultados, objetivos do esporte moderno.

Novas palavras permearão o contexto do futebol, transformação, evolução, modernização, chavões que tem no fundo o objetivo de aproximar e legitimar o futebol pelo viés científico, procurando dar a este as características necessárias não só para

transitar, mas para principalmente ser um ícone de apropriação de um sistema voltado para o rendimento, mercadorização e comercialização de espetáculos.

3. ...sobre a modernização!

Ao entrarmos no tema da modernização do futebol, entendemos ser necessário elucidar primeiramente, o conceito de modernização social, que influenciará no tema que dissertamos, o qual podemos entender por

um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder centralizado e à formação de identidades nacionais à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal; à secularização de valores e normas etc, Habermas (2000 p. 5)¹²,

assim como ao estabelecimento do que compreendemos por “se tornar moderno” e sob qual contexto este “se tornar moderno”, vem ocorrendo.

Para “início do jogo”, torna-se necessário perceber que, o que se chama de modernidade, ou sociedade moderna, emerge juntamente com uma nova concepção de ciência, melhor esclarecendo, esta nova ciência, surge de uma nova concepção de sociedade, que vem aos poucos sendo transformada, principalmente na transição do sagrado para o profano, da religiosidade para o mercantilismo.

Entre algumas transformações, está o desencantamento de um universo celestial, até então regido por deuses, anjos, arcanjos, que estimulavam a imaginação de um mundo divino. Se a “nova ordem” do mundo, por um lado quebrou o encantamento do universo,

¹² Este é o conceito que Habermas extrai de Max Weber, na primeira parte do primeiro capítulo do citado livro. Nas outras parte subsequentes, Habermas extrai conceitos de outros autores da modernidade. Utilizamos este conceito, pois entendemos ser ele o mais pertinente e aproximativo com o tema que estamos abordando.

por outro há de se salientar, colocou a humanidade numa situação de esclarecimento, ou melhor, uma minoria. Para Gusdorf (1978 p.47)

Expulso de sua primeira morada paradisíaca, Adão não podia mais retornar. Paralelamente, o homem de hoje, mesmo se ele experimenta a nostalgia do antigo mundo tradicional, é condenado a viver no novo meio técnico, prisioneiro das ameaças e das delícias da barbárie mecânica. Pode-se caracterizar este novo meio dizendo que ele está desnaturado, que perdeu sua face humana e se definiu agora conforme as normas da racionalidade técnica. A face da terra, antes vasta e diversa, perdeu sua policromia concreta, suas cores diferenciadas para se fundir no acinzentado homogêneo de um terreno de percurso aberto à livre circulação do cálculo.

Nosso entendimento de ciência moderna ou ocidental, advém da Revolução Galileana. Galileu (1564-1642)¹³, torna-se o marco de uma nova concepção de ver, conhecer, perceber e relacionar-se com o mundo.

Não um mundo propriamente novo mas um novo entendimento de sociedade estruturando-se, sendo que uma das peripécias na história da racionalidade ocidental, se deu quando “a ciência positiva moderna, a física matemática de Galileu e de Newton, destruíram para sempre a venerável imagem do mundo que garantia aos filhos da terra um lugar privilegiado, sob o olhar misericordioso da divindade” Gusdorf (1978 p.33). Para Henri Gouhier citado por Gusdorf (1978), a ciência moderna, surgiu no momento em que os anjos foram expulsos do céu .

Galileu, Copérnico e Newton, são considerados os precursores de uma nova imagem do universo, com suas bases fundadas na física e na astronomia. A teoria, juntando-se à prática, formou a cosmologia¹⁴ moderna, tendo como características o

¹³ Conforme Boff (1998), - O despertar da Águia – o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Ed. Vozes/ Petrópolis-RJ

¹⁴ Cosmologia: cosmovisão, conjunto de representações de diferentes natureza que formam a imagem do universo que uma sociedade projeta para orientar-se e para situar o lugar do ser humano no conjunto dos seres. (conforme Boff 1998 p.170)

mecanicismo, o determinismo, a linearidade, o reducionismo, e, o dualismo conforme Boff (1998).

Para este autor, dentro da percepção mecanicista de mundo, o universo é composto essencialmente de matéria inerte. Seu funcionamento se dá ao de uma máquina que funciona eternamente. Pelas leis determinísticas, há possibilidade de uma descrição matemática exata dos fenômenos, e pela linearidade cada efeito tem sua causa correspondente. A realidade complexa é reduzida a apenas elementos simples.

Pelo reducionismo, reduz o conhecimento dos seres somente ao enfoque científico. Através do dualismo “(...)separa matéria e espírito, homem e mulher, religião e vida (...). O que conta é a matéria, mensurável, matematizável, manipulável e destituída de qualquer irradiação e propósito (...)” Boff (1998 p.31).

Para Japiassú (1985), uma nova sociedade, transmite-se também em uma nova visão de mundo instaurando-se. Novos hábitos mentais, novas necessidades. Os banqueiros e comerciantes vão desempenhando um papel central nesta nova ordem social. Surge um novo realismo, por sua vez também aparece um novo racionalismo. Eis aí o indício da atividade moderna, baseada no lucro, crescimento, produção eficaz e etc...

Torna-se importante salientar, o entendimento da ciência como um produto da evolução social e cultural. É no solo social conforme Japiassú (1985), irrigado por variadas determinações que direcionarão o mundo científico. Para este autor, a ciência

(...) é formada numa sociedade determinada com objetivos determinados, objetivos que não eram apenas de ordem cognitiva, mas de ordem prático-social. Donde a importância de examinarmos em que circunstâncias adquiriu forma o projeto científico¹⁵. Não foi por acaso que um novo tipo de saber definiu-se na aurora dos tempos modernos. Neste momento ela constitui o saber dominante próprio à sociedade comercial, industrial e

¹⁵ Grifo nosso

técnica que progressivamente, substituiu a sociedade feudal e medieval (1985 p.115).

Com esta idéia de cientificidade, torna-se compreensível que o “produto científico” amparado sob a égide da matemática e do cálculo, necessários à uma sociedade mercantil, tendo nas próprias trocas mercantis suas bases, seja o “produto” com maior aceitação no âmbito social.

Todo o verdadeiro, torna-se verdadeiro cientificamente, e todo o científico passa a ser a verdade. A previsibilidade torna-se a condição fundamental para evitar o “erro”. Horkheimer e Adorno (1985) manifestavam-se na forma de uma denúncia ao perceber que a inverdade do esclarecimento (ciência), não estaria no método, na decomposição reflexiva, “(...) mas sim no fato de que para ele o processo está decidido de antemão” (p. 37).

Neste surgimento de um novo contexto, da emergência de uma nova concepção de mundo, aflorado a partir das teorias modernas da nova ciência que vem desenvolvendo-se, torna-se o marco entre o verdadeiro e o falso.

Surge neste contexto, a figura do cientista, como legítimo portador da verdade, figura esta que será depositada a confiança do que pode ser definido como o correto. A ciência passa a ser um dos melhores acontecimentos, legitimando com a idéia que qualquer procedimento, torna-se necessário ser científico, para ter o respaldo e a credibilidade social.

A consequência disto, é que torna-se legítimo passar pelo crivo do cientista as decisões e o cuidado de organizar a sociedade. A consequência maior ainda passa a ser que esta organização social, vem da elite, a qual faz-se representar pelos especialistas, ficando detentora assim do monopólio do saber e do poder, e ao povo ou a “massa”, - inculta, ignorante, incompetente – reserva-se ser comandada pela elite, conforme Chauí (1986).

Ao cientista, cabe o encargo da diferenciação entre o bem e o mal para a sociedade, do que tem valor científico e do que não tem este valor, de utilizar-se da previsibilidade - normal no método científico- pela incógnita, de apontar os novos caminhos seguramente, pelo conhecimento das leis naturais, pela previsão, logo, também pela manipulação.

Para Japiassu (1985), o advento do sistema mercantilista em substituição ao feudal torna-se o solo onde crescerá a ciência moderna. Para esse autor, esta “nova ciência”,

não surgiu como uma atividade pura e desinteressada, como uma aventura espiritual ou intelectual. Mas dentro de um amplo contexto histórico, inseparável de um movimento visando a racionalização da existência. E é todo o desenvolvimento da sociedade comercial, industrial, técnica e científica que se inscreve no programa prático da racionalidade burguesa. Assim a burguesia nascente, que logo se instalaria no poder, tem necessidade de um sistema de produção permitindo-lhe uma exploração sempre maior e mais eficaz da natureza. E tal sistema não tarda a fazer apelo a um novo tipo de trabalhador: o cientista (p. 119).

O interessante notar neste contexto, é que com o crescimento do mundo dos negócios, este “novo” homem, precisa e ao mesmo tempo tem o desejo de saber, de prever, de ter claro o “seu mundo”. Para isto há necessidade de dados com a maior precisão possível, pois no sistema das “trocas” a eficiência e a eficácia, passam a ser o objetivo principal.

Para Japiassú, (1985) é importante notar o desenvolvimento da ciência moderna, juntamente com o sistema capitalista, e a ocupação de posição particular e ambígua do cientista “(...) de um lado, aparecem como pesquisadores totalmente separados da sociedade, inteiramente isento de compromissos com a produção direta; de outro, passam a ser considerados como os principais agente do sistema de produção” (p.120).

É justamente sob estes pesquisadores identificados com a modernização, e suas concepções que serão depositadas as responsabilidades de agir sobre a sociedade e tudo

que a ela se relaciona. Novamente salientamos o esporte, e no caso aqui discutido o futebol, como um espaço onde agirão os cientistas, seus métodos e principalmente, suas interpretações de mundo, calcada hegemonicamente, numa visão fragmentada da sociedade e dos seres humanos, As repercussões disto? Veremos mais adiante.

3.1. Maquinando a modernização: o caso do futebol

Direcionando-nos ao futebol, fizemos um recorte na história deste. Num primeiro momento demarcamos como balizador deste estudo os Mundiais de Futebol, e em um segundo momento usamos como “divisor de águas”, o Mundial da Inglaterra.

Para o futebol brasileiro, a copa do mundo de 1966 na Inglaterra, tornou-se um marco para concretizar as idéias de que precisávamos de um “novo futebol”, um futebol no qual a improvisação, os dribles e o individualismo, não significassem mais a principal característica, marcante até então deste futebol¹⁶.

A partir desta “copa”, o futebol brasileiro conhecido pelos dribles, improvisos, floreios e pela malandragem, passaria a ser alvo de severos questionamentos, de quem vivia no mundo futebolístico, e considerados obsoleto. Um dos fortes motivos para esta constatação, foi a de não termos sequer, passado nem das oitavas-de-final nesta competição, sendo um dos piores desempenhos do selecionado brasileiro.

Podemos dizer que a Copa de 1966, viria significar, não só uma derrota do selecionado nacional, em uma Copa do Mundo, mas uma derrota do futebol brasileiro diante da modernidade representada pelo futebol da Europa, “(...) operando uma reviravolta entre a magia do nosso estilo e a escola científica européia” Florenzano (1998

¹⁶ Utilizaremos como marco, a Copa de 66 na Inglaterra, por diversos fatores ocorridos nesta copa, entre eles podemos citar as derrotas sofridas diante da Hungria e de Portugal, a não ultrapassagem das oitavas-de-final, e a conseqüente volta mais cedo para “casa”. É justamente pelos problemas advindos deste cenário, que

p.29), que embora comece a germinar após derrota na Inglaterra, podemos considerar um dos seus ápices de experimentação, a Copa do final da década dos anos 70; ou seja a Copa da Argentina em 1978¹⁷.

A modernização do futebol, coloca como imposição a formação de um novo jogador capaz de atender as exigências do novo futebol, cabendo a ciência um papel decisivo para obtenção deste objetivo. Para Florenzano, (1998)

(...) a copa da Inglaterra arregimentaria uma militância obstinada em favor dessa verdade, persuadindo os que porventura ainda se mostrassem recalcitrantes. (...) Estamos, porém, no início do processo ao longo do qual futebol e ciência irão confundir-se de modo tão estreito e inquestionável, nas décadas seguintes, até o ponto em que o principal periódico esportivo de São Paulo poderá orgulhar-se de haver noticiado o vaticínio do futebol como ciência (p.32-33).

Esta nova imposição privilegia a força física contra o talento, é “(...) na racionalização dos sistemas de jogo em decorrência da qual submete-se a arte às exigências da objetividade, funcionalidade e busca da eficácia que regem as equipes organizadas como máquinas disciplinadoras de jogar futebol” Florenzano (1998 p.17).

Para este autor, nos anos 60, há um grande embate do futebol moderno, que justifica-se pela busca de constituir a equipe de futebol enquanto equipe-máquina, que requereria a figura do jogador-peça¹⁸, pois entende este autor, que este pensamento aflora pela necessidade de disciplinarização do jogador de futebol, principalmente dos advindos das classes desprivilegiadas.

exaltam-se com mais força as vozes em favor do “novo”, do futebol modernizado, e faz desta Copa, o limite entre o futebol arte e o futebol força..

¹⁷ Esta Copa do Mundo, também é considerada por alguns autores, entre eles Joel Rufino dos Santos como uma competição em que o futebol brasileiro “adotou” a cientificidade para jogar futebol. Isto expressa-se na figura de seu treinador Claudio Coutinho.

¹⁸ Esta idéia de um time de futebol regido pela concepção de máquina como modelo, além de estar aliado a idéia de rendimento e eficiência, também alia-se a disciplinarização em curso da nova sociedade brasileira ao projeto de Homem-Novo que tentava-se impor no país.

Esta consideração feita à equipe jogar como máquina, no nosso entendimento, não fica só no sentido pejorativo do uso da palavra “máquina”, ela irá se expressar como veremos a seguir, numa forma de jogar que interpreta também um modelo de sociedade que está estruturando-se, e que traz em si um paradigma de mundo e sociedade.

Para Sevcenko, apud Florenzano (1998) “existia” a noção de que o corpo humano e a sociedade são máquinas, que quanto mais aperfeiçoados, mais regulados, e mais coordenadas, mais efetivo seriam seus desempenhos e melhor sua energia potencial. Isto irá favorecer ao pensamento esportivo do início do século. Comprova-se isto, a partir de que “(...) já nas primeiras décadas deste século o desenvolvimento dos esportes conferia à máquina um lugar de destaque no imaginário social(...)” (p.17)

Esta concepção de início de século, vem juntamente com uma rápida ascensão da ciência moderna que progredia através de uma concepção de mundo com um funcionamento dirigido pela previsibilidade, pela perfeição, metodicamente racionalizado, calculado, programado, onde qualquer semelhança com uma máquina,...não seria mera coincidência.

A questão da máquina, para nosso entendimento, está aliada, não só no pensamento de início de século, mas há de salientar-se, que a máquina é o motivo de reflexões e discussões anteriores à nosso século.

Santin (1996), observa que os estudiosos do universo, teólogos ou cientistas, sempre recorreram a modelos exteriores para traçar a fisionomia humana. Em tempos passado pelo entendimento da regência divina sobre o universo, o ser humano, segundo tradições bíblicas era formado tal qual a imagem de deus. A partir de Galileu, sendo o universo uma grande máquina, o ser humano assume também esta mesma aparência.

Koiré (1991), ressalta que os filósofos da idade antiga se resignavam com a ausência da máquina, e os contemporâneos, pela presença desta. A preocupação dos filósofos modernos, era com a influência que a máquina, e todo seu funcionamento, poderia causar na vida humana.

Mesmo assim, a máquina, ilude o sonho de alguns filósofos que vêem nela o modelo ideal de funcionamento. Tão ideal que “surge” para Descartes, conforme Koiré (1991) o pensamento de uma ciência operativa, que poderia pelo homem auxiliar na construção de “máquinas moventes”, onde poderia o ser humano tornar-se dominador da natureza exterior pela mecânica, e do corpo pela medicina¹⁹.

Para este mesmo autor, “o sonho cartesiano de uma humanidade liberada pela máquina de sua sujeição às forças da natureza, de uma humanidade vitoriosa dos males que oprimiam, animou a Europa durante mais de dois séculos” (1991 p.245), e continua a animar, ao dizer que isto ainda hoje permanece vivo. Acrescentamos que basta percebermos isso em várias instâncias da vida social, e conseqüentemente também esportiva.

Exemplo disto na vida social, citamos a organização da máquina burocrática submetendo as pessoas ao seu serviço, e não ao contrário servindo-as, como também o sistema de organização do trabalho na produção seriada, ocorrendo nas fábricas²⁰ onde a intervenção do operário, se dá mecanicamente.

¹⁹ Cabe aqui lembrar que a educação física e o esporte, ainda utilizam-se veementemente das bases científicas da medicina, tanto no entendimento do corpo, como em seus procedimentos (fragmentários) para prescrever atividades corporais e embasar o treinamento desportivo. Tanto a medicina como a educação física, trazem em si os “resquícios” do pensamento Cartesiano.

²⁰ Gusdorf (1978), descreve claramente esta questão do trabalho seriado, ao falar de uma fábrica da Philips na montagem de televisores. “Reservaram para o fim da visita o grande vestibulo de montagem de receptores de televisão. Numa espécie de catedral, imensa e clara, centenas de mulheres, ao longo da oficina, de ponta a ponta, estavam sentadas em mesas. Essas mesas eram na realidade fitas rolantes sobre as quais com um acompanhamento musical, deslocavam-se lentamente os receptores em vias de construção. No início da cadeia, o esqueleto do futuro aparelho estava completamente nu. A tarefa de cada uma das operárias diante das quais ele passava sucessivamente, consistia em montar sobre esse chassis um pequeno órgão, um

Para Gusdorf (1978), nada impediria de pensarmos atualmente, uma máquina de governar onde substituiria a aparelhagem complexa da sociedade política, talvez, já existindo em algum subterrâneo hermeticamente fechado de alguma Brasília, protegida pelos segredos que envolvem os negócios de Estado. Neste contexto, (social), o modelo fica por conta da máquina governamental.

No mundo esportivo ha visão ainda mecânica do corpo humano na qual concebe o funcionamento desse tal qual uma máquina. A circulação do sangue, funcionando a partir do coração como central de bombeamento, com um sistema de vasos comunicantes. Os pulmões foles, os membros alavancas e as articulações engrenagens, conforme Santin (1996), são ainda muito presentes, principalmente, na teoria moderna do treinamento do futebol, auxiliado e amparado pelas teorias do treinamento desportivo. Se no contexto exposto acima, o modelo é o da máquina burocrática, no esportivo, expressa-se na figura do homem máquina.

Para o futebol moderno, o modelo de máquina passa a ser um modelo perfeito, pois não expressa-se este modelo apenas na conotação dada: “tal time é uma máquina de jogar futebol”. Isto concretiza-se na realização prática deste esporte, pois na visão do futebol modernizado, os jogadores são considerados, ou como peças desta máquina, ou então, a própria.

parafuso, uma lâmpada um pedaço de fio, um elemento transistorizado; assim se construía aos poucos , peça por peça, o televisor que no final das contas recebia a vestimenta de sua cobertura e partia para mais longe para os ensaios de funcionamento. Era um caso entre muitos outros, do trabalho em cadeia cuidadosamente racionalizado e prosseguido numa atmosfera monótona, de acordo com os ritmos que não tinham nada de excessivo. Eu admirava polidamente esta realização de alta tecnicidade, quando o administrador que me conduzia fez esta observação: ” O que há de mais interessante aqui, o senhor não pode nem desconfiar, é que o senhor tem sob seus olhos centenas de operárias que produzem excelentes receptores de televisão. Ora,

Entra em campo o treinamento desportivo: Um breve excuroso.

Os campeonatos mundiais de futebol, e as Olimpíadas, tem como, entre outros objetivos, serem vitrines de modelos científicos. A cada nova edição de Copa do mundo, principalmente nas últimas décadas, a curiosidade fica por conta dos sistemas táticos apresentados entre as seleções (representando quase sempre o futebol moderno), e a suportabilidade energética dos jogadores frente a exigência destes novos sistemas.

Há algum tempo atrás, o treinamento das equipes, na maioria das vezes era de responsabilidade de treinadores que obtiveram sucesso na carreira esportiva, passando para seus atletas suas experiências. Este fato porém não é novo no treinamento dos times de futebol brasileiro, pois conforme Filho(1964), clubes como o Fluminense do Rio de Janeiro, nas décadas de 20, já inovavam com o treinamento físico; o novo passa a ser, na preponderância dada a este fator,

de manhã cedinho, no dormitório do fluminense, na casa da rua Guanabara, os jogadores acordavam, iam para o campo, para fazer uma coisa que os jogadores do outro clubes nunca tinham feito: individual. O Fluminense contratara Mr. Taylor para isso, para preparar fisicamente o jogadores (p.121).

Atualmente, ainda que isto esporadicamente possa acontecer, de existir um abnegado como preparador físico, a incursão dos procedimentos científicos nos treinamentos dos atletas torna-se cada vez mais incisivo, sob uma forma racionalizada, metodologicamente organizada, com o propósito de elevar os atletas a seu potencial máximo, na situação de jogo; esta metododização, recebe o nome de *treinamento desportivo*.

Nossa intenção aqui, não é fazer uma análise sucinta deste processo, mas analisarmos mais de perto, como este se desenvolve, e sob quais bases científicas assenta-se.

Não é de difícil percepção, que este método de treinamento, reúne em si, os mesmos pressupostos das ciências naturais; ou seja o mecanicismo, o reducionismo, o determinismo, a causa-efeito, a linearidade e o dualismo. Como afirmamos isto?

Vitor Marinho de Oliveira²¹, em um trabalho de pesquisa, sobre quais livros e artigos eram mais indicados por professores na área da E.F., fez uma análise do contexto destas indicações. Dentre estes livros mais indicados, estava *Bases fisiológicas da Educação Física e dos Desportos*, de Edward L. Fox e Donald K. Mathews.

O interessante para o nosso trabalho, é perceber que primeiro, este é um livro considerado básico para os professores de E.F., que tem uma ampla transitoriedade nas escolas de E.F., considerado por alguns como a “bíblia” da fisiologia. Segundo, é que a análise feita por Vitor M. de oliveira sobre este livro, ultrapassa uma análise de ordem técnica, mas direciona uma análise, de caráter sociofilosófico e histórico.

A relevância para nossa questão disto, é que este livro tem uma grande circulação nos cursos de E.F., sendo considerado a base teórica da maioria dos professores, como dito acima, que se dedicam a trabalhar com o esporte. Sendo assim, os primeiros passos dos futuros técnicos em desporto, são dados, assegurados por este livro. Para Oliveira (1994), isto “(...) veicula uma visão de sociedade, de homem e de Educação Física na perspectiva do consenso. A Educação Física teve reforçado seu paradigma higienista/elitista, o homem continua a ser observado como um quebra-cabeças e a sociedade norte-americana teve, mais uma vez, os seus valores impostos à nossa” (p.123). Continua ao salientar que neste

citado livro, houve um corte, que permitiu abandonar as ciências humanas e sociais, o que levou os autores a conceituar a E.F., da forma típica da sociedade a qual são oriundos.

Este mesmo autor, (1994), acha necessário resgatar também, o que os autores entendem por científico nesta obra, e esclarece que estes, encontram como prova de cientificidade as propostas de testes, “ (...) ali só se acham referências a medições quantitativas, com um total abandono de qualquer possibilidade de avaliações qualitativas. O *rigoroso*²² torna-se sinônimo de *matematizável*²³, restringindo-se o conceito de ciência a padrões positivistas” (p.122).

Conclui Oliveira (1994), ao destacar que esta obra teria um maior valor caso houvessem modificações em alguns capítulos, em que isto fosse possível, que se relacionassem com a sociedade brasileira, mas comenta que a transplantação cultural torna-se um traço característico da nossa intelectualidade. Isto nos leva também a uma passagem de Adorno e Horkheimer (1985), que de uma outra forma, expressa semelhante pensar, ao destacar que “o eu que aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo, não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador” (p.28).

O que estamos primeiramente destacando aqui, com a ajuda dos estudos de Oliveira, é o uso exacerbado e sem uma maior reflexão, de uma obra que, embora tenha uma grande contribuição na área fisiológica, na E.F., poderiam ser refletidas suas concepções, principalmente as de cunho positivista, que acabam tornando-se base fundamental para professores que atuam na área do treinamento desportivo, onde estes contribuem para sua reprodução e manutenção.

²¹ *Consenso e Conflito da Educação Física Brasileira*. Campinas /SP Ed.Papirus 1994.

²² Grifo do autor

²³ Idem

O treinamento desportivo, subsidia-se segundo Barbanti (1996), por alguma subdisciplinas dentre as quais: Bioquímica, Biomecânica, Medicina do Esporte, Pedagogia do Esporte, Aprendizagem Motora, Sociologia do Esporte, Psicologia do Esporte, Anatomia, Fisiologia do Exercício. Tem como definição para Dantas (1995) “(...) o conjunto de procedimentos e meios utilizados para se conduzir um atleta à sua plenitude física, técnica e psicológica dentro de um planejamento racional, visando executar uma performance máxima num determinado período” (p. 20).

Esta forma de “treinamento”, tem alguns princípios básicos, ou princípios científicos, pré determinados, que são indispensáveis observar na aplicação do treino dos atletas:

1º)Princípio da Individualidade Biológica:

2º)Princípio da Adaptação

3º)Princípio da sobrecarga

4º)Princípio da Interdependência das cargas

5º)Princípio da continuidade

6º)Princípio da especificidade

O interessante a notar aqui, é a concepção da causa-efeito, que estes princípios trazem em si, e que o professor irá adotar talvez sem perceber, pois seguindo-se à risca tais princípios, é a condição *sine qua non* para o processo ter pleno sucesso.

De uma forma resumida para explicar o funcionamento do treinamento, ele se dará principalmente embasado por estes princípios mencionados.

Partido da hipótese de que o ser humano, vive em um processo de busca de equilíbrio constante, conhecido por *homeostase*, qualquer fator que tire o organismo desta

homeostase, ou desequilibrá-lo, o organismo terá de fazer compensações para voltar novamente a este estado.

Entende-se por desequilíbrio, desde tomar uma bebida alcoólica, contrair uma doença, tomar algum remédio ou submeter-se à carga de treinamento.

Sob intervenção constante destas cargas, o organismo humano, fará adaptações constantes, - recuperação da homeostase - a fim de conseguir suportá-las, e preparar-se para novas cargas de maior intensidade, sendo esta uma das características básicas do treinamento desportivo, o aumento progressivo de cargas de trabalho.

Estas cargas aplicadas respeitando os princípios supra mencionados, ou seja, concebendo o ser humano como único biologicamente, respeitando o tempo de adaptação entre uma carga e outra, dosando-as corretamente de treino para treino, mediar coerentemente o volume do treinamento com a sua intensidade²⁴, dar um caráter de continuidade ao treinamento, e treinar de acordo com a especificidade da modalidade escolhida, tornam-se as condições gerais para caracterizar um treinamento desportivo de alto rendimento.

Dentro destes princípios achamos de interesse destacar, o que Dantas (1995), expõe sobre o primeiro - Individualidade biológica -, que refere-se a cada pessoa ser segundo leis biológicas, a soma do Genótipo + Fenótipo, e que estes irão influenciar, principalmente o genótipo, - carga genética, - em diversos fatores, de ordem físicas, mas, importante salientar, de ordem intelectuais. Isto significa dizer, que ser inteligente ou não, irá depender de uma contribuição genética, já nascendo com pré disposição ou não para

²⁴ Volume no treinamento desportivo, é representado pelos valores expressos em total de quilometragem percorrida, total de repetições feitas numa série de exercícios, número de séries executadas etc..., quanto a intensidade, corresponde ao tempo utilizado em cada segmento da corrida, o quanto de peso levantado, a velocidade de execução etc...

isto. Pela lógica só os nascidos em condições favoráveis teriam possibilidades de terem um potencial intelectual melhor.

Para alguns autores, que trabalham sob a ótica desta ciência natural, suas concepções sobre os seres humanos, não diferenciam-se dos aspectos que elencamos acima, e questionamos. Uma delas passa pela questão do corpo-máquina, ou seja, o mecanicismo.

Para Gibson & Edwards (1985), apud Barbanti (1996 p.17), “ O corpo humano é uma **máquina complexa**²⁵ e o treinamento físico é o processo pelo qual se melhora o rendimento e reduz o risco de possíveis danos causados por ações musculares descoordenadas ou sem habilidades.” Na introdução do seu trabalho, teria o autor escrito que sua única certeza de aplicação correta de seu trabalho, seria através do **método que a ciência lhe oferecia.**

Sérgio B. Moreira em sua obra²⁶ traz na introdução, uma interessante comparação entre as trocas energéticas ocorridas no universo explicadas pela física, e as trocas energéticas ocorridas no interior do organismos humano numa condição de esforço físico, como sendo uma, condição básica para a outra.

O autor ao longo do texto coloca como imprescindível para alcançar um determinado desempenho numa prova de maratona, o equacionamento prévio disto, ou seja uma credibilidade na matemática, e a possibilidade de prever isto antecipadamente. “Quando no procedimento matemático, o desconhecido se torna a incógnita de uma equação, ele se vê caracterizado por isso mesmo como algo de há muito conhecido, antes mesmo que se introduza qualquer valor” Adorno e Horkheimer (1985 p. 37).

²⁵ Grifo nosso

²⁶ Equacionando o treinamento: a matemática das provas longas. Ed. Shape, Rio de Janeiro/RJ, 1996.

Em Sérgio Moreira (1996), encontramos em várias ocasiões, o seu entendimento de corpo humano, que alia ao do automóvel, desta forma: “É preciso perceber que, se um carro é constituído por mais de mil peças, o corpo humano contém bilhões delas e, portanto, exige um conhecimento muito mais técnico, onde a quantificação numérica representa um papel de grande importância” Moreira (1996 p.17).

Continua seu pensamento em alguns parágrafos mais adiante, afirmando sua concepção de corpo humano:

Contudo, a maioria dos atletas de fundo ou dos triatletas conhece melhor o motor de seu carro do que seu próprio motor. (...) Em realidade as peças que compõem o motor humano não são complicadas. O que confunde é que existem inúmeros tipos de peças simples atuando em ação coordenada. Se as observarmos atentamente, chamando cada uma delas por seus respectivos nomes, poderemos compreender com facilidade como elas trabalham e sua influência no desempenho desportivo” Moreira (1996 p.18).

O que estamos pretendendo até aqui, não é fazer uma análise crítica destes renomados autores de nível nacional, nem de seus trabalhos, muito menos fazer disto uma pesquisa bibliográfica – impossível até pelo número de obras citadas - mas exatamente por serem eles autores de renome nacional na área do treinamento desportivo, apresentar o modelo científico por eles utilizados. Se descrevermos mais alguns cientistas esportivos²⁷, em que seus trabalhos são seguidamente utilizados nas escolas de E.F., veremos que suas obras, o pensamento científico, são semelhantes aos autores aqui citados, trazendo expresso em seus conteúdos várias características das ciências naturais.

Sendo estas obras que permeiam hegemonicamente os cursos de E.F. nacionais, e os atuais técnicos desportivos provenientes destas instituições, podemos perceber (não concluir), que são estas as possibilidades de prática e ensino desportivo que serão

empregadas nos clubes, nas escolas, para o lazer, nas escolinhas de desporto, para atletas profissionais, amadores, adultos, crianças ou terceira idade. Como já escrevemos neste trabalho, o que muda é a medida, pois o remédio é o mesmo.

Foi com a intenção de fazer um breve e geral esboço sobre como funciona a ordem interna do treinamento desportivo, e o quanto as concepções das ciências naturais, defendidas por estes autores influencia na nossa aproximação com o desporto, particularmente o futebol, é que abrimos este excuroso.

Mais adiante colocaremos como este processo faz parte diretamente no ensino de futebol para crianças, e quais os impactos que isto ocasiona na forma de ensinar/aprender a jogar futebol.

3.2. A modernização na queda de braço: futebol arte X futebol força

O futebol nacional, antes das Copas (58 e 62), era um futebol que embora apresentasse suas singularidades, não era considerado um paradigma do futebol mundial. Destacamos as anteriores Copas de 1950 (Brasil) e 1954 (Hungria), onde o selecionado brasileiro não conquistou “títulos”.

Se na Copa de 54 demos vexame, tremíamos diante dos húngaros, “(...) deram na Coréia de 9 a 0 e na Alemanha de 8 a 3. Jogavam soltos, alegres, atacando sempre” Santos (1981 p.65), só para lembrar, tomamos de 4 a 2 com direito a baixaria e tudo²⁸, isto tudo foi quase nada perto do que ocorrera na Copa anterior. Fomos derrotados em casa, “pleno

²⁷ Yury Verkhoshanski, Andrei Zakharov, Mark Alexandrovich Godik, William McArdle, J. Weineck, Manuel Tubino, e outros...

²⁸ “(...) Nilton Santos enfiou a raquete em Boszic; Humberto deu um bico, pelas costas, em Kocsis; Mario Viana chamou o juiz, Mr Ellis, de ladrão pra baixo - até hoje está expulso do quadro internacional de árbitros. Para fechar o baile - Hungria 4 a 2 - Zezé pegou uma chuteira e quebrou a cara do que tinha jeito de chefe: era o Ministro dos Esportes da Hungria. O futebol arte naquela Copa, ficou a cargo dos húngaros. Nós é que abrimos a caixa de ferramentas.” - Joel Rufino dos Santos - *História política do futebol brasileiro* - Ed. Brasiliense, 1981 (p. 66).

maracanã” lotado, pela seleção do Uruguai na partida final da copa. Uma nação inteira esperava uma vitória que já comemorava-se nas ruas como certa.

Duzentas e vinte mil pessoas numa tarde banhada de cintilante sol. Teve nego de dormir de véspera nos portões monumentais e na hora da correria não entrar. Saía gente pelo ladrão. Vários jornais deram em manchete: BRASIL, CAMPEÃO DO MUNDO! Quatrocentos anos e sessenta milhões de brasileiros contemplavam, na tarde azul, de 16 de julho de 1950, o pássaro de cimento chamado Maracanã. Formadas as equipes, Mr reader trilou o apito. Ai, foi o silêncio” Santos (1981 p.62).

Nesta copa entendemos por necessário salientar, estava em jogo não só uma afirmação do país enquanto o “país do futebol”. Tornava-se imprescindível provarmos frente ao mundo que não éramos uma sub-raça (feita de mestiços), ou um país subdesenvolvido, e a copa do mundo torna-se uma vitrine para o cenário mundial.

Além de provar a “superioridade esportiva” de uma nação, busca demonstrar também imbricadamente a superioridade científica, tecnológica, cultural, e econômica, e até racial. Para Santin, (1994), esta questão da superioridade racial, ainda aparece atualmente, só que nas entrelinhas dos órgãos de notícias.

No Brasil nesta época, (Copa de 50), forte eram os pensamentos que deveríamos sermos uma nação de “raça pura” e definida, mais precisamente “pura” nos moldes europeu.

Havia necessidade de nos auto afirmarmos como nação, e o modelo colocado para isto era o dos “colonizadores”. Uma raça saudável só poderia provir de uma raça pura, e nisto o mestiço brasileiro era “pior” do que o negro. “A derrota no futebol assim, acabou reativando um velho modelo cultural pessimista expresso no drama de uma sociedade que se acredita ‘racialmente impura’ conforme DaMatta (1982 p.32).

Na crônica de Nelson Rodrigues, o cronista com um pouco de “bom humor” e muito de sentimento verdadeiro, expressa o quanto sentiam-se alguns brasileiros por

derrotas futebolísticas e talvez sociais e econômicas, sucessivas antes das copas da Suécia e do Chile. Achamos necessário apresentar uma parte:

Amigos, eu sempre digo que, antes de 58 e de 62, o Brasil era um vira-lata entre as nações, e o brasileiro, um vira-lata entre os homens. Bem me lembro de um episódio que me parece extremamente simbólico. Imaginem vocês um velório de ministro. Lá estava o morto ilustre, mais condecorado que uma árvore de natal. O presidente da República comparecera, cochichando ao ouvido da viúva: - 'Grande perda, grande perda'. Mortalmente lisonjeada, a viúva quase caiu no chão, cravejada de brilhantes.

Pois bem. E, súbito, ouve-se o berro: - 'Olha o rapa!'. Foi um caos lá dentro. Senhoras subiam pelas paredes e se penduravam no lustre. O homens se atiravam pelas janelas. Até o defunto saiu correndo. Eis o que eu queria dizer: - aí estava um retrato do Brasil e do brasileiro. Éramos assim ante das Copas da Suécia e do Chile. Na nossa humildade feroz de subdesenvolvidos, tínhamos esse complexo ululante do rapa.

Só em 58 é que, de repente, o Brasil e o brasileiro deixaram de ser vira-latas. Quando acabou a final com a Suécia, o Cláudio Mello e Sousa apareceu com um peito largo e escultural de havaiano de filme. Sim, um peito que ele não tinha na véspera. E, assim, todo o País(...)". (1994 p.120)

Na tentativa de afirmar que a superioridade racial do branco sobre o negro e o mestiço era inquestionável, a Copa do Mundo de 1950, serve para legitimar "teorias", de que por sermos negros e mestiços, éramos portanto inferiores.

Lembramos que a culpa da derrota frente ao Uruguai (1950), derrota de um selecionado inteiro, caiu sob dois membros da defensiva brasileira; Barbosa (goleiro) e Bigode (defensor), onde alguns jornalistas mais racistas, conforme DaMatta (1982), e Lopes (1998) tentavam provar com a derrota que o negro e o mestiço, não serviam para decisões, "tremiam" na "hora da verdade". O poder de decisão, restringia-se aos brancos. "A prova (da derrota de 1950) estaria naqueles bodes expiatórios escolhido a dedo, e, por coincidência todos pretos: Barbosa, Juvenal e Bigode. Os brancos do escrete brasileiro não foram acusados de nada" Mario Filho (1964) apud DaMatta (1982).

O goleiro Barbosa, cabe lembrar aqui, foi barrado de entrar na concentração do selecionado brasileiro preparatório para copa do mundo de 1994, como alguém que dava

“azar”, e mais, proibido de encontrar-se com o goleiro Taffarel, que sentiu-se aliviado do encontro evitado. Esse mesmo Barbosa com uma frase demonstra o quanto este pensamento e este “racismo velado” ainda vigora no Brasil: “- *A pena máxima no Brasil é de 30 anos, a minha já dura mais de 50*” (referindo-se a sua “sempre lembrada culpa” pela derrota em 1950), exclama Barbosa.

Mas foi pelo futebol dos pobres e dos negros, mais precisamente dos negros, que o futebol brasileiro, apresentou uma maneira diferente de jogar, que o consagraria mais tarde como país do futebol. O futebol de Fausto, Fausto dos Santos - a maravilha negra – um dos maiores craques na época de transição do futebol de amador para o profissional, preto Maranhense que deslumbrou o Brasil.

O Brasil no primeiro meio século XX, era um futebol caracterizado e marcado pela maneira de atuar de seus jogadores, grande parte negros, o que ainda hoje, com raríssimas exceções ainda é possível perceber, conforme Gilberto Freyre apud Rosenfeld (1993)

de maneira inconfundível formou-se um estilo brasileiro de futebol; e esse estilo é uma nova expressão da nossa mulatice, perito em assimilação, domínio e abrandamento coreográfico sinuoso e musical de técnicas européias e norte-americanas, que são muito angulosas para nosso gosto – trata-se de técnicas, de jogo ou de arquitetura. Pois nosso tipo de mulatice -(...) é inimigo do formalismo apolíneo, é dionisiaco na sua mobilidade (...)” (p. 100).

Jogadores brasileiros que praticavam nos campos de futebol o que a vida exigia que praticassem além da divisória dos campos, o improvisado, a criatividade, o “jogo de cintura”, a “troça maliciosa”. Nada diferente de um povo que era (e ainda é, dentro de um preconceito muito velado), discriminado pela sua mistura de raças, com uma tendência ao mulatismo. Um povo que sofria e ainda sofre as conseqüências, entre várias, da dúvida entre o “tradicional”, e o “moderno”, discutidos anteriormente.

Para Rosenfeld, o brasileiro, caracterizado pela sua mulatice, tem um jeito especial de se apresentar em campo, derivado de sua posição social e racial, desejando fixar-se com um “status” que as camadas dominantes não estão dispostas a conferir-lhe.

Daí o ‘mulato pernóstico’ que adere ‘à pompa e à pose e cuja linguagem se compraz em torneios rebuscados e amaneiradas flores de retóricas’. Transposto para o futebol, isso resulta numa retórica física do tipo mais brilhante, numa dança ornamental de artimanhas espertas, manobras sabidas e truques manhosos, de capoeira – a louvada ‘malícia’ à troça maliciosa, muitas vezes perigosa ladina, daquele que prega uma peça no outro, desviando-o astutamente do caminho(...).” Rosenfeld (1993 p.100)

Podemos perceber então, que a maneira de jogar do jogador brasileiro, estaria longe de um futebol determinado exclusivamente pelas bases científicas, ou seja, de um futebol chamado moderno, que trocava a improvisação pela previsibilidade, o drible “audacioso” pelo gesto técnico, pré determinado.

A forte tendência, era sairmos da característica de jogar futebol própria, e sermos possuídos por um futebol hegemônico que vinha estruturando-se. Para Florenzano, “no futebol moderno, a magia do corpo cedia vez ao automatismo do corpo-máquina. Ao invés da fantasia, a repetição” (1998 p.41). Isto vinha tornando-se cada vez mais forte no *mundo futebolístico brasileiro*.

Duas correntes então se contrapuseram, uma defendia o “tradicional”, - onde podemos perceber aqui sinais de resistência - ou seja, o futebol regido pela malícia, pela malandragem no campo, o drible imprevisto e supérfluo, como escreveu Nelson Rodrigues²⁹

...e nesse dia ele estava particularmente inspirado. Driblou o primeiro italiano. Este caiu espetacularmente sentado. Veio outro que, com igual facilidade, o nosso comeu. O público estava deslumbrado. E Garrincha continuou. Os outros italianos vinham e eram ceifados. A platéia imaginava que Mané queria entrar com bola e tudo.

²⁹ Utilizamos o nome inteiro do autor citado, fugindo das normas acadêmicas, pois achamos importante destacar o nome inteiro de um grande cronista brasileiro que foi ferrenho defensor do futebol arte.

No fim, restou apenas o goleiro, que foi também driblado, sem maiores problemas. Era a hora de dar um toque para o fundo das redes. Garrincha achou, porém, que seria simples demais. Voltou, para driblar, novamente, o goleiro e a zaga. Só depois de tal devastação é que fez o gol.

Eis o que eu queria dizer: - assim jogamos nós. Não dispensamos esta coisa supérflua, mas vital, que é a beleza. Ainda ontem, eu dizia ao notável romancista Perminio Asfora: - o essencial para os nossos craque é o supérfluo" (1994 p.182).

A outra corrente, vinha ao encontro do anúncio do moderno na sociedade, proclamada ainda no início do século em países periféricos como o Brasil.

Esta modernidade construída por pilares científicos, tinha como objetivo a eficiência, Soares (1994). Esta eficiência no futebol só se daria através da incursão de procedimentos científicos metodológicos nos treinos de futebol.

O selecionado brasileiro, de 1950, derrotado pelo Uruguai, era um time que contava com a habilidade de alguns jogadores, caracterizando assim o futebol arte. A derrota nacional neste contexto, não serviu para colocar sob "judicie" a questão de que tínhamos um futebol ultrapassado, mas como colocado acima, interrogava-se a questão racial, do brasileiro mestiço.

Na Copa de 54, foi considerado um fiasco para o selecionado brasileiro. Copa esta na Suíça, V Copa do Mundo. A seleção do Brasil trocava de uniforme, do azul e branco, para o uniforme verde amarelo. O técnico era Zezé Moreira, inimigo das jogadas individuais, admirador do futebol inglês. Esta Copa teve muito de patriotismo e pouco de futebol. Na véspera do jogo contra a Hungria nossos jogadores antes de irem para cama, foram convidados a beijarem a bandeira brasileira, repetindo-se o feito pouco minutos antes do jogo, conforme Santos (1981). Resultado Hungria 4 à 2, Brasil 5º lugar.

Já na copas de 1958 e 1962, (Suécia e Chile), a seleção brasileira tornara-se campeã, com um futebol de características singulares, que consagrou o país no cenário

mundial, como o “Brasil do futebol”, visto com atenção pelos estrangeiros como descreve Soares (1994 p. 57) “(...) a Seleção consagrou-se Campeã do Mundo, na Suécia, em 1958, demonstrando incrível facilidade, como descreveu a imprensa internacional: -‘o Brasil venceu com um modo surrealista de jogar futebol’”.

Em 58 na Suécia, o selecionado soviético, era considerado o time que adentrava já a algum tempo na “modernidade científica”, e conforme relatos da época³⁰ era uma seleção preparada cientificamente, seus jogadores com capacidade suficiente de suportar correndo o jogo inteiro.

O perigo soviético não vinha, porém, da condição comunista, marxista-leninista, de seus atletas e treinador. Sua vantagem presumível advinha do fato de serem eles ‘comedores de bola’(...), por conta de um apregoado ‘método científico’ de preparação futebolística. Ou pelo menos assim eram visto o craques soviéticos, durante anos submetidos a uma refinada preparação técnica e física nos laboratórios esportivos da nova potência mundial, conforme apregoado no jornais e revistas, e pelas ondas de rádio, nosso mais importante veículo de comunicação da época”³¹.

Esta condição da União Soviética, de time mais bem preparado fisicamente só não foi exaltado com maior ênfase no Brasil na discussão sob o futebol moderno, como repercutiu o preparo físico do time Inglês na Copa de 1966, porque foi um selecionado perdedor, (e talvez pela sua condição “comunista”). E perdedor para um país que jogava dentro das concepções do anti-moderno, do anti-científico, e ainda a vitória comandada por um jogador que era o traço típico do mestiço brasileiro, camponês, franzino e ainda de pernas tortas, “(...) a anticiência por excelência” Castro (1995 p.165). apud Florenzano (1998 p.29),

Garrincha sequer passou no elementar teste psicológico aplicado pelo professor Carvalhaes, nosso principal esforço de introduzir as técnicas científicas mais modernas na preparação do aspirantes a campeão do mundo. Reza a história que, instado a se manifestar sobre um desenho que

³⁰ *A sombra das chuteiras imortais e A pátria em chuteiras* ambos livros, crônicas de Nelson Rodrigues

³¹ Diário catarinense, Sábado, 4 de junho de 1994 – *Mané garrincha era um Pós-moderno.* –Murilo César Ramos

*reproduzia toscamente os traços de um ser humano, Garrincha rira às bandeiras despregadas, enquanto dizia: 'Olha aí; é o Quarentinha! '- só porque a cabeça meio avantajada do boneco lhe fazia lembrar o centroavante paraense, seu companheiro de ataque no Botafogo'*³²³³

As vozes pelo novo, exaltaram-se mesmo na Copa da Inglaterra (1966), na derrota da seleção nacional e a copa vitoriosa pelo time inglês. Este momento é tido como o momento em que aflora a vontade dos adeptos do futebol brasileiro como um futebol que deveria se impor pela força física, pelo dinamismo do jogo e pela adaptação do jogador ao sistema tático, ou seja, o atleta como uma “parte”, adaptável conforme a exigência do todo.

Para Florenzano (1998), o grande confronto do futebol moderno, vai desenvolver-se também dentro do campo, na tentativa de adaptar o jogador a nova forma de jogar, sucumbindo a autonomia em prol do modelo pré-estabelecido, encontrando “resistência” em jogadores que não se adaptam a este novo contexto do “corpo-máquina, corpo inserido dentro da engrenagem mecânica na qual se busca transformar a equipe de futebol, ela própria constituída enquanto equipe-máquina a requerer, por sua vez, a figura do jogador peça” (p.20).

Esta nova forma de adaptar o futebol brasileiro, inibe o jogador driblador do gramados de futebol, o jogador que atrai para “si” o jogo, que se destaca pela sua imprevisibilidade, que sai dos padrões de jogo previamente estabelecidos.

Vale aqui fazer um aparte, e destacar a reportagem da “Folha de São Paulo”³⁴ sobre o jogador Wagner do São Paulo F.C., jogador considerado driblador demais por seus companheiros e pelo técnico Levir Culpi:

³² Idem

³³ Guardadas as devidas proporções do saudosismo epocal e recente de alguns autores, o romantismo pelo futebol, as concepções políticas e sociais de cada um, algumas crônicas, são imprescindíveis de serem apresentadas, pois tendem a ilustrar melhor alguns pensamentos nossos e também um olhar à nossa historia.

³⁴ Folha de São Paulo –Sábado, 18 de março de 2000- esporte 4 /5

As jogadas desconcertantes do volante Vágner, principal driblador do Paulista, serão vigiada hoje por seus companheiros e pela comissão técnica do São Paulo na partida contra o União São João, às 16h em Araras. (...) O técnico Levir Culpi pediu ao jogador para tentar driblar menos. Com isso, ele espera tornar a equipe mais rápida e objetiva.”

Nota-se que duas considerações podem ser observadas nesta reportagem. A primeira diz respeito a repressão feita ao jogador que destaca-se por uma habilidade no “trato” com a bola (condução, drible, imprevisibilidade), nas palavras “vigiadas pelos companheiros”.

A segunda a ser observada, é o discurso da objetividade da ciência e do sistema de produção, que procura eficiência e rapidez ‘*ele espera tornar a equipe mais rápida e objetiva*’. Ainda destaca o treinador: “- *acho que seria mais produtivo se ele reduzisse o número de dribles(...)*”.

Salientamos ainda na mesma reportagem, o quanto neste futebol considerado “moderno”, a “arte” o “brinquedo”, o “logro”, e tudo que possa provir de manifestações lúdicas, fora do contexto da seriedade científica e competitiva, exigida por uma sociedade voltada para a produção, são inclusive consideradas “desrespeitosas”, fora até do âmbito do “fair play”.

Seguimos a mesma reportagem: “No jogo contra o Palmeiras , ele foi acusado de **ofender** os adversários ao dar dribles. O volante acabou sendo caçado pelos rivais e foi o jogador que mais sofreu com jogadas violentas no clássico” Complementa o técnico “- *isso não me preocupa. Desde que ele não falte com o respeito ao dar seus dribles, não vejo problema algum*”.

A Copa do México (1970) vem para consolidar e proclamar, que estaríamos vivendo, com êxitos um novo futebol. Um futebol que uniria força com a arte. Importante notar na comissão técnica desta seleção, a inclusão de um trio de especialistas em

preparação física, à saber Admildo Chirol, que já era o preparador físico integrante da comissão técnica, os convidados Carlos Alberto Parreira, com curso de pós graduação na Alemanha e Cláudio Coutinho, que introduziu o método *Cooper* na seleção brasileira, conforme Florenzano (1998).

Ao tornar-se campeã, a seleção também com isso confirmava a nova direção tomada pelo futebol brasileiro, pois a partir de então, vestíamos a camisa do futebol moderno. Sobressaía-se a figura do especialista em treinamento desportivo, e a figura do técnico pragmático. Copiávamos o “futebol força” do estilo europeu e juntávamos ao “futebol arte”. Nesta Copa, o experimento era “juntar”, pois nas próximas principalmente a Copa da Argentina em 1978, a tendência seria sobrepujar.

Neste embate que parecia vencido pela exacerbação da preparação física, do coletivo em detrimento da individualidade e espontaneidade, tivemos um longo “jejum” de vitórias de Copas do mundo.

Entre “altos e baixos”, na concepção dos dois estilos de jogar, disputamos a copa da Alemanha (1974), com o mesmo treinador de 1970 - Zagalo -, com um futebol mais direcionado para a questão técnica e tática. Para Murad (1996), o esquema defensivo apresentado pela seleção, que contrariava as raízes culturais de nosso futebol, era apresentada como moderna.

Disputamos a Copa da Argentina (1978), com Claudio coutinho³⁵, assumindo a direção técnica, este treinador, representava mais do que nunca, a corrente de modernização do futebol brasileiro, mas também era o símbolo da militarização do futebol

³⁵ Treinador convocado que representava a corrente de modernização do futebol no Brasil. “(...) o Capitão Claudio Coutinho, professor de Educação Física assimilou modelo estrangeiros e lançou no vocabulário do futebol brasileiro uma série de termos: ponto futuro, “over laping” e outros” SOARES (1994 p.102).

brasileiro. Para Santos (1981), isto se dava graças a CBD³⁶ ser um órgão sob intervenção federal, sendo com isto militarizada. A essência do pensamento militar para este autor, “ é o binômio estratégico *segurança e desenvolvimento*. Onde está *segurança* leia-se atos institucionais, salvaguardas eficazes, censura e esquadrão da morte; onde está *desenvolvimento*, leia-se *modernização pela tecnologia estrangeira* (p.82-83). Coutinho implantou na seleção brasileira os modelos estrangeiros de jogar futebol, falava outra língua para os jogadores, mas o que interessava é que estava ali para modernizar. Nesta Copa, o futebol brasileiro além de não ganhar, não convenceu.

Na Espanha (1982), exaltava-se novamente o futebol arte, e a figura do “craque”, do jogador de “talento”, individual, criativo, espontâneo. Assumia Tele Santana, um técnico incentivador do “futebol arte”, “(...) assim na Espanha a equipe brasileira volta a encantar o mundo com a beleza de seu futebol” Soares (1994 p.102). Nesta copa, mesmo não ganhando, o futebol brasileiro, foi considerado por grande parte da imprensa o “vencedor moral”, o que garante a permanência de Tele Santana na próxima Copa.

Na Copa do México (1986), repetindo o mesmo técnico, sofremos nova derrota, e o futebol novamente da lugar a corrente opositora. O sonho do país de tornar-se tetra campeão mundial de futebol, mais uma vez não se concretiza, e junto com o sonho, se vai o modelo de jogo do futebol arte. O espaço ocupado agora é de seu opositor o futebol força. Brasil.

Na Copa da Itália (1990), vale perceber algumas características para o futebol brasileiro. Voltamos ao modelo científico trazido pelo agora técnico Sebastião Lazaroni, trazendo algumas novidades ao futebol brasileiro, conforme Soares (1994), como “(...) a extinção da posição de lateral e a introdução do ala, a assimilação do modelo Europeu que

³⁶ Confederação Brasileira dos Desportos

joga com uma função chamada de 'libero'(...) vestiu-se de vez a capa da 'ciência' na preparação física, como um novo dogma.

Foram introduzidos testes de resistência ao ácido láctico e aparelhos sofisticados para o controle do esforço corporal. "(...) Lazaroni, com muita personalidade, decretava pelos meios de comunicação, a morte definitiva do futebol 'arte', do futebol 'espetáculo' "Soares (1994 p.102-103). Nesta Copa também decreta-se a era "Dunga", jogador exemplo de vigor físico, o que poderia ser chamado de "europeização tática", contrário a identidade até então preservada do jogador brasileiro: a ginga, o oportunismo, a malícia.

Nos EUA, acaba o jejum da seleção brasileira de títulos em mundiais. Com Carlos Alberto Parreira, ex-integrante da comissão de especialistas na preparação física em 1970, agora técnico do selecionado, o Brasil torna-se campeão mundial, voltando novamente a confirmar a eficiência do "modelo novo" da preparação física, do cientificismo, e da nova forma tática de jogar, primando pelo aspecto defensivo, pela coletividade, pelo modelo padronizado. Para Capela (1996), torna-se preferível perder mais dez copas do mundo apresentando o futebol que jogamos em 50, no Brasil, ou em 82 na Espanha, que o futebol continuará a ser o principal esporte popular nacional, do que ganharmos mais dez copas do mundo jogando o futebol com o qual vencemos a Copa de 94, com tamanha a descaracterização do futebol.

Na copa da França (1998), novamente com Zagalo como técnico do selecionado, não fomos campeões, apresentamos um futebol que não identificava-se com nada. Nem era o "velho", o futebol que resistia, nem transitava para o "novo", o futebol que se adaptava.

O interessante notar, é o embate nestes mundiais do futebol força X futebol arte, ou utilizando-nos de um termo de Chauí (1986) da resistência com o conformismo. Parece que o futebol brasileiro debate-se ainda, conforme nossa sociedade, entre o velho e o novo,

entre o moderno e o antigo, ou ainda nas palavras de Fensterseifer (1999) entre o “não mais” e o “ainda não”.

Na elaboração teórica até aqui apresentada, a intenção é resgatar o caminho percorrido pelo futebol brasileiro, na intenção de adaptar-se aos “novos tempos”, como acima mencionado. O novo que traz consigo a confirmação da aurora de uma nova sociedade, estruturada em suas bases pelo conhecimento científico.

O futebol brasileiro no objetivo de adaptar-se aos “novos tempos”, vive entre queda e ascensão ora do moderno e ora do tradicional, ou melhor, do futebol arte e do futebol força, onde este aos poucos vai assumindo a identidade do futebol moderno.

Esta “tendência”, tem seus motivos explicáveis na “guinada” do futebol de um jogo, à “esporte espetáculo”, transformado concomitantemente com o resplandecer de um novo conceito de sociedade com base na produção, na concorrência, no mercado, nos valores, na exploração.

O que fica menos turvo, e mais claro, é a tendência á renunciar algumas distinções que caracterizavam o futebol nacional. Nas características desse futebol, ficava claro o lúdico, a malícia, a malandragem, a boa “irresponsabilidade”, ou seja, uma continuidade do futebol das peladas para o futebol nos estádios.

Um dos casos contados por Filho (1964), à respeito de quanto ao jogador era possível extravasar seu lado “moleque”, criativo, sem acordo firmado com a obrigação do ganhar., embora num “*match*” oficial, o que se fazia nas ruas, se apresentava nos gramados dos estádios, torna-se um bom exemplo:

(...) Jaguaré, de quando em quando, fazia coisa parecida. Gostava de rodar a bichinha na ponta de um dedo, de atirar a bichinha na cabeça do jogador mais perigoso do outro team. As mais das vezes não acontecia nada. O jogador do outro team esperando tudo, menos aquilo. Foi assim,

porém, que Baianinho marcou um primeiro goal para o São Cristovão. Meteu a cabeça na bola, Jaguaré contando com a bola de um jeito, e a bola vinha do outro.(...) Começava-se de novo, Jaguaré não rodava mais a bichinha na ponta de um dedo, não atirava mais a bichinha na cabeça de ninguém” (p.210).

Esta maneira de interpretar o futebol, e de nele atuar, vai modificando-se, e relembramos Elias (1992), que esclarece que não se pode ver o desporto como uma instituição social atual, autônomo e independente, não levando em consideração os aspectos de desenvolvimento das sociedades.

Para uma sociedade moderna, um futebol “moderno”! Este futebol vai formando sua estrutura – regras, dinâmica de jogo, número de jogos anuais, treinamentos, etc... voltada para um mercado deste próprio espetáculo. O resultado disto ao contrário de outrora, é um futebol altamente competitivo, e um elevado grau de estratégias e sistemas rígidos e inflexíveis, onde o jogador será adaptado ao sistema.

Há nesse novo estilo de jogar, uma exaltação da logicidade, da previsibilidade, da matematização, do valor utilitário (maior número de gols, de vitórias, maior renda, maior público etc.), uma “(...) tendência no sentido de uma crescente competitividade no modo de envolvimento e orientação para os resultados” Elias (1992 p.299). Em reportagem publicada pelo jornal Zero Hora³⁷, o jogador Romário ao elogiar o jogador Ronaldinho Gaúcho comenta: “- *Ronaldinho e eu somos os últimos românticos do futebol*”.

Para caracterizar o reducionismo do futebol moderno, à somente fatores cientificamente produzidos e previamente calculados, sucumbindo a criatividade à padrões pré estabelecidos, lembramos alguns jogadores mais audaciosos, que resolveram dentro dessas atuais circunstâncias “lograrem” as determinações impostas pelo atual modelo de

³⁷ Jornal de circulação no Rio Grande do Sul – Reportagem em 30/08/2000

jogar futebol. Em alguns casos foram contestados e reprimidos por alguns técnicos e pela própria mídia.

Lembramos alguns episódios destes, como o gol do jogador “Túlio” jogando pelo Botafogo/RJ no estádio Maracanã ao fazer um gol de calcanhar, virado de costas para a meta adversária e em cima da linha do gol. O penalti cobrado por “Marcelinho Carioca”, então jogador do Corinthians Paulista, contra o time do Sport Recife, ao chutar “vagarosamente” a bola no canto oposto ao caído pelo goleiro, após ter “ameaçado” chutar forte (uma malandragem do brasileiro). Na época, foi repreendido enfaticamente por seu técnico Wanderley Luxemburgo – este mesmo na época, técnico da seleção de futebol -, que também repreende o jogador “Ronaldinho Gaúcho” ao alçar uma bola na área, durante um treino do selecionado, utilizando-se e uma jogada típica do fut-volei; o passe de peito (repreensão feita em nome da seriedade do futebol moderno).

O jogador Edilson, jogador do Corinthians Paulista, também foi fortemente criticado pela imprensa e chamado de anti-ético, ao fazer “embaixadinhas” com a bola durante um jogo contra o time paulista Palmeiras³⁸, essas embaixadas, custaram-lhe o veto do selecionado brasileiro pelo técnico citado acima. O curioso, é que a atitude de seu colega de profissão do outro time, ao agredir-lhe com socos e pontapés, pouco se comentou.

³⁸ Um jogo que estava “morno” pois o adversário pelo regulamento do campeonato, estava, devido a situação dada, vitorioso. O jogo só seguindo a boa ordem do futebol midiático, cumprindo a programação do calendário, e da grade de programação de televisão. Talvez tenha sido esta a pena paga por Edilson; colorir um jogo incolor). Lembramos aqui Huizinga (1996), ao falar dos jogadores “desmancha prazeres”, que seria o jogador que *desrespeita* ou *ignora* as regras de um “jogo”. Aqui no caso apresentado, o “jogo”, era o que estava em jogo fora do gramado. Continua Huizinga, ao frisar que este “desmancha-prazeres” não querem se adequar as regras do jogo (ou da sociedade), estes constroem a sociedade própria, com suas próprias leis, são considerados os fora da lei. Bem vindo a todos que agem assim! Salientamos ainda que o autor destaca que mesmo na seriedade, aqueles que fingem seguir as regras do jogo, (os batoteiros), burlando-o, foram mais vantajosos na sociedade em contraposição aqueles rotulados de revolucionários, hereges, desordeiros, etc...

Outros episódios podemos lembrar, entre eles, a proibição pela Cobraf³⁹ da comemorações dos gols com coreografias feita pelos jogadores, das mais variadas e criativas formas. No noticiário do jornal do Brasil inicia da seguinte forma:

Carros de F1, trenzinhos, lambadas e outras criações. Os torcedores têm visto essas coreografias, ao vivo ou pela tevê quando acontece um gol. Só que os artilheiros vêm exagerando e a Cobraf, vai dar um baste na festa. (...) se não houver uma trava, não se sabe onde esta coisa vai parar”⁴⁰.

Para o jornalista Armando Nogueira, esta proibição significa a “(...) quintessência da hipocrisia. Não tem coragem de confessar que preferem o futebol de cara feia. Carrancudo.”⁴¹ Parece que este futebol moderno, tende a excluir toda e qualquer manifestação de brinqueado, de molecagem, que saia do contexto da seriedade competitiva.

A rigidez deste futebol, juntamente com seus métodos, comparações, medições, avaliações, enquadramento, calculabilidade, estatísticas, rendimentos, vem tornando sério, muito sério e exigindo sacrifícios e renúncias ao que poderia ser prazer. Subjugado a esta racionalidade, o futebol perde sua característica de contemplar o movimento, a beleza, a plasticidade do jogador ao “se movimentar”.

Parece que este caminho tomado pelo futebol, deixa carecer outras possibilidades, como os aspectos subjetivos, tais como os sentimentos, a liberdade de expressão, a ansiedade, o medo, as paixões. Sabemos perfeitamente os benefícios trazidos pelas ciências biológicas e tecnológicas no âmbito dos esportes e também do futebol. Mas também percebemos o quanto de contradições vem trazendo para o meio esportivo.

Entendemos necessário conhecer a razão, mas saber seus limites, e desenvolver um pensamento reflexivo sobre esta. Questionamos o equilíbrio disto, ou conforme Morin (1999), definir o homem como somente *sapiens*, significaria no mínimo razão, e no

³⁹ Comissão Brasileira de Arbitragem

⁴⁰ Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1993. p.21in revista

máximo sabedoria, percebendo que tudo fora da razão seria provisório, acidental, ou perturbador, e que a definição unicamente como *sapiens*, implicará numa ocultação da afetividade.

Há necessidade de explicitar o *homo sapiens*, mas também o *homo demens*. O outro lado da razão, aquele que se manifesta de acordo com seus sentimentos e vontades mais íntimas. Para Boff (1998), a vida humana sendo parcela de história da vida, e história da terra, é demente e sábia, onde há necessidade de uma relação dialética entre um e outro, e não de superação de um pelo outro.

Neste embate entre “futebol arte” e “futebol força”, - onde pode-se expressar a arte como uma característica proveniente da subjetividade -, no futebol arte, é a possibilidade de um momento de desvinculação de afastamento da racionalização do atual sistema. Este futebol, pendendo para a modernização, estará subjugado ao contexto efeito-causa e ao planejamento sistemático. Qualquer manifestação do lado subjetivo, torna-se inválido, pela dificuldade do medir, do calcular.

Sendo o futebol atual, cada vez mais um espaço de atuação da ciência, isto provocado pela sua transformação em mercadoria, e a ciência atuando nesta área, pela necessidade da previsão, percebemos que cada vez se torna mais esporádico dentro do campo de jogo, jogadores com a mesma criatividade⁴² e molecagem como nas peladas de rua ou dos campos de várzea, onde o compromisso com a vitória torna-se supérfluo.

Salvo raras exceções ainda temos jogadores com capacidade criativas, mas que vez ou outra são limitado pelos seus treinadores, ou por suas “funções” especializadas no sistema tático do jogo.

⁴¹ Armando Nogueira. *Na grande área*. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 de abril de 1993. P.19

⁴² Por criatividade, esclareço que estou abordando a forma com que o futebol, e principalmente o futebol brasileiro, pode ser jogado priorizando a criação espontânea, a alegria, e os dribles improvisados.

As jogadas mais vistas atualmente no futebol, são as jogadas viris de contato físico mais brutos, ocasionados primeiramente pela necessidade de vencer, e para isto os fins justificam os meios, e num segundo momento pelo alto progresso científico da área do treinamento desportivo, e fisiologia do exercício, que conseguem melhorar cada vez mais o desempenho físico dos jogadores. O que na opinião de um ex-técnico do selecionado brasileiro, que defendia a posição do futebol força chamado Zezé Moreira⁴³, destacava: “O ‘futebol-força’ não é ‘brutalidade’, não é violência, mas simplesmente muita luta, muito combate” Florenzano (1998 p.27).

Dentro deste contexto, nos vem insistentemente algumas curiosas indagações, que no levam a elaborar este trabalho. Temos percebido a transformação do futebol nestas últimas décadas, passando a um grande espetáculo comercial, patrocinado pela mídia e pelas grandes empresas. Tudo isto relacionado, por sua grande transitividade no mercado, como uma mercadoria de grande circulação.

É notório a presença da cientificidade biológica e tecnológica dentro deste desporto. Uma direcionada à busca de melhor performance dos jogadores, e a outra, pelo material utilizado, como também o sistemas de treinamentos físicos e táticos computadorizados e etc...

A grande parafernália que envolve os treinamentos do futebol atual, e as exigências feitas aos jogadores no que concerne a adaptação à “evolução” deste “novo futebol”, vão repercutindo também nas chamadas categorias de base – alvo de nossa discussão.

O que notamos é que existe uma tentativa de formar rapidamente o jogador para o mercado de trabalho. Juntamente à *modernização* do futebol nos aspectos de sistemas e

⁴³ Zezé Moreira, foi o técnico da seleção brasileira na Copa de 54 na Hungria.

formas de jogos, onde apresentamos a “luta” entre as vertentes do futebol “força X arte”, temos também a *modernização* no que diz respeito aos processos legais do futebol, que vem ocorrendo desde o profissionalismo do futebol brasileiro datado de 1933, mas que se acirra com a Lei Zico e a Lei Pelé, conforme Helal, (1997).

Isto leva a uma tentativa de adaptar o jovem jogador que são formado nas escolinhas de futebol, a atingirem o “amadurecimento” do estado atlético e da assimilação dos sistemas de jogo precocemente, para ser lançado ao mercado de trabalho. Trocando em “miúdos”, o jogador passa a pertencer ao empresário que o vende onde pagar melhor preço.

Com isto os processos de ensino/treino vão direcionando-se cada vez mais a especializações de funções, automatização de gesto e técnicas esportivas, e incremento de cargas de treinamento físico. Cada vez mais a metodologia científica, subsidia os treinamentos e os jogos dos jovens atletas.

Atualmente dentro dos processos de treinamentos do futebol, os aspectos de formação e aprendizagem dos jovens não são muito levados em consideração. As cargas de trabalho demasiadas, a ludicidade, a vivência de outras experiências, na maioria das vezes são relegadas a segundo plano. O máximo que se faz nestes processos de ensino, não é uma transformação pedagógica, mas sim uma readaptação desta. O que se aplica sempre, é o mesmo “remédio” com medidas menores. O remédio no varejo, vira veneno no atacado!

Percebendo as atuais transformações do futebol moderno e suas repercussões no ensino deste na formação de jogadores nas categorias de base dos clubes de futebol, e também procurando entender como a educação física insere-se neste debate, é que discutiremos o próximo capítulo e tentaremos apontar algumas possibilidades de melhor adaptar o processo de ensino treino do futebol, que possa ser mais significativo para o

“mundo infantil”. Temos claro, entretanto, que não poderemos deixar de levar em consideração o objetivo principal pelo qual estas categorias são destinadas.

*“...é a verdade que assombra
o descaso o que condena
a estupidez o que destrói
eu vejo tudo que se foi
e o que não existe mais.
Tenho os sentidos já dormentes
o corpo quer a alma entende
esta é a terra de ninguém
sei que devo resistir
eu quero a espada em minhas mãos”.*

CAPITULO III

OS RUMOS TOMADOS PELO FUTEBOL, A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E AS POSSIBILIDADES DE (RE) SIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

1. O futebol no rumo da espetacularização

No primeiro capítulo desta dissertação, destacamos, uma das idéias centrais de Theodor Adorno e Max Horkheimer, sobre a história da civilização e ou da sociedade moderna. Eles expressam que uma das condições para a civilização dar segmento a seu processo histórico, se dá pela renúncia. “A história da civilização, é a história da introversão do sacrificio. Ou por outro, a história da renúncia” (1985 p.61), e a restituição disto, torna-se sempre menor do que o sacrificio despendido.

Sobre esta questão, interpretamos que isto pode se dar, porque os seres humanos submetem-se, ou são submetidos à normas e regras, que os fazem acreditar que estas, estão acima das relações humanas, e que as pessoas, não são agentes nesta história.

Esta questão, entretanto, mereceria uma melhor reflexão, mas nos limitamos a tentar fazer compreender que, sendo as pessoas agentes da própria história, e se esta história apresenta-se permeada de renuncias, é pois necessário destacar, que os seres humanos tem uma certa parcela de submissão a isto, se tal “menoridade” for culpa sua e se sua causa não está na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em

servir-se de si mesmo sem a orientação de outros conforme Kant (1992). Além é claro, de serem também condicionados a manterem-se na menoridade intelectual e viver a ideologia do sacrifício, tão bem representada por esta atitude.

As renúncias ocorridas no âmbito social, não são *fetiches*, são bem reais e se dão por falsas necessidade de seguir novos rumos, ou pela crença de adaptar-se aos novos tempos.

Parece que o abdicar do que dá prazer, do que satisfaz, passa a ser condição necessária para adaptar-se a estes novos tempos, (imposição do progresso) objetivado pelas sociedades; um caminho sem pausa do processo civilizatório.

Estes novos tempos, nada mais são do que a transformação do antigo em prol do moderno. Neste trajeto, o que era, não pode ser mais. Se retomarmos a Odisséia, e as renúncias as quais introverteu para si Ulisses, veremos que é uma transformação do que até então era permitido, e agora não é mais. Na questão citada, as figuras mitológicas, não mais poderão atrapalhar o destino da civilização, terão de serem superadas pela racionalidade fria e calculista.

Isto explica a passagem aos novos tempos. A civilização - representada por Ulisses,- se utilizará da razão, tendo nesta o fio condutor. Ulisses renuncia ao prazer pela razão.

Esta passagem de Ulisses, não é muito diferente, do que hoje ocorre em nossa sociedade. Somos também obrigados a constantemente renunciar; ao brinquedo pela seriedade, o prazer pela obrigação, uma paixão pela outra, o namoro pelo casamento, o campo pela cidade, o descanso pelo trabalho, o trabalho pelo próprio trabalho, a vida pela morte, e a contínua renúncia da morte pela vida.

Pois bem, demos “asas ao nosso pensamento”, para tentar nos remeter a outros processos, parte da vida social, que também pela “necessidade” de adaptarem-se aos “novos tempos”, são permeados de renúncias. Ou seja, no mundo moderno, na esfera cultural, artística e de lazer, o processo não se deu de forma diferente.

A cultura popular, renunciou pela cultura globalizada ou de massa, a arte, pela “falsa arte” produzida em série; a imitação. A boa música, a música erudita, renunciou o seu espaço para música comercial, de venda, de consumo; a música alienante. A educação renunciou ao saber especulativo do descobrimento, pela “produção” do conhecimento, o saber pronto, o saber “produzido” aliado a lógica do mercado. A educação atualmente prepara para o mercado de trabalho, não tanto para o conhecimento e a subsequente reflexão crítica.

Trazendo para o contexto discutido neste trabalho o futebol, poderíamos dizer que também o jogo renunciou; ao prazer pelo dever, a alegria pela seriedade, ao brincar pelo trabalho. O jogar, mais especificamente o jogar futebol, vai gradativamente perdendo e abdicando de características próprias, essência de sua criação e desenvolvimento.

Para manter-se nos “novos tempos”, e como fenômeno social, fez-se necessário uma revisão e correção de sua, diríamos, “essência”. Esta adaptação, pode-se dizer que torna-se em si a renúncia do jogo de futebol em favor do futebol “espetáculo” a renúncia do “vou jogar” pelo “vou treinar”.

O futebol como desporto competitivo, utilitário funcional, deixou para trás, o jogo criativo, prazeroso, alegre, inconseqüente, pois os valores atribuídos a este futebol, distancia-se do vencer a qualquer preço.

Compreendemos no entanto que, a vontade de ganhar, sempre existiu, mas este ganhar no futebol até então, tinha como significado no máximo uma gozação aos derrotados, como acontecia no grandes clássicos das décadas de 20 e 30, entre Flamengo, Vasco, Botafogo, e Fluminense, ou entre paulistas e cariocas, que seus torcedores passavam a semana provocando os adversários derrotados, até chegar o próximo encontro.

Atualmente uma derrota no futebol, significa ao mesmo tempo uma derrota em vários segmentos da vida social, e não são aceitas com tanta normalidade. A idéia colocada do próprio sistema capitalista, direciona para o vencer a qualquer custo.

No ápice da modernização do futebol brasileiro, hoje uma derrota de alguns clubes, significa uma baixa na venda de artigos esportivos, uma queda no público telespectador, e no ápice da comercialização, uma quebra na bolsa de valores, consequência dos atuais investimentos feitos no futebol moderno.

Exemplo disto poderíamos iniciar citando o contrato *Nike/CBF* ocorrido em meados de 1996, onde a empresa assinou contrato, comprometendo-se a pagar, nada mais, nada menos do que US\$ 170 milhões, por dez anos de contrato, substituindo a *Umbro* nos materiais esportivos, e mais as despesas de viagens, em troca da promoção das partidas amistosas da seleção brasileira conforme Proni (1999).

Outros investimentos feitos no futebol brasileiro, poderíamos citar a participação de instituições financeiras, segundo aponta Proni (1999)¹ como o caso do *Banco Opportunity* comprando 51% das ações do Bahia (time considerado de maior torcida no nordeste brasileiro) e a parceria feita junto ao C.R. Vasco da Gama com o *NationsBank/liberal*. O retorno esperado destes bancos, passa a ser do futebol como

¹ Marcelo weishaupt Proni – *Reflexões sobre o futebol empresa no brasil* – in *Futebol espetáculo do século*. Ed. Musa

negócio em si. A proposta do *Opportunity* era o lançamento de ações na Bolsa de valores e a comercialização de ingressos, direitos de transmissão e produtos do time.

O *NationsBank* com o Vasco, formam uma parceria diferente, pois tornou-se sócio do Vasco no lucros, tendo como proposta o lançamento de ações com valores unitário de R\$ 1mil, com vencimento em 2008.

A concorrência da mídia na “fatia deste bolo” chamado futebol, não passa despercebido. Na briga entre Rede Globo, Rede Bandeirantes, e Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), os valores pagos para ter exclusividade dos campeonatos, também atingem cifras astronômicas. A Rede Globo², num contrato com o clube dos treze, em 1997, pagou cerca de US\$ 150 milhões, prorrogando contrato até 2001, e numa revisão contratual mais uma prorrogação até 2004, conforme Proni (1999).

para confirmar sua posição de liderança e se afirmar na corrida pelo anunciantes, no final de 1998, a Globo comprou um pacote com o direitos de transmissão (TV, rádio e Internet) das principais competições esportivas internacionais para os próximos anos, inclusive as Copas do Mundo de 2002 e 2006. Estima-se que o contrato com a ISL (empresa de marketing que detém os direitos de comercialização de vários eventos esportivos) tenha alcançado US\$ 383 milhões Proni (1999 p. 44).

Temos aqui apenas algumas indicações de, o quanto movimentada atualmente o futebol brasileiro. Poderíamos ir mais adiante na referência de dados que comprovam esta movimentação. No entanto o que estamos querendo demonstrar, é que o futebol brasileiro, como espetáculo tornou-se um grande filão na aplicação de investimento financeiros, e que esta transformação ocorrida, na renúncia do antigo para a busca do novo, algumas conseqüências o acompanharão.

² Esta mesma emissora, comprou com exclusividade os jogos da Copa do mundo de 2002 e 2006, que se dispôs a pagar algo em torno de US\$ 500 milhões pelas duas Copas até então, segundo Hélio Viana – O Negócio do Esporte no Brasil e no Mundo in “*Marketing Esportivo Ao Vivo*”. Ed. Imago, 2000

Não é difícil perceber, que onde o capitalismo estende seus “braços”, várias conseqüência vem atreladas, pois operando pela lógica do mercado, não existe o certo ou errado, o moral ou o amoral. Os fins simplesmente justificam os meios.

O capitalismo penetra na sociedade e conseqüentemente no esporte, como visto acima, fazendo deste uma ótima mercadoria, pressuposto básico para o capitalismo. Tanto quanto no sistema econômico, também no esporte os seres são vistos somente como meio de maximização de rendimentos, aspectos puramente quantitativos. Para Vinnai (1986 p.26),” En la racionalidad del cálculo capitalista el hombre sólo aparece como una magnitud variable en el cálculo de probabilidade de ganancias y beneficios.”

Neste “campo”, o jogador passa a ser troca e um dos aspectos fundamentais desta troca será sua idade e saúde, ou seja quem não está na “forma” exigida, esta fora dos planos. No futebol espetáculo, esportivizado, nascente no berço capitalista, a forma exigida passa a ser a de maior rendimento físico, e de melhor eficácia. Para isso há necessidade de precisão, e a palavra técnica passa a fazer parte constante do vocabulário esportivo.

No esporte, a palavra técnica é (re) significada, ou reutilizável a partir da técnica advinda da máquina, do trabalho. “No es casual que en el lenguaje deportivo se emplee el concepto ‘técnica’ para designar una conducta de los movimientos com objetivos racionales, com relación al cuerpo humano” Vinnai (1986 p.29).

A técnica do futebol, vem da necessidade de aperfeiçoar gestos para obter melhor rendimento, com o mínimo de gasto, o que leva a um grande empenho na área esportiva, de pesquisas advindas de áreas médicas, (biologia e fisiologia) e da engenharia.

Para um completo aperfeiçoamento do trabalho geral, faz-se necessário decomporlo em partes aprender estas partes até chegar a perfeição da especialização. Os elementos

após decompostos, se recompõe sucessivamente para (...) formar los movimientos necessários 'en serie', conformando la más racional de las técnicas futbolísticas la qual com un empleo de fuerza lo menor posible permite un rendimiento óptimo" Vinnai (1986 p.30).

Esta especialização no futebol, não caracteriza-se somente pelo aprendizado técnico e/ou do sistema de jogar, ou ainda na maneira de condicionar-se fisicamente, pois atualmente tamanha é a especialização buscada, que cada grupo de jogadores que exercem funções distintas em campo, praticam a preparação física de forma separada.

Isto também serve aos trabalhos táticos desenvolvidos, pois, posições diferentes em campo, treinam de forma diferenciada. Um jogador que atua no meio campo, não treina fisicamente com o jogador que joga de centroa-avante. O mesmo ocorre com o trabalho de fundamento técnico e tático. Para os jogadores atuarem juntos nos treinamentos, existe o "coletivo³".

Esta especialização a qual viemos salientando, é vista cada vez mais também nas pessoas que compõe a comissão técnica. Anteriormente a comissão técnica de um time de futebol, compunha-se do treinador, preparador físico, um roupeiro, e um médico abnegado. Atualmente conforme denuncia Medina (1992)⁴ há um sem número de especialistas atuando no espaço futebolístico.

Para Medina (1992), partindo da idéia que é ainda remanescente no futebol, a visão tecnicista e mecanicista advinda do modelo científico que sustenta a especialização esportiva, a comissão técnica, representaria a síntese deste saber.

³ *Coletivo*, é o treino apronto de uma equipe de futebol, onde joga a equipe titular contra a equipe reserva, dentro de determinadas características e situações de jogo, que poderão ser as mesmas encontradas no confronto com o próximo adversário.

⁴ João Paulo S. Medina – *Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo* – in Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI. Ed. Papirus 1992

Na lógica desta tendência, tecnicista, torna-se quase ilimitada a inclusão de novos profissionais na área de trabalho, e o aumento da lista de especialistas. A lista será tão grande, conforme aceitarmos o modelo de conhecimentos vindo de uma visão funcionalista da sociedade,

que pressupõe que a soma das partes, por si só, forma um todo harmonioso e integrado; bastando para isso que cada um faça bem a sua parte. Ou seja: se cada membro da sociedade desempenhasse dedicada e corretamente a sua função, toda ela também funcionaria em perfeita ordem, sem conflitos ou contradições. É dessa forma que, acredita-se, as metas de máximo rendimento e lucro – prioritárias para essa concepção do esporte competitivo – poderiam ser alcançadas” Medina (1992 p.150).

O autor apresenta dois quadros⁵, que representam o quanto o atual modelo científico, representante de uma visão de sociedade como dito acima funcionalista, foi exigindo cada vez mais, maior número de integrantes de especialistas, que com seus saberes especializados, procuram levar o atleta ao ápice do seu rendimento. Tudo isto, voltado para o “desenvolvimento” do futebol como esporte espetáculo, onde o lucro e o rendimento passam a ser o principal objetivo.

Para Vinnai (1986), estas funções especializadas, são provenientes de uma divisão racional-calculadora do trabalho. No capitalismo primitivo, segundo o autor, o empresário capitalista exercia todas as funções, com o aumento da produção, viu-se obrigado a dividir funções com outras pessoas.

A especialização juntamente com o tecnicismo, impõe ao treinamento um severo ordenamento. As ações passaram a ser automatizadas e dentro de um determinado espaço e tempo programado.

⁵ seguem em anexo

O saber-fazer, substituiu o saber-pensar⁶, o movimento ganhou grau de importância maior do que o ser que movimenta-se. Isto passa a ser uma das exigências do processo de formação de atletas aos moldes do treinamento desportivo. ” Não é fácil formar homens quando o sistema pede robôs. Não é fácil desenvolver atletas-cidadãos, críticos, conscientes, educados e criativos, quando o sistema pede apenas ‘máquinas’ obedientes e automaticamente descartáveis, quando deixam de produzir o rendimento esperado” Medina (1992 p.152).

Em resumo, a lógica do mercado esportivo, tem traçado as diretrizes da modernização do futebol brasileiro, sem limites ou parâmetros pré-estipulados, tornando assim as conseqüências tanto quanto imprevisíveis.

Entre estas conseqüências, estão o processo pelo qual irá passar a “mina de ouro” deste grande mercado, os jovens que integram a categorias de base dos times de futebol.

A carreira no futebol, algum tempo atrás, dava-se pelo rastreamento de jovens em peladas de bairro, onde os campos de várzea que ainda não tinham sido atingidos pela especulação financeira, continuavam “férteis”.

Como mais um campo de atuação para ex-jogadores e também professores de educação física, juntamente com a possibilidade dos clubes formarem seus próprios jogadores de futebol, surgem as escolinhas⁷ e categorias de base de clubes profissionais.

Nestas categorias de base e escolinhas, o processo passa a não ser só de uma romântica visão do olheiro em descobrir novos craques, e leva-lo para atuar nos clubes, e após orgulharem-se de dizer que este ou aquele jogador são seus “filhos”.

⁶ Kunz 1994

⁷ A diferença que traçamos para diferenciar escolinhas e categorias de base, é que uma se destina ao ensino do jogo, independente se a criança ali presente vai chegar a ser um atleta ou não. Na verdade algumas

Como não existe espaço onde o capitalismo não veja uma fonte de lucros, surge neste contexto a figura do empresário, que antes atuara somente na transação de jogadores profissionais entre os clubes, mas agora já percebendo na formação de jovens atletas, um forte investimento.

Estes empresários, agora “pinção” alguns jovens, e firmam contrato junto a firma (ou leia-se clube-empresa). Agora o jogador é empregado do clube, estando à disposição integral deste. O jogador, desde as equipes e categorias inferiores até a reserva de atletas de elite, e a conseqüente entrada no time principal, será avaliado se valeu o investimento feito ou não.

Existe uma necessidade do atual “clube empresa”, que este jogador venha apresentar os melhores resultados, para tornar-se uma mercadoria de alto valor. Isto vai depender do controle total de sua vida particular e de seu desempenho. Atingindo a categoria de jogador de elite, terá o retorno garantido do investimento feito, e além disto poderá atingir um grande público, vendendo sua imagem seu nome, suas palavras etc...

Se antes a várzea era o celeiro de craques, hoje a perspectiva fica depositada nas categorias de base. Mas um fator começa a ser questionado neste atual estágio do futebol brasileiro.

A modernização proposta, atinge particularmente alguns clubes brasileiros, ou seja os “grandes”. O restante dos times que em nada tem de grande, permanecem endividados, com dificuldade de cumprir seus acordos salariais com os próprios jogadores, como também cumprir as exigências financeiras impostas pelas federações, ou seja, permanecem sem muitos projetos, ao contrário, com uma tendência de voltar ao amadorismo.

Esta é uma contradição que segundo Proni (1999), é decorrente de um processo de modernização pela qual passa a sociedade brasileira, que aos pouco vai descobrindo que esta proposta pelo mercado, não traz os benefícios prometidos, vendo os problemas sociais baterem à sua porta.

Entretanto, no âmbito do futebol, o discurso neo-liberal ainda fascina as pessoas, principalmente a imprensa especializada, que cada vez mais defende a racionalidade do mercado para os times de futebol, onde

(...) passou a acreditar que, para poder concorrer com o futebol europeu, seria preciso apostar na privatização dos times e introduzir a livre negociação dos contratos (condição para a entrada de grandes investidores e para acabar com possíveis paternalismos). Infelizmente, isso vem gerando algumas contradições” Proni, (1999 p. 52).

Uma das contradições disto, é que no momento que os times percebem suas dificuldades de tornarem-se clube empresa, e com isto não tendo condições de arcar com os custos do futebol profissional, começa a ganhar volume, as vozes de volta ao amadorismo.

Uma das alternativas destas equipes menores, é tornarem-se especialistas em “fornecer” jovens para as grandes equipes, as quais terão contratos firmados com estes pequeno clubes. Para Proni (1999),

o mercado certamente vai se preocupar com a reposição de atletas (...). O mais provável, é que algumas equipes menores se especializem em formar jogadores e que, individualmente, os times que disputarem as principais ligas profissionais sejam forçados a providenciar convênios com equipe amadoras para garantir o fornecimento de jogadores e fortalecer sua posição frente aos concorrentes” (p.53).

Uma das possibilidades, para este quadro acima delineado ter tornado-se real e legítimo, passou pela implantação das novas diretrizes traçadas para o futebol brasileiro. No discurso de moderniza-lo e qualifica-lo, justifica-se através de um “forçado consenso”

(principalmente por parte da mídia) de que a figura do diretor de clube de futebol arca com a responsabilidade da ineficiência dos campeonatos e da falta de verba dos clubes, pois estes eram considerados apenas abnegados e apaixonados por seus times, e não um “especialista” da área.

Junta-se a isto, uma necessidade vigente da sociedade moderna, de o trabalhador, no caso o atleta profissional do futebol, ter a liberdade de escolher o local de trabalho (pelo menos na teoria), o que em diversas circunstâncias, devido a antiga lei do passe⁸, o atleta ficava privado em diversas circunstâncias, de poder exercer sua profissão.

Surgem aprovadas no cenário futebolístico, primeiramente a Lei Zico (1993), e posteriormente a Lei Pelé (1998), reformulada em (2001), esta tratando prioritariamente da transformação do clube em empresa, e dando novas direções à Lei do Passe do jogador de futebol. Torna-se necessário salientar, que estes novos ordenamentos do futebol, vieram a satisfazer as exigências de um determinado modelo econômico.

2. Lei Zico e Lei Pelé: Legalidades... a favor de quem?

Os novos ordenamentos do futebol, entendendo-se a Lei Zico (8.672/93), a Lei Pelé (9.615/98), com seu foco direcionado principalmente à Lei do passe, e à profissionalização do futebol, ou seja, a obrigatoriedade aos clubes até então de caráter associativo, a transformarem-se em clube-empresa, modificam a estrutura inteira do futebol.

O que ocorre com isto, é que, como salientado acima, a grande maioria dos clubes, os “pequenos do futebol” terão dificuldades nesta parceria com as empresas, visto que estas empresas, como no “bom” sistema capitalista, só irão juntar-se à grandes clubes,

⁸ Nesta lei, os jogadores de futebol só ganhavam passe livre, ou seja, a possibilidade de transferir-se para o time que mais lhe conviesse, somente a partir dos 32 anos de idade.

pois estes são sinônimos de grandes negócios, e aos clubes pequenos restará o peso de arcar com as despesas dos campeonatos impostos pelas federações, ou voltar ao amadorismo e apenas servir de renovadores de talentos para os grandes times.

Não precisa ter muita sensibilidade para perceber que a busca de talento esportivo, vai igualar-se a “corrida do ouro” de outrora, pois a própria lei permite em seu *Capítulo V*, Art.36 parágrafos 1º, 2º, e 3º, a participação de jovens acima de dezesseis anos a competirem entre os atletas profissionais, e acima dos dezoito anos a obrigatoriedade de sua profissionalização. Este mesmo artigo, categoriza jovens a partir de quatorze anos de *semi-profissionais* do futebol.

Quanto à Lei do Passe, merece também uma consideração, pois veio com a intencionalidade de libertar o atleta da tutoria dos dirigentes de clubes, que eram eternos donos dos passes destes jogadores, ficando o atleta preso ao clube o tempo que bem quisesse os diretores deste clube. Olhando mais aguçadamente sobre esta lei, percebemos alguma coisa que “cheira” à imposição capitalista.

Seria impossível não percebermos que esta lei, torna-se uma exigência de mercado, pois é impossível existir um modo de produção capitalista, sem seu produto básico; *a mercadoria*. “A riqueza das sociedades em que **domina o modo de produção capitalista**⁹ aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual como sua forma elementar¹⁰”. Predominando a Lei que anteriormente vigorava, faltaria circulação no mercado, pois alguns atletas ficavam anos num mesmo clube, se em determinada situação era bom para o clube, que formava seu ídolo, seu ícone de identificação, que levava o torcedor à campo, tornava-se péssimo para o Capital.

⁹ Grifo Nosso

¹⁰ Karl Marx - *O Capital: crítica da economia política* – 3ª edição São Paulo : Ed. Nova Cultural, 1988.

Com a Lei Pelé, o contrato trabalhista do jogador junto ao clube, tem de ter um tempo mínimo de doze meses, e o jogador “formado pelo clube, terá o direito de assinar com este o primeiro contrato profissional, e só poderá ficar vinculado a este por um prazo máximo de cinco anos, (lembrando que com esta lei, com 16 anos o atleta poderá assinar seu primeiro contrato profissional), o que garantirá o mercado.

O que isto provocará, é uma busca incessante de cada vez preparar mais e mais precocemente, jovens para servir ao mercado, e aproveitá-lo o máximo possível, sendo na sua venda para outro clube ou para o exterior, ou na sua própria utilização no clube formador deste atleta, sendo o “prata da casa”. Atualmente, como salientado acima, restará aos clubes pequenos, dedicar-se à formação de atletas para servir as grandes equipes, visto que a reformulação da Lei Pelé (2001), prevê uma bonificação na transação de atletas, aos clubes menores formadores destes jovens. Isto atualmente, já vem ocorrendo, pois para Viana (2000),

“há hoje vários clubes que formam atletas de verdade. Há um número infindável de crianças, 200, 300, 500 crianças e, muitas vezes, quando essas crianças já estão começando a se desenvolver, já estão tendo condições de entrar no mercado, vem um outro clube, rouba aquele atleta, registra-o, começa a utilizá-lo em competições e depois vende-o para o exterior” (p.83)¹¹.

Com esta exigência e facilitação da Lei, e esta imposição dos valores mercadológicos, há necessidade de produzir a mercadoria aos moldes e necessidades exigidas. Sendo o futebol espetáculo, e o jogador o protagonista sem o qual o espetáculo não existiria, a formação em série e em quantidade destes protagonizadores, torna-se imprescindível. Nota-se que não basta só a formação em quantidade, tem de ser também de acordo com o modelo exigido, ou seja, com excesso de corpo e escassez de mente. Com isto, valorizam-se cada vez mais as Escolinhas, as Categorias de Base, em prol dos

¹¹ Grifos Nosso

jogadores surgidos da várzea. Sob a orientação de ex-jogadores de futebol, e de professores de E.F, inicia-se o caminho de formação do jogador de futebol.

3. Categorias de Base: Formando para o mercado

Por meados de 1960, aparece uma “nova” prática de formar jogadores, e inovar no processo pedagógico de ensinar futebol. Aparecem as categorias de base, com a intenção de ‘produzir’ atletas para os clubes. Podemos dizer, que esta necessidade de formar o jovem dentro do clube, começou seqüencialmente ligado à crise futebolística instalada na Copa de 66, e a necessidade de “formar” futuros atletas, e potencializar-lhes os requisitos necessários para aquisição da forma física, que ficou na saudade nesta referida Copa.

Alguns clubes, no caso os maiores, adiantaram-se a esta nova imposição do futebol moderno, ou seja, formar o jogador dentro dos limites e das exigências do próprio clube, e tornaram-se um dos primeiros a inaugurar este departamento voltado à formação de futuros atletas.

Estas categorias de base dos clubes de futebol, entre vários objetivos destacam-se: permitir a possibilidade de correção de “vícios” do jovem jogador, inculcar no jovem a predisposição ao trabalho físico, adequar o jogador às normas do clube e conseqüentemente as do mercado de trabalho. Neste último item, faz-se necessário salientar, que as escolinhas de futebol e as categorias de base dos clubes tem como objetivo, preparar jovens para o mercado de trabalho, tal qual as exigências deste; ou seja, jovens obedientes, submissos, acríticos, trabalhadores, condizentes com as regras do jogo. Tudo isto será de forma muito mais fácil, se feito na mais tenra idade e sem interrupção, ao longo da carreira que o jovem aspira.

Neste sentido, orgulhava-se Zagallo, na condição de técnico do Botafogo, conforme PEDROSA (1968) “ todos sabem que desde os 12 anos, os futuros jogadores começam a treinar pelas mãos do Neca. (...) O principal objetivo é treinar o garoto tirando-lhe os defeitos, dando-lhe educação e instruções técnicas” apud Florenzano (1998 p.37).

Para este mesmo autor, a partir da Copa de 66, houve uma condenação do modo de jogar do jogador brasileiro, o que iria deflagrar no processo de produção do atleta moderno, e pouco a pouco, “vão-se delineando os contornos da fisionomia da nova geração. Eitel Seixas, o preparador físico do Flamengo, desenhava o primeiro traço: “Devemos desde cedo, despertar na criança, isto é, no futuro atleta, a consciência de que o treinamento físico é indispensável ao sucesso futuro” conforme Pedrosa (1968), apud Florenzano (1998 p. 38).

Neste novo futebol, torna-se exigência quase que necessária, o jovem atleta seguir a seqüência serial das categorias de formação do clube, que atualmente subdividem-se em: Dente de Leite (11/12/13 anos), Infantil (14,15 anos), Juvenil (16, 17 anos), Juniores (18,19,20 anos)¹². Com isto torna-se cada vez mais esporádico, a inclusão nos clubes de jogadores provenientes de escolas diversas, como dos campos da várzea por exemplo.

É o fim da velha frase que “o jogador brasileiro já nasce feito”. O futebol moderno rompe com o surgimento do jogador advindos desta várzea, jogadores que sem dúvidas traziam consigo, para as competições oficiais, a criatividade, a liberdade, a malandragem do jogo, a alegria do futebol, que sobravam nas peladas descompromissadas.

Com as novas exigências, direcionamentos, e (re) ordenamentos do futebol, torna-se imprescindível a passagem do futuro atleta pelas escolinhas do futebol, administradas e operacionalizadas por especialistas (entende-se ex-jogadores e professores), “ o percurso

ao longo do qual as insuficiências físicas, os defeitos técnicos e os vícios da conduta de vida ver-se-iam corrigidas e sanadas. Eis o porquê da extraordinária valorização das escolinhas de futebol” Florenzano (1998 p.40).

Com estes objetivos supramencionados, as categorias de base ficam a mercê de duas concepções de ensino. Uma delas advém da vivência prática, de experiências que vieram se passando no cotidiano. São as concepções dos ex-atletas, onde vários retém a função de técnicos das categorias de base, diga-se de passagem, é o que sobra para a grande maioria, pois, subordinados à uma vida inteira de treinamentos constantes, sem tempo para preparar um final de carreira, e uma experiência além do futebol, vêm na formação dos futuros atletas uma possibilidade de manterem seus sustento. O resultado disto, é uma aplicação da prática e das experiências vividas Estes são vítimas do próprio sistema¹³.

A outra concepção advém da teorização, do método, da sustentação científica, provenientes dos cursos Universitários de E.F. Para estes, os pilares de sustentação, o arcabouço teórico advém hegemonicamente das bases científicas do treinamento desportivo. O resultado disto, é um ensino técnico, instrumentalizado, com uma metodologia de ensino embasada a partir de uma tendência como já dito anteriormente, empirico (pressupondo o mundo da prática), e analítica (possibilidade de sua descrição, a teoria). Existe nisto, poderíamos dizer uma inter-relação, do primeiro procedimento exposto acima, com o procedimento abstraído dos valores científicos.

As categorias de base, viraram um centro por excelência de formação de talentos esportivos, sendo esta a verdadeira intenção dos clubes ao fomenta-las, juntamente com a

¹² Esta é a divisão da qual se utiliza atualmente, um dos maiores clubes brasileiros na estrutura de categorias de base, o São Paulo F.C.

¹³ Há de salientar que são estes também que o *CONFED* (Conselho Federal de Educação Física), entende como leigo no mercado.

garantia de subsidiar o mercado ininterruptamente. Por esta exigência de formar novos jogadores, este espaço que emerge, sofre intervenções de concepções de ensino, advindas principalmente do esporte de alto rendimento, que tem na teoria do treinamento desportivo, o modelo pedagógico ideal voltado para este fim.

No entanto, entendemos que esta atuação deva passar por uma reflexão e criticidade dos conteúdos do esporte, tanto para quem “ensina”, como para quem “aprende”, e não uma mera reprodução dos manuais de treinamento desportivos, que trazem em si valores extraídos de uma abordagem científica positivista, onde um dos maiores problemas localiza-se no conhecimento de pessoas, a partir do que representam na escala da aptidão física.

Entendemos também que esta atuação, deva ultrapassar a rigurosidade do método, da instrumentalização técnica, dos conteúdos de ensino utilitaristas, fragmentados, descontextualizados do processo histórico e cultural do próprio esporte, caracterizado por um fazer embasado em fundamentos de ordem técnica, tática e física.

E por fim também entendemos, que esta atuação, deva ultrapassar o entendimento de pessoas, visto apenas como peças interagidas, formando elas próprias uma máquina, atuando à favor de uma outra grande máquina posta em funcionamento pelos valores ditados pela lógica do mercado, onde pessoas são coisificadas, fungíveis, (a) históricos, e estóricos, pois nesta concepção, a magia do corpo, dá lugar ao automatismo, e a criação à repetição.

Nosso questionamento passa a ser, de como a Educação Física, que subsidia diretamente esta área,- o esporte -, pode contribuir em primeiro, na preservação do modo de jogar do brasileiro, criativo, improvisado, rico em dribles, descontraído, questionando frente ao modelo importado de jogar futebol, desconectado de seu contexto histórico.

Em segundo como professores e educadores que somos, preocupados com o processo pedagógico do (se) movimentar humano¹⁴, podemos contribuir na formação de um processo de ensinar futebol, que não se limite apenas ao ensinar utilitarista, advindo de uma concepção de jogo voltada para a lógica do mercado e do espetáculo, e por isso mesmo subsidiado por uma visão da ciência natural.

Como poderemos ir além do ensino técnico, da especialização precoce, do ensino copiado, vazio em si próprio, do ensino objetivado pela necessidade do mercado, mas um ensino pensado por/para seus próprios sujeitos?

4. A Educação Física no contexto esportivo. Como se insere?

Nosso foco de atenção deste trabalho, reside na possibilidade de intervir de maneira crítica na formação de jovens atletas de futebol, contribuindo, a partir de uma reflexão do modelo hegemônico de ensino do futebol atualmente aplicado, e resguardando as origens histórico-culturais do futebol brasileiro.

Para isso, compreendemos que este trabalho torna-se árduo, primeiro, pela resistência oferecida à tudo que venha questionar o que é considerado como legítimo e verdadeiro, e segundo, devido as concepções de ensino enraizadas no modelo esportivo, advindos prioritariamente das bases científicas de uma Educação Física¹⁵ orientada para o alto rendimento. Este, como sabemos desenvolve suas metodologias de treinamento com o objetivo único de performance atlética, subsidiadas por um modelo experimentado e aplicado a partir de uma determinada amostra, que em muitas vezes não refletem as características do grupo ao qual esta sendo aplicado, nem tão pouco condiz com as necessidades e interesses deste.

¹⁴ Termo utilizado por Elenor Kunz, (1991), (1994), referindo-se ao movimento humano

¹⁵ A partir daqui, trataremos de E.F.

Se olharmos a trajetória da E.F. podemos perceber o quanto esta área de conhecimento também foi permeada pela racionalização instrumental advinda de uma concepção de ciência mecanicista, determinista, reducionista, que vem servindo de base à construção de suas verdades.

Notamos que a E.F., hegemonicamente, teoriza a partir dos pressupostos da fisiologia, biologia, psicologia etc..., que são também as sub-áreas que permeiam a medicina, de onde a E.F. a todo momento busca “inspiração” para o seu teorizar. A base epistemológica destas “sub-áreas”, acima citadas, encontram-se nas ciências naturais, que tem o positivismo¹⁶ como pilar de sustentação.

Para Fensterseifer (1999), o positivismo, constitui-se desde o século XVIII, o corpo teórico que sustenta os saberes que buscam a cientificidade, e no qual a relação entre as pessoas, dar-se-á tendenciando numa relação sujeito-objeto, com o conseqüente domínio do primeiro sobre o segundo.

Para este autor, esta concepção da E.F. para dar conta do seu objeto, “o movimento humano”, já traz à luz o entendimento de que as ciências da natureza podem dar conta do fato humano em sua totalidade, ou então, que o adjetivo humano deve ser ignorado, refletindo na relação teoria e prática,

hegemonizada por uma concepção epistemológica empirista, que pressupõe um mundo objetivo (prática) e a possibilidade de sua descrição (teoria). (...) De acordo com esta concepção, a teoria é a abstração/descrição do movimento paradigmático de determinado esporte e a prática é a repetição deste movimento, a qual é avaliada pela aproximação ou não do modelo. (...) dedicando-se à prática (repetição), vai acabar dominando a teoria (descrição do movimento) (p.11).

¹⁶ Para Löwy (1996), o positivismo surge no final do século XVIII e início do século XIX, como uma crítica revolucionária da burguesia antabsolutista, para no século XIX, até atualmente, se tornar uma ideologia conservadora com a ordem industrial e burguesa.

Fizemos uma passagem geral nesta discussão, para nos permitir observar que esta racionalidade ainda permeia os discursos e as práticas nos processos de ensino/aprendizagem da/na E.F., atingindo conseqüentemente o ensino dos esportes. Como resultado disto temos um ensino de vivências esportivas, *sendo ou não voltada para a competição*, instrumentalizadora, técnica, do “fazer pelo fazer”, não voltada à reflexão deste próprio movimento e de todo o seu contexto.

Atualmente, pela inserção científica no mundo dos esportes, fica sob o encargo da E.F. como área de conhecimento, municiar o contexto esportivo com as mais recentes produções acadêmicas, elaboradas para este fim. Estas produções, cada vez mais vinculam-se a um entendimento do esporte que dificilmente ultrapassam a execução de movimentos, direcionados único e exclusivamente à aprendizagem técnica do referido esporte.

Brodtmann/Trebels (1979) apud Kunz (1989 p.69), entendem que “compreender o esporte é ultrapassar os limites de sua efetividade prática, ou seja, o saber em relação as realizações objetivas do esporte”. É justamente nesta ultrapassagem da efetividade prática do ensino dos esportes e por conseqüência do ensino do futebol, que entendemos que os mais modernos procedimentos científicos continuam sem avançar, pois como até aqui apresentado, e as vezes até por demais repetitivo, as orientações dos processos de ensinamentos do esporte, estão fortemente vinculados à uma visão científica que prioriza a obtenção de rendimento e aprendizagem do gesto motor de forma estereotipada.

Nesta forma de ensinar/aprender futebol, alguns fatores inerentes a este esporte, por mais que venham sendo apresentados e discutidos, são casos raros de serem vistos e refletidos no processo pedagógico de ensino do futebol em escolinhas e categorias de base.

Entre estes fatores, podemos destacar os princípios básicos constitucionais do esporte de rendimento, ou seja, a sobrepujança e as comparações objetivas, com suas

“tendências” produzidas pelo sistema desportivo que destacam-se: Selecionamento, Especialização, e Instrumentalização. É a partir destes princípios e tendências, conforme Kunz (1989), que se pode ver principalmente as padronizações do Movimento Humano, em detrimento de outras funções e sentidos, entre alguns, o criativo.

Outro fator que podemos destacar passa pelo entendimento de movimento corporal, e seus significados, que estão além do simples entendimento do movimento em si, que é percebido somente através da medição, comparação, e avaliação.

Como outro fator de relevância para o ensino/aprendizagem dos esportes, destaca-se a questão da reflexão e inserção no esporte, não só pela prática, mas também e principalmente pela ação reflexiva, através do entendimento deste fenômeno enquanto prática sócio-cultural.

Entendemos que estes fatores possam ser concretamente observados, se conseguirmos abordar o ensino dos esportes e conseqüentemente do futebol, a partir de pressupostos voltados para a formação de sujeitos autônomos, com capacidade de compreender seu mundo, ou seja, a leitura da realidade social, tendo nisto, um ato reflexivo.

Para a realização disto, compreendemos como pressuposto básico, partir de uma categoria que entendemos por demais necessária à qualquer sujeito que pretende-se que “liberte-se da caverna”, e entenda o contexto ao qual esta inserido, sob qual projeto está subordinado, e a qual deseja engajar-se. Percebemos no esclarecimento que perpassa por uma condição de reflexão, criticidade e emancipação, o pré requisito básico, para os sujeitos atingirem esta *maioridade intelectual*.

Sabemos no entanto que, para avançarmos em nosso objetivo aqui neste trabalho, faz-se necessário, que dois importantes pontos sejam destacados. O primeiro, diz respeito a questão do nosso entendimento sobre esclarecimento, e o segundo, o de qual a possibilidade de intervirmos com esta concepção, no conteúdo que abarca o processo de ensino/aprendizagem com jovens na iniciação ao futebol.

Para a realização disto, um breve esboço sobre o esclarecimento, torna-se necessário, devido a amplitude e ambigüidades de interpretações que este conceito possa apresentar.

Este termo ao qual me utilizo, interpreto-o na condição de saída dos sujeitos de qualquer tipo de tutoria, seja ela intelectual, econômica, política, onde avance na busca do pensar por conta própria. Horkheimer e Adorno (1985), entendem o esclarecimento como desencantamento do mundo, e fazem uma contundente crítica à este esclarecimento, que entendem ser um esclarecimento advindo de uma concepção de ciência da natureza, que carrega a culpa de direcionar a humanidade à barbárie.

Embora estes autores façam um panorama meio que desesperador do cenário ao qual se apresenta o esclarecimento, afirmam que a liberdade na sociedade, esta atrelada a um pensamento esclarecedor, e acreditam ter reconhecido claramente tanto quanto a afirmação acima, que

(...) o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda a parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino, Horkheimer e Adorno (1985 p.13).

Para Kunz (1997), o esclarecimento, é condição fundamental para uma formação crítico-emancipatória. Ressalta entretanto, que os agentes do esclarecimento quando

absolutizados, impede que o esclarecimento aconteça. Nisto encontra-se o saber científico, que prioritariamente utiliza-se do “saber comprovado”, do conhecimento correto que resultará em um agir correto, para isto, faz-se necessário a utilização de meios e métodos reconhecidos cientificamente. Sendo assim, conforme Kunz (1997 p.235), “(...) transfere-se a responsabilidade a dados estatísticos ou testes experimentais agindo-se assim, de forma completamente anti-esclarecedora, ou seja, praticando o obscurantismo intelectual”. Para este, uma outra categoria anti-esclarecedora, passa pelo pensamento analítico-causal, conseqüência do modo de pensar da ciência moderna que se orienta na fragmentação dos conhecimentos, na busca de entender a complexidade das relações em que os fenômenos estão envolvidos. Com isto, torna-se difícil o desenvolvimento de criticidade, ou princípios próprios para o esclarecimento.

Percebemos que o ato de esclarecer-se, ultrapassa a questão da informação cultural do conhecimento teórico, esclarecer torna-se possível a partir do entendimento do contexto ao qual se está inserido, dos valores colocados, das propostas oferecidas da questionabilidade a tudo que se dá por único e verdadeiro, como também da dúvida, da reivindicação, da negação, da busca por caminhos alternativos. Isto torna-se possível no contexto esportivo, e especificamente no ensino do futebol, através de diversas formas, as quais expomos à seguir. O interessante é notar que conforme Wagenschein (1995) apud Kunz (1997), “o que a gente precisa descobrir por conta própria, deixa pista/caminhos no intelecto, que depois podem ser usadas para outras possibilidades e oportunidades de conhecimento”.

5. Por um ensinar/aprender futebol no âmbito de um esclarecimento crítico, reflexivo e... emancipatório.

Quando se fala num esclarecimento crítico reflexivo e emancipatório, o que na verdade está se querendo dizer? Como no fazer, se desdobra a criticidade, a reflexão, e a emancipação? De que forma poderíamos trabalhar nesta concepção?

Entendemos, que as categorias inferiores dos clubes de futebol, é um espaço de atuação da E.F. como área de conhecimento, e que neste espaço, circulam centenas de jovens na plenitude de sua formação como sujeitos, entregues à ilusão de que todos terão a chance de serem craques milionários do futebol. Também entregues à ilusão, de que é uma oportunidade impar de suas vidas, que é a única forma da classe trabalhadora ascender na vida, de que é obedecendo as regras do jogo, que terão sucesso profissional..., e também ou principalmente, entregues à arbitrariedade dos professores, que em muitas vezes agem com os jovens nesta mesma lógica, pois como afirma Kunz (1994 p.33) “não percebem o poder desta ‘falsa consciência’ e da ‘coerção auto-impostas vinculado ao ensino dos esportes”.

Para dialogarmos numa visão que contrapõe a esta, torna-se necessário, percebermos o esporte, no caso o futebol além de uma visão restrita deste, mas percebê-lo num sentido mais amplo, que vai além da mera prática. É conhecer o esporte, com sua história, com seu significado, com suas ações e intervenções sociais, culturais e políticas. Conforme Kunz (1994 p.28), “o fenômeno social do esporte para poder ser transformado num atividade de ‘interesse real’ a todos participantes, deve ser compreendido na sua dimensão polissêmica”. Isto significa entre outras para o próprio autor, visualizar componentes sociais que influenciam as ações sociais e culturais no âmbito esportivo, e questionar o verdadeiro sentido do esporte, e através de uma visão crítica poder avaliá-lo.

Isto entretanto, não significa uma negação do esporte/futebol, muito pelo contrário, ter um perfeito entendimento, que o futebol como esporte moderno, faz parte da cultura popular, e que sua manifestação torna-se imbatível perto de qualquer outra manifestação popular, e que a crítica pela mera crítica torna-se vazio. Necessitamos são de reflexões e atitudes dos que nele estão envolvidos.

Como agir? Pensamos que seria elucidativo, perceber esta dimensão polissêmica, para o ensino do futebol, até aqui discutidos, em alguns eixos onde entendemos que são fundamentais na estrutura de ensino do futebol. Teremos sempre como objetivo principal o ensino do futebol, voltado à questão do esclarecimento aos que nele se inserem, procurando desta forma contribuir para uma ampliação da percepção e entendimento deste no campo social, o que conforme Brodtmann/Trebels (1979) apud Kunz (1989), “(...) a melhor compreensão do esporte como fenômeno socio-cultural auxiliará os educadores e educandos a melhor compreenderem a própria realidade social, pois o esporte não só faz parte como cumpre um papel importante em cada contexto social”.

Nestes eixos acima mencionados, destacamos o primeiro que tratará da questão do movimento, como condição de interpretação do mundo vivido, buscando compreender o futebol brasileiro e suas particularidades. O segundo, salientamos o conhecimento da representatividade social do jogador de futebol. Como terceiro eixo, direcionamos a compreensão do futebol, como forma de interação social. Como último eixo, dedicamos a possibilidade do fazer prático, contribuir também para o esclarecimento.

5.1 Na questão do movimento corporal

Se considerarmos que o movimento corporal humano, é muito mais complexo, do que a simples interpretação deste movimento a partir de entendimentos feitos com bases somente em análises de gestos estereotipados, calculados pré-determinados, então

percebemos no movimento, não só o movimento em si, mas alguém que se movimenta. Alguém se movimentando, pressupõe-se um sujeito, que como tal está inserido num contexto social histórico cultural, que carrega no seu movimentar os sentidos, mas principalmente os significados deste seu movimento neste contexto sócio-histórico-cultural.

Para Hildebrandt (1988 p.47), “ as possibilidades de vivência de movimento dos seres humanos no seu mundo são, portanto, complexas e têm vários níveis”. Mas ressalta que o esporte reduz esta gama variável de movimento, por apresentar respostas específicas ao problema do movimento humano.

Destacamos no entanto, que a forma de restringir o movimento à padrões já de antemão determinados, fica por conta do investimento do modelo científico pelo qual o esporte se orienta, e também pelos sentidos que possui este mesmo esporte.

A respeito da primeira colocação, nos orientamos conforme Hildebrandt (1991), ao destacar que no contexto esportivo, e podemos dizer no futebol, fazem-se esforços de pesquisar os movimentos esportivos de forma empírico-analítica. Com isto direciona-se pesquisas com ajuda das teorias da física, como do sistema biológico humano, encerrando-se num pré-conhecimento do que é o movimento correto, como também a aprendizagem do movimento objetiva chegar perto de um modelo legitimado biomecanicamente.

A segunda colocação, diz respeito ao sentido do esporte, mas conforme Hildebrandt (1988), qual sentido? Sobre que princípios, ficam reduzidos a inimaginável complexidade do movimento? Que regras gerais permeiam o esporte, que legitimem a lógica intrínseca deste sistema? A resposta vem das regras, consideradas básicas para este autor, do sobrepujar e da comparação objetiva do esporte.

Esta resposta, deixa claro a dificuldade que existe no esporte, no caso aqui discutido no futebol, o que já anunciamos enfaticamente anteriormente, de permitir que os sujeitos movimentem-se partindo de suas vivências de mundo, e de experiências próprias. Isto vem deixando uma lacuna muito grande, entre a forma como o brasileiro tipicamente se experimenta no futebol, e o futebol ensinado nas escolinhas e categorias de base.

O mundo vivido das crianças que sonham ascender ao futebol, na grande maioria pobres de periferia, são ricos em vivências corporais, que só tornam-se possíveis de vivenciar quem brinca na rua, na ladeira, solta pipa, joga pelada na calçada, no campinho, em qualquer espaço.

Esta criança tem em si uma complexidade de movimento que serão paulatinamente tolhidos ao longo do processo de formação do futuro atleta, e adaptados os gestos considerados padrões do futebol.

Neste processo, o aprendizado do movimento, conforme Hildebrandt (1991), não mais é coisa do aluno, mas uma coisa do professor, "o aluno está alheio ao seu movimento e, conseqüentemente, ao seu corpo. Ele é um objeto no qual deve ser implantada uma forma estranha de movimento" (p.22).

Entendemos que a maneira de tentar uma modificação neste quadro, que por diversos fatores aqui colocados anteriormente, permeiam o ensino do futebol brasileiro, assegurando desta forma algumas características deste próprio jogador, entre elas a criatividade e o improviso, é perceber o se-movimentar, conforme Kunz (1989), numa concepção dialógica, manifestando-se através de uma rede de relações significativas: o autor do movimento, a leitura do mundo vivido, e cada movimentar-se sendo dado sem precisar de padrões estereotipados.

No lugar de apresentar formas padronizadas e pré-fixadas do movimento, são apresentadas intenções. Desenvolver a criatividade à partir de uma situação dada. Movimentar o “movimento” a partir de suas próprias vivências e realizações. Criar situações de movimento que tem haver com a realidade e vivência do aluno, e liberdade de agir sobre o acontecimento normal e esperado, juntamente com a possibilidade do aluno praticar diferentes soluções além de desenvolver um estilo próprio para cada atividade, conforme Kunz (1989).

Desta forma entendemos estar esclarecendo o jovem a entender o seu próprio movimento, a sua representação social, a autonomia ao agir, e a liberdade de criação e improvisado do jogador brasileiro.

5.2. Na dificuldade de obter a maioria socio-político-cultural

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos o contexto social ao qual o futebol se desenvolve, e seu significado para a sociedade brasileira. Apresentamos também no decorrer do trabalho, os novos (re) ordenamentos legais do futebol, onde o fato mais recente foi a promulgação da Lei Pelé, que trazia ou traz como “carro chefe” a Lei do Passe, e a obrigatoriedade da transformação dos clubes em empresa.

Certamente se orientasse-mos uma “pesquisa de campo”, perguntando a uma grande parte dos jogadores de futebol o que repercute em sua vida profissional, a nova Lei do Passe, e a transformação de seu clube em empresa, como que significado tem em seu jogar futebol, o contexto histórico-político deste jogo na sociedade brasileira, creio¹⁷, que poucos saberiam responder. Não porquê são incapazes, ou não são inteligentes, não se trata disto, mas porque existe uma forte corrente, por conta da minoria manipuladora do futebol, que preocupam-se e muito em fazer do jogador de futebol, apenas mero jogador de futebol,

sem consciência crítica e muito menos conhecimento político, vale ressaltar que este não é um projeto de exclusividade do futebol, mas de um projeto social como um todo.

A estes jogadores, paga-se bem e as vezes muito bem (claro que isto é uma minoria), mas o que ganham dirigentes, empresários e patrocinadores sobre a figura deste jogador, no mínimo é o dobro do que neles investem. A estes jogadores bem remunerados, mas infelizmente uma grande parte tutorados intelectualmente, entregam-se à legitimar o sistema da livre concorrência, (como exemplo daqueles que lutam na vida), através da realização de sonhos de consumo de uma classe que poucas vezes teve o direito de ter acesso a tudo aquilo que sociedade a todo momento teima em oferecer.

Estes jogadores são explorados como ícones de identificação social, como heróis de referência para o grande público, sem terem um mínimo de percepção, de qual projeto social fazem parte, o futebol está repleto destes casos.

Ao jogador de futebol, resta enquadrar-se dentro dos pré-requisitos necessários, para ser considerado o atleta padrão. Para isto não deve falar em política, não deve expor ao público quando seu salário atrasa, nem tão pouco criticar a mídia, patrocinadores e empresários. Isto obviamente, não é imposto de forma taxativa sobre o jogador, pois incorpora-se “naturalmente” em sua formação atlética, nas categorias de base dos clubes. Quando algum jogador resolve subverter a ordem, como em todo sistema, é chamado de jogador problema, desordeiro, moleque, etc¹⁸...

Conforme Caldas (1994), “ Em 1972, em Montevíeu, ao conceder entrevista como jogador à jornalista Amália Baran do jornal *La Opinión*, sobre a ditadura militar no Brasil, Pelé responde: “Não há ditadura no Brasil. O Brasil é um país liberal, uma terra de

¹⁷ Não posso afirmar sem uma pesquisa feita, fica apenas no terreno das hipóteses

¹⁸ Para melhor discutir esta questão, vale ler *Afonso & Edmundo: A rebeldia no futebol brasileiro* – José Paulo Florenzano, Ed. Musa São Paulo 1998

felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é melhor para nós e nos governam com tolerância e patriotismo” (p.49).

A maioria destes jogadores, são provenientes das classes populares, onde alguns atingem a fama e saem do anonimato o qual até então faziam parte. Ao mudar radicalmente suas vidas, por uma falta de esclarecimento e de um entendimento mais amplo do meio ao qual estão inseridos, muitos deles ficam nas mãos de empresários para administrarem suas finanças, pois estes consideram-se, ou são considerados incapazes para tal.

Com dinheiro, fama, carro importado, mulheres, transformam suas vidas, vivem o que até então não viveram. Frequentam locais chiques, experimentam drogas, vivem da companhia de “famosos”. Não são raros os jogadores que, após encerrada sua carreira esportiva, perderam tudo que ganharam, e o meio social, empurra-o novamente para a periferia.

Pois são estes fatores, que nos servem para argumentar à favor de que os profissionais que atuam nas categorias de base, tem de perceberem o contexto ao qual estão inseridos como um todo, e não limitar-se única e exclusivamente ao ensino da prática desportiva, descontextualizada, meramente prática utilitária. Os profissionais do esporte, não deverão serem apenas tutores dos jovens atletas, pois disto eles embora não percebam, já tem demais, o professor no processo de ensinar/aprender, tem de ser um professor para o mundo da vida.

5.3. Na Interação Social

Falar no futebol como fenômeno ou manifestação cultural, como esporte popular, tem sua ampla legitimidade. O futebol se caracteriza por tudo isso, por provocar tensões, anseios, paixões, raiva, dor, etc..., enfim por mexer de alguma forma com os sentimentos

das pessoas, mas mais ainda, de um enorme número de pessoas ao mesmo tempo, dando a este de uma forma superficial, um caráter de grupo, de coletividade, de interação. Só não podemos perder de vista, que o futebol atualmente é esporte, e como esporte esta diretamente ligado as concepções do mundo capitalista, pois o esporte é parte deste.

Como tal, se, relaciona-se com a cooperação, ao mesmo tempo, relaciona-se com o conflito. Uma das características perversas deste sistema modelado pela lógica da livre concorrência, do rendimento e da competição, concretiza-se na figura do individualismo. Estamos vivendo em uma sociedade, que a todo momento direciona as pessoas à individualidade, a ser indivíduo, o que significa que o outro, é apenas o outro, o outro torna-se estranho a mim, diferente, e as diferenças levam ligeiramente a indiferença, "eu" tolero o outro, até que não me atrapalhe.

A atual sociedade, exalta a todo momento, o direito a individualidade, a preocupação primeira passa a ser consigo próprio, pois coloca as pessoas como principais responsáveis pelo seu mérito ou pela sua derrota na vida, onde todos tem oportunidades iguais, basta saber, e ter competência de achar o caminho do triunfo. E como sinônimo de competência está a concorrência com o outro, o "cotovelaço", o "tudo vale", onde os meios serão álibi para atingir os fins.

Estes são alguns valores inseridos no dia-a-dia, que vivemos sem muito dar-nos por conta. Isto esta presente em vários contextos sociais, e no esporte? Como trabalhamos com isso?

No esporte, a interação social, só é promovida quando existe a possibilidade de estabelecer uma atitude cooperativista, promovida conscientemente. Embora num meio, onde o competir e o ganhar são fatores de muita relevância, o papel do professor que atua

junto as categorias de base, no sentido de dar elementos coma finalidade de diminuir este ímpeto, torna-se essencial.

O processo seletivo das categorias de base, já é algo que em si estimula a concorrência, o individualismo. Centenas de jovens, concorrem entre si, a cada momento que tem processo seletivo. Uma das únicas oportunidades que ele tem de mostrar seu “talento” neste processo, é sendo individualista.

Ao integrar-se no grupo, o jovem tende a querer mostrar que é capaz de ser titular, pois ficam no grupo entre 20 e 30 crianças, e para isto, se não for mediado nesta questão, tudo tornar-se-à possível e permitido.

Dentro do próprio grupo, existirão diferenças de classe, onde garotos mais pobres, terão como colegas de equipe, garotos de classes sociais mais elevada, onde torna-se relevante, que as diferenças sejam remediadas, pois caso contrário, poderá haver uma tensão entre conflito e cooperação. Nas diferenças entre classes, permeiam também as de habilidades motoras, onde existe uma tendência daquele que “joga” melhor, não saber colocar-se diante das deficiências dos outros. Há aqui uma grande possibilidade de serem trabalhadas as questões das diferenças sociais, e das inaptidão motora.

Durante os jogos das equipes, torna-se perceptível, a individualidade de alguns jovens dentro destas, muitas vezes levados pela vontade e necessidade de ganhar, colocando de lado a coletividade do desporto, em outras vezes levados pela possibilidade de ascender a equipe ou categoria superior. Neste processo, há necessidade de o professor trabalhar com as questões da coletividade dentro de um contexto social.

Passam a serem estas, as possibilidades de mediarmos o processo de ensino/aprendizagem, no âmbito da interação social como um conteúdo de fundamental

importância na construção de um projeto de ensino diferenciado, aliado sempre com a ótica de um projeto voltado para a classe trabalhadora.

5.4 Para além da questão técnica do ensinar/aprender futebol: outras possibilidades

O assunto da instrumentalidade técnica no ensinar esportivo, e principalmente no aprender a jogar do jogador brasileiro, é assunto polêmico e de longa data. Particularmente nós também nos posicionamos a este respeito em nosso trabalho, e defendemos que o brasileiro simpatiza com uma forma própria de aprender a jogar futebol. Longe dos ensinamentos padronizados dos manuais, longe dos fundamentos técnicos do jogo, o brasileiro aprende a jogar futebol...jogando.

Como podemos pensar um ensino dos esportes, no que diz respeito ao aprendizado do jogo, diferentemente do procedimento de fundamentos técnicos, táticos e físicos, fragmentados, estereotipados, alienantes, que ditados por uma forma hegemônica de ensinar esportes, em nada corresponde as ansiedades do mundo infantil? Como poderemos optar por um ensino do futebol, que respeite a cultura primeira dos jovens, possibilitando vivências para além da racionalização por que passam os esportes, orientados pelos princípios da civilização industrial, reduzidos a ações regulares e padronizados?

Na busca de resposta a estas questões, da problemática do como ensinar/aprender os jogos coletivos, e especialmente no nosso caso o futebol, há de se encontrar correntes pedagógicas, que ao nível do ensino intelectual, conforme Bayer (1994), se lançam na busca de propostas.

Para este autor, duas correntes se confrontam: a primeira, traz em si um modelo de ciência conforme já por demais ressaltado neste trabalho, a qual traz em si métodos tradicionais de ensino, que baseiam-se em princípios de simplicidade, análise, e progressão, decompondo em elementos o conteúdo do ensino. “Dois processos fundamentais participam em toda a aquisição: a memorização e a repetição, que permitem moldar à criança o rigor do adulto”, segundo Bayer (1994 p.55).

A segunda corrente, vem ao encontro do que acreditamos para o ensino do esporte (futebol), à jovens atletas, onde os métodos de atuação, levam em conta os interesses da criança, as situações vividas por esta, a iniciativa, a imaginação e a reflexão.

Bayer (1994), apresenta que os jogos coletivos, enquanto somente atividade lúdica, atividade desportiva, ou matéria de ensino, é abordado de várias maneiras, e que inicia-se um debate epistemológico, tentando aborda-lo tanto na questão metodológica, como na prática quotidiana. “ Na análise destes, muitas teorias se perfilam, portadoras de opções filosóficas marcadas por ideologias subjacentes mais ou menos explícitas, influenciadas por todo um contexto político-económico, e impregnadas de ressonância sociocultural” (p.55).

Este autor destaca algumas teorias, e propõe a partir desta sua concepção de ensino, que entendemos necessário elucidar:

- a) **Abordagem mecanicista:** Surge a partir de um período tecnicista, ou mecanicista, referido ao corpo mecânico de Descartes, muito utilizada no ensino dos esportes. Esta abordagem entende o aprendizado, sob um repertório de gestos considerados básicos, sem os quais torna-se difícil praticar a atividade proposta. Para este autor, nesta concepção os poderes decisórios e as reações afetivas do jovem em formação são escondidos em favor duma habilidade técnica, objetivo único dos treinadores. Tendo como

principal problema no que trata ao ensino esportivo ao jovem, a centralidade na busca do gesto perfeito, construído sobre um modelo adulto perfeito.

- b) Abordagem baseada nas combinações de jogo:** Esta outra concepção de ensino, preconiza não ter no jogador, o ponto de partida, como elemento da equipe dotado de um repertório técnico, mas adapta-lo a um coletivo que estará já pré-determinado. O centro da questão deste processo, passa por determinar estruturas estáticas, prontas, (no futebol por exemplo o 4X4X2, 3X5x2) onde neste dispositivo, a movimentação dos jogadores simultânea ou sucessivamente, precisa e rigorosa torna-se o objetivo. Nesta abordagem, prepara-se o jogador para assumir um papel específico dentro da equipe. O jogador torna-se um robot que circula conforme o treinador.
- c) Abordagem dialéctica:** Nesta perspectiva, desenvolvida por Robert Merand¹⁹ nos anos 60, a base foi inspirada no materialismo dialéctico, articulando-se em dois eixos: no primeiro, numa perspectiva dialéctica ilustrada a partir da luta de classes no plano socio-econômico, acentua-se a importância de relações de força. Isto expresso no jogo, é entendido como sendo este como uma unidade dialéctica de ataque e defesa, tendo no resultado desta oposição a fonte do progresso. Nesta ótica, a competição torna-se o motor pedagógico. No segundo eixo, uma perspectiva histórico-social do movimento. Esta tem a atividade esportiva como um fato cultural, e cada especialidade criou sua própria motricidade, evoluída e complexificada na evolução histórica. Desta evolução deve a criança apoderar-se enquanto patrimônio cultural. Esta concepção, diferentemente da anterior, entende o jogo como fases dinâmicas e variáveis, onde de uma forma poderá passar-se a outra, como por exemplo de um 4X4X2 passar a um 3X5X2 etc... A crítica feita pelo autor a esta forma, se dá porque privilegiar a

¹⁹ Conforme Claude Bayer 1994

competição como chave pedagógica, se na sua grande maioria os jovens preferem atividades de plena natureza e lazer?

- d) Abordagem centrada numa pedagogia das situações:** Esta corrente, partiu do impulso de Jean Le Boulch, que centrou o interesse do jogador enquanto sujeito cooperador com seus companheiros, assim integrado num coletivo. Aqui é valorizado o processo de recolha de informações, a qual segundo Bayer, influenciado pela fenomenologia, que direciona a atenção a capacidade de percepção do sujeito nas suas ações. Nesta concepção, o gesto isolado do sujeito, ou seja uma motricidade analisada e avaliada do exterior, fica de lado. O jovem percebendo uma situação de jogo terá autonomia de selecionar, hierarquizar soluções cabíveis.

Apresentadas estas concepções que Bayer (1994) levanta, podemos entender, que diferentes formas de ensinar/aprender futebol, possam ser revistas e consideradas. De diversas correntes e diversos conceitos, vê-se possibilidade de atuar junto ao ensino de jovens em escolinhas e categorias de base, que não limite-se à preguiça e/ou aos ditames de pesquisar novas alternativas, ou ficar irresponsável ou incoseqüentemente aliado a lógica imposta pelo sistema mercadológico de objetivar nos fins a legitimação para os meios.

Podemos pensar numa forma de aprender/ensinar futebol que ultrapasse o entendimento do jogo a partir de uma resolução de um modelo sempre fixo. O jogo, o futebol brasileiro, são ricos em dinamismo, historicidade, contrariedades. O futebol caracteriza-se por ser uma atividade de situações ricas e imprevisíveis, que a quem joga tem de responder.

Sendo o futebol, uma atividade fértil em acontecimentos, cuja complexidade não pode ser previsível, aos que nele atuam, torna-se indispensável, atitudes estratégicas e

autônomas. Nesta construção, conforme Garganta (1995)²⁰, a seleção e a qualidade das ações, vão depender obviamente do conhecimento que o jogador tem do jogo, estando isto muito além da mera apreensão de gestos motores.

Bayer (1994), tentando evitar a limitação à gestos unicamente específicos do esporte ao qual está sendo praticado, e buscando evitar a especialização precoce (uma das tendências do esporte) de jovens em fase de aprendizado, apresenta a teoria do *transfert*, a qual genericamente podemos dizer que entende que uma determinada modalidade desportiva, traz em si conteúdos que possam ser aproveitados de outras modalidades desportivas, assegurando a possibilidade de transferência de uma determinada atividade, para outra modalidade, com um repertório de gestos muito amplo.

Percebemos que esta concepção vem ao encontro daquilo defendido ao longo desta dissertação, que diz respeito a preservação do mundo vivido da criança, e a possibilidade disto ser copilado, e tematizado, como uma das maneiras de realizar-se o processo de ensino/aprendizagem do futebol.

Entendemos que a forma mais acessível para ensinar/aprender futebol, ou qualquer jogo coletivo, passa por interessar o praticante ao conteúdo apresentado, motivando-o através situações que explorem sua ludicidade, levem em consideração o seu repertório de movimentos trazidos consigo, induzam ao questionamento e a autonomia de respostas, como também seja prazeroso, por isso, “propor-se um jogo ou formas jogadas acessíveis, isto é, com regras pouco complexas, com menos jogadores, e num espaço mais pequeno (...)”, conforme Garganta (1995), ou seja, reinventar jogos, aprender a jogar...jogando.

²⁰ Júlio Garganta “Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos” in *O ensino dos jogos desportivos 2* edição Faculdade de Ciências do desporto e de Educação Física – Universidade do Porto 1995.

No quadro seguinte, há uma proposta apresentada por este autor acima citado, que vem ao encontro da forma de aprender/ensinar futebol através de vivências de pequenos jogos, o que entendemos que compatibiliza com os questionamentos feitos às formas tradicionais de ensino ao longo deste trabalho, abrindo possibilidades alternativas para o ensino do futebol.

21

	Forma Centrada nas técnicas (solução imposta)	Forma centrada no Jogo Formal (ensaio e erro)	Forma Centrada nos Jogos Condicionados (procura dirigida)
Características	Das técnicas analíticas para o jogo forma	Utilização exclusiva do jogo formal	Do jogo para as situações particulares
	O jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, recepção, drible...)	O jogo não é condicionado nem decomposto	O jogo é decomposto em unidades funcionais; jogo sistemático de complexidade crescente
	Hierarquização das técnicas (1ª técnica A, depois a B, etc.)	A técnica surge para responder a situações globais não orientadas	Os princípios do jogo regulam a aprendizagem
Consequências	Ações de jogo mecanizadas, pouco criativas; comportamentos estereotipados	Jogo criativo mas com base no individualismo; virtuosismo técnico contrastando com anarquia táctica	As técnicas surgem em função da táctica, de forma orientada e provocada
	Problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente, soluções pobres)	Soluções motoras variadas mas com inúmeras lacunas tácticas e descoordenação das acções coletivas	Inteligência táctica: correta interpretação e aplicação dos princípios do jogo; viabilização da técnica e criatividade nas acções de jogo

5.4.1. Esboçando uma forma de ensinar futebol²²

Conforme Graça (1995), Mertens e Musch (1990), desenvolveram uma forma de abordar os jogos coletivos, que direcionamos ao futebol, tendo como referência central o

²¹ Formas metodológicas de abordagem dos JDC (adap. Garganta, 1985), conforme Júlio Garganta "Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos" in *O ensino dos jogos Desportivos 2* edição 1995

entendimento de jogo pelos jovens “aprendizes”, onde a técnica torna-se apenas um meio para solução do problema, e não como um fim encerrado.

As idéias centrais do modelo, vão ao encontro das nossas; ou seja:

- 1°) (Re) significação do jogo formal, em formas modificadas, ou pequenos jogos, contribuindo desta forma para um outro entendimento de jogo
- 2°) Relação entre as formas de jogo e os exercícios executados
- 3°) Modo de integrar as formas de exercícios não descontextualizadas com a do jogo, tendo um sentido para estas mesmas

Esta abordagem tem como princípio, a formulação de uma forma de jogo (re) significada de acordo com a capacidade de interpretação dos alunos, e facilitadora da aquisição de competências à operacionalização da idéia de jogo. Devendo com isto preservar a autenticidade do jogo, ter presente as relações de cooperação/oposição, e o mais importante, não condicionar a execução dos alunos a situações de resposta fechada.

Para Graça (1995),

da observação e avaliação dos comportamentos e decisões dos alunos em jogo se retira o quadro de problemas a trabalhar em contextos parcelares, criando situações de exercitação que acentuem uma das estruturas parciais do jogo. Estas situações reduzidas procuram no entanto preservar os ingredientes específicos do jogo, apelando à utilização das habilidades em situações-problemas. Pela redução do número de jogadores envolvidos, pela restrição das zonas de acção, inclusive pela delimitação do quadro de possibilidade, nós podemos estabelecer um contexto que simplifique a leitura das situações, sem que no entanto se prescreva completamente o que os alunos terão de fazer. (p.31-32).

Como estratégia para o ensino dos jogos, Graça (1995), apresenta conforme (Hollon, Roth e Anderson, 1991):

²² Forma apresentada a partir de uma proposta de Amandio Graça “Os como e os quando no ensino dos jogos”, in *O ensino dos jogos desportivos 2* edição Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto (p.31-32).

- a) Criação de um envolvimento social na aula, onde os alunos possam saber que suas leituras de jogo são importantes, e que aprendam a observar e cooperar com os companheiros.
- b) Colocar os alunos diante dos problemas do jogo, o que passa por colocá-los perante situações significativas para eles, e apropriadas para o desenvolvimento e conhecimento do jogo. Onde o professor possa: 1) identificar as noções de jogo que os alunos possuem, 2) colocar em xeque as noções de jogo que os alunos possuem, com o objetivo de criar um conflito conceitual, insatisfação e procura de novas soluções e respostas
- c) Envolver os alunos em diversas situações de jogos, e diversas formas, com o fim de requerer interpretação das situações e aplicação das noções que possuem, servindo seus erros de matéria para o professor. Nisto o professor poderá: 1) ajudar os alunos na elaboração das respostas, sugerindo, corrigindo, comentando, e 2) Ir diminuindo gradativamente o apontamento de direções, apoio e orientação, no processo de leitura de jogo.

Pois bem, nesta concepção apresentada, ensaiada a partir dos autores que acima mencionamos, através dos quais pudemos apresentar estas propostas que centralizam o ensino dos esportes, e em particular do futebol, sobre o sujeito chamado de jovem, é que acreditamos que torna-se possível um (re) pensar, um (re) significar o ensino do futebol em escolinhas e categorias de base, tendo no aluno um ser em formação, que tem em seu movimento uma das formas de dialogar com o mundo. Apresentamos apenas algumas possibilidades, mas entendemos que é o início de uma percepção de que algo novo, embora todas as direções pareçam apontar ao contrário, torna-se possível.

Ao longo de nossa dissertação, procuramos sempre defender uma posição de contrariedade, a que crianças correndo numa pista de atletismo, crianças correndo na volta do campo, ou do quarteirão, saltando caixas, fazendo exercícios localizados, faz parte de um processo de ensinar futebol.

Não desconhecemos que estes procedimentos até possam ter alguma relevância, mas o mundo da criança está além disto, ou alguém já viu uma criança fazer alongamentos antes de ir brincar? Ou fazer aquecimento antes de jogar na pelada? Ou precisar correr alguns quilômetros para suportar brincar a tarde toda? Ou fazer exercícios localizados para brincar de esconde-esconde? De onde vem todo este procedimento, de ter uma avaliação, por exemplo, de um teste de capacidade orgânica (*Cooper*) que enquadra o jovem nos termos da performance de ótimo, muito bom, bom...etc. De onde vem o procedimento de avaliar o percentual de gordura para saber se o jovem é mais ou menos gordo do que a média padrão para a sua idade, de acordo com os parâmetros demarcados para um determinado grupo que em nada condiz com a realidade desta criança?

Pois bem, são estes questionamentos e inquietações, que nos trouxeram a escrever este trabalho. Procuramos neste capítulo, trazer a tona alguns dados e entendimentos nossos que vínhamos anunciando na seqüência dos capítulos anteriores, e que precisávamos em algum momento expeli-los.

Neste item que chamamos de *por um ensinar/aprender futebol no âmbito de um esclarecimento crítico, reflexivo, e... emancipatório* tentamos argumentar no seu decorrer, quais as possibilidades na questão do esclarecimento, de abordar o ensino de futebol, nas escolinhas de futebol e categorias de base, que ultrapassem em primeiro momento, a visão de uma ciência redutiva, determinista, que num segundo momento nunca perca de vista os sujeitos que estão participando deste processo, e num terceiro momento que tematize sempre a partir do contexto histórico ao qual fazemos parte.

*“Venha,
meu coração está com pressa
quando a esperança está dispersa
só a verdade é que liberta
chega de maldade e ilusão...
venha,
que o amor tem sempre a porta aberta
e vem chegando a primavera
nosso futuro recomeça
venha que o que vem é perfeição”¹*

¹ Todos os versos da banda Legião Urbana

CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Gostaria de iniciar, dizendo que a última coisa que eu gostaria de fazer neste trabalho, seria concluir. A conclusão de um trabalho, de certa forma deixa transparecer que este, está pronto, acabado, livre de questionamentos. A conclusão parece algo dogmático, algo taxativo, “*eu concludo que...*”

Parece-me que ao concluir, acaba a deliciosa e prazerosa ação do pesquisar, do “(des) cobrir”. Chegando à conclusão, é como que se desvendássemos o mistério, semelhante à resposta de Édipo ao enigma da esfinge: “*É o homem!*” A conclusão de Édipo, é o fim do encanto.

Digo isto também, porque sinto que ao concluir, parece que estamos dando um final, um acabamento a algo, que a pouco tivemos o prazer de começar, mas que somos levados à... concluir.

Portanto, vou ter a liberdade e ao mesmo tempo a limitação de apenas tecer algumas considerações (não) finais, sobre o que procurou-se desenvolver ao longo do trabalho, e que entendimentos temporariamente tiramos disto.

A humanidade, sempre procurou de alguma forma refletir sobre o seu “ser” no mundo, assim como da natureza a sua volta. Num primeiro momento, esta reflexão surgia a partir da pergunta que o Homem sempre fazia de si mesmo, para após questionar sobre o mundo ao qual estava inserido, e do que existia a sua volta. Consequentemente, veio a curiosidade sobre os céus sobre os outros Homens sobre as relações que eles estabeleciam entre si, sobre, as terras, as propriedades, o ouro, o dinheiro, a pilhagem, a ganância.

Justificaram isto de diversas formas, através de mitos, monstros, religiões, deuses, ciência.

Em diversas etapas da história da civilização, a ciência fez opções, ou melhor os homens da ciência fizeram opções, e legitimaram quase sempre a versão dos dominantes. A ciência sempre procurou agir para o bem da humanidade, mesmo que este bem fosse em prol de uma minoria.

Os “científicos”, legitimaram projetos, as guerras, a fome, a depredação da natureza, a barbárie. Tudo se bem explicava através do conhecimento científico. A palavra valorizada e verdadeira tinha de ter comprovação científica.

A bem da verdade, não foi *a Ciência* que desencantou o mundo, e a bem da verdade também em nome da ciência não houve somente barbáries. Mas uma concepção de ciência, deu enormes contribuições em prol de projetos de barbárie, e também em prol de projetos que legitimavam a eterna presença do mesmo grupo no poder, e a eterna presença do mesmo grupo à obedecer. Falamos da ciência positivista.

Pois é sobre este modelo de ciência e sua racionalidade instrumental, que Adorno e Horkheimer, traçam duras críticas. Ao perceberem que o caminho do esclarecimento, foi ao mesmo tempo pela razão, o caminho da destruição e manipulação do Homem pelo próprio Homem, viram neste projeto, uma falha incomensurável.

A razão a qual prometia libertar o a humanidade das amarras das crenças, se por um lado libertou, por outro escravizou. Nunca as pessoas tiveram tanta liberdade, e nunca ao mesmo tempo foram tão tutorados. Nunca se produziu tanto, e ao mesmo tempo se contrastou com tanta miséria. Nunca teve a humanidade tanta potência tecnológica, e paradoxalmente tanta doença. Nunca tão poucos tiveram tanto, e muitos absolutamente nada. Nunca tão poucos enganaram tantos de uma só vez, nunca tão poucos enganaram tantos por tanto tempo.

Esta é a lógica que se abateu na sociedade atual. O ter mais significa ser mais. Poucas são as lembranças de um sistema tão perverso reinante na sociedade. A base das trocas, é a base do engano, da vantagem, da apropriação e da expropriação. “No mundo da troca, quem está errado é quem dá mais” Adorno & Horkheimer (1985 p.75). É sob esta realidade, que concluímos nosso trabalho.

Percebemos o esporte como parte desta sociedade denunciada, e ao qual está ele (esporte) inserido, e concomitantemente, a sociedade representa-se também através do esporte. O futebol no Brasil, é um típico caso deste. Temos uma sociedade que se não for toda, é sem sombra de dúvida a maior parte apaixonada por um jogo, que expressa esta própria sociedade.

Um jogo que chegou como uma modalidade esportiva, importada que era, pertencente a uma classe burguesa, que em nada se assemelhava com a sociedade brasileira.

Pois o brasileiro observou, analisou, copiou, (re) criou, e (re) significou uma forma tradicional de jogar, e batizou de “futebol brasileiro”. Um futebol mestiço por “natureza”, que tem traços da capoeira, ginga baiana, samba carioca, malandragem brasileira.

Capoeira é ginga? Joguemos futebol com ginga. Capoeira é drible? Façamos do drible nossa principal jogada. A bola no Brasil é o indicativo de nossos defeitos e nossas qualidades.

O futebol brasileiro desenvolveu-se, ficou conhecido internacionalmente, aqui, o Brasil do futebol. Grandes nomes saíram mundo afora através do futebol, ou melhor do seu futebol. Fausto dos Santos, Leonidas da Silva, Artur Friedenreich, Garrincha, Pelé e outros tantos.

Até a década de trinta, o futebol tinha como único e exclusivo caráter o jogo descompromissado, embora já se falasse em pagamento de jogadores para atuarem nas equipes, (profissionalismo marrom), mas nada era muito concreto. A partir da década de 30,

mais exato em 1933, o futebol no Brasil torna-se profissional, pois era preciso por os negros no seu “devido lugar”.

O futebol era o divertimento do povo, o futebol alegre, dos dribles maliciosos, desconcertantes, improvisados, por vezes até “desrespeitosos”. Este era o futebol brasileiro.

Com as transformações sociais, ocorrem também mudanças no meio futebolístico. A Guerra Mundial, as invenções, a industrialização, a modernização, o Capitalismo, tudo formou um quadro de mutação no país.

O futebol adere ao capital, ao mercado, a produtividade, ao rendimento. O que anteriormente era feito por prazer, agora leva o nome de espetáculo, e como tal tem como objetivo o rendimento. Há necessidade de cada vez mais subsidiar este mercado, há necessidade a tudo mercadorizar.

O estopim foi a Copa de 66 na Inglaterra, ali ganharam ressonâncias, as vozes que exaltavam o novo no futebol. O novo caracterizava-se pela necessidade da imposição da força física contra a arte de jogar futebol. O novo salientava-se também na formação de novos atletas que cumprissem as expectativas e exigências do mercado. O novo vinha ao encontro também da espetacularização.

O futebol brasileiro, vai abdicando de suas principais qualidades, para se adaptar as exigências da modernidade. O jogo criativo, vai perdendo terreno para o jogo técnico, pré-determinado, de esquemas táticos rígidos. Há com isto a necessidade de adaptar os futuros jogadores a este sistema.

O ensino do futebol para os jovens das categorias de base, torna-se um ensino utilitário, racionalizado, técnico, instrumentalizado. O jovem é visto como alguém que trará rendimentos ao clube, e desta forma tratado. Há necessidade de apressar seu tempo de treinabilidade. O ensino do futebol, perde-se em si mesmo, os valores históricos que marcam o

futebol brasileiro e o diferenciam de outros futebol, descaracterizam-se e tornam-se padronizados.

O que pretendemos mostrar aqui, foi as diversas etapas percorridas pelo futebol brasileiro, passando por sua transformação, conseqüências e adaptação tal qual a das sociedades modernas, e transformando-se em esporte de espetáculo, de grande rentabilidade.

Isto sem sobra de dúvidas, formou outra estrutura no processo de ensino do futebol nas categorias de base, pois, o futebol, apresentado nos estádios, com torcidas, cobrança de ingressos, e todo o processo de mercantilidade de outrora, não se aproxima, da faceta que assumiu atualmente o futebol como esporte espetáculo.

Os grandes investimentos feitos pela mídia, os novos ordenamentos legais do futebol Lei do Passe e a transformação dos Clubes em empresa, (Lei Pelé), direcionam o futebol, para uma grande encenação armada. Os que estão no poder do futebol, diretores de clubes, presidentes de federações, cada vez mais contribuem para distanciarem-se do futebol caracteristicamente brasileiro, e incorporarem modelos importados, acirrando uma queda de braço entre o futebol arte (tradicional), e o futebol força (novo).

Os atingidos por isso, passam a serem os jovens que integram as categorias de base. Primeiramente serão iludidos que todos terão as mesmas chances que os ícones de identificação nacional, segundo, não terão respeitadas suas características de sujeito, de criança, serão vistas permanentemente como mercadorias a serem a qualquer momento transacionadas, terceiro, serão quase sempre tolhidos de suas criatividade, de seu improviso, de sua molecagem, em prol de um modelo de ensino, como também serão queimadas suas etapas infantis, para subjugarem-se as exigências dos clubes, das empresas, dos empresário, serão literalmente “formados”, e quarto, caso não rendam o investimento feito e esperado, serão tratados como coisas, ou seja descartáveis.

Muito mais do que apontar soluções, minha dissertação teve a pretensão de sistematizar, insipientes argumentos, para mostrar (pretensão minha), que torna-se possível propor um ensino de futebol para crianças e jovens em escolinhas e categorias de base, perspectivando-o de forma mais ampla, enquanto conteúdo de ensino, e isso, à luz do que vem sendo elaborado pelas concepções de ensino, que teorizam o esporte de forma mais ampla do que a perspectiva de ensiná-lo via sua “mera racionalização instrumental”, conseqüência da ciência tão pertinentemente denunciada pelos Frankfurtianos.

O anúncio ao qual tivemos a pretensão de fazer em nosso trabalho, passa sobretudo pelo entendimento, de que: não é da negação absoluta que nascerá uma perspectiva de ensino do futebol em categorias de base, mas de uma crítica rigorosa e consciente.

Não podemos permanecer enrijecendo e limitando a vivência de mundo das crianças e jovens que experimentam-se no ensino do futebol, à velhas e surradas formas de aprendizagem que ficam aquém das necessidades, prioridades e expectativas dos jovens, que talvez estas formas jamais se apresentarão no contexto real.

Torna-se necessário, superarmos a “melancolia” da qual é portadora o conhecimento científico moderno, quando tomado como critério único de verdade e validade.

Torna-se necessário tratar os conteúdos do futebol enquanto conhecimentos e objetiva-los não só como instrumentalizadores do jogo, mas na dimensão do fortalecimento e esclarecimento das crianças e jovens, localizando-os sobre os meandros da escolha de serem profissionais do espetáculo chamado futebol.

Esperamos por fim, que este trabalho, seja um ponto de avanço para um olhar mais reflexivo e crítico sobre o destino do futebol brasileiro e dos futuros atletas. Algumas contribuições que foram possíveis de serem apresentadas com o tempo regulamentar que dispomos, apresentamos. Procuramos neste trabalho, sempre avançar de uma maneira, que ao

apresentar alguns dados, estes também serem vistos pelo “outro ângulo”, ou seja, procuramos sempre que possível, olharmos com criticidade e reflexão o contexto exposto.

Também esperamos que os professores que atuam na área, principalmente os que atuam em escolinhas e categorias de base, possam estimular-se a ver seus trabalhos por outro lado também, não só na ótica de quem dirige, mas também da dos que são dirigidos, e principalmente, sempre com o olhar e com o direcionamento da e para classe trabalhadora.

Sendo assim, finalizo este trabalho com o propósito, e a credibilidade de sua contribuição para um diferente olhar sobre o futebol brasileiro, e uma contribuição à Educação Física e por que não ao próprio futebol.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. (1995) Educação e Emancipação. São Paulo/SP Ed. Paz e Terra.
- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. (1985) Dialética do Esclarecimento Rio de Janeiro/RJ Ed. Jorge Zahar Editor.
- ANTUNES, Fátima M.R.F. O futebol nas fábricas. In. Revista da USP. Dossiê futebol. junho/julho/agosto/94 nº 22.
- BARBANTI, Valdir. (1996) Treinamento físico: Bases Científicas 3ª edição São Paulo/SP Ed. CLR Balieiro.
- BAYER, Claude (1994) O Ensino dos Desportos Colectivos Lisboa Ed. Dinalivro
- BOFF, Leonardo. (1998) - O despertar da Águia – o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis/RJ Ed. Vozes
- BRACHT, Valter (1997) Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução. Vitória/ES Ed. CEFD/UFES
- _____ (1999) Educação Física & ciência: Cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí/RS Ed. UNIJUI
- CALDAS, Waldenyr. (1994) Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro in Revista USP – Dossiê Futebol nº 22 Jun/Jul/Ago p. 41-49
- CAPELA, Paulo R.C. (1996) O futebol brasileiro como conteúdo da Educação Física brasileira. Dissertação de mestrado. Florianópolis/SC

- CHÂTELET, François. (1994) Uma história da razão: Entrevistas com Émile Noël. Rio de Janeiro/RJ Ed. Jorge Zahar Editor
- CHAUÍ, Marilena. (1986) .Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular brasileira. 4ª ed. São Paulo:Brasiliense.
- _____ (1987) - Sobre o medo – in *Os sentidos das Paixões* São Paulo/SP Ed. Companhia das letras.
- CHAVES, Nestor. F. (S/D) Aristóteles: A Política Coleção Universidade de Bolso
- DAOLIO, Jocimar. (1997) Cultura Educação Física e futebol. Campinas/SP Ed. Da UNICAMP
- DA COSTA, Flávio, M.(1998). Jogo preliminar: Ficção X Futebol in *Onze em campo e um banco de primeira*. Rio de Janeiro/RJ Ed. Relume Dumará
- DAMO, Arlei. S. (1998) Bons para torcer, bons para se pensar – os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores in *Revista Motus Corporis* Vol.5, nº 2. Novembro 1998.
- DaMATTA, Roberto. (1994) Antropologia do óbvio. In. *Revista da USP - Dossiê Futebol*. São Paulo: CCS. Junho/Julho/Agosto. nº 22,. p- 10-18
- _____ (1982) O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro/RJ Ed. Pinakothke,
- _____ (1997) O que faz o brasil, Brasil? 8ª edição Rio de Janeiro/RJ Ed. Rocco
- DANTAS, Estélio, H,M.(1995) A prática da preparação física 3ª edição Rio de Janeiro/RJ Ed. Shape.
- DEMO, Pedro. (1994) Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas Rio de Janeiro/RJ Ed. Tempo Brasileiro.

- _____ (1992) Metodologia Científica em Ciências sociais 2ª edição São Paulo/SP
Ed. Atlas S/A
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. (1992) O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e no início dos tempos modernos. In. *A busca da Excitação*. Lisboa:Difusão
- FENSTERSEIFER, Paulo. E. (1999) A Educação Física na Crise da Modernidade. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas/SP
- FERREIRA, Aurélio, B. (1977). Minidicionário Rio de Janeiro/RJ Ed. Nova Fronteira.
- FLORENZANO, José P.(1998) Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo/SP Ed. Musa
- GALEANO, Eduardo. (1995) Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: Ed. LPM
- _____ História do futebol. In *Revista Ciência Hoje das crianças* – Ano 11
Nº80 (p.7-10)
- GRAÇA, Amandio (1995) Os comos e os quando no ensino dos jogos in *O ensino dos Jogos desportivos 2ª* edição Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física Universidade do Porto.
- GARGANTA, Júlio (1995) Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos in *O ensino dos Jogos desportivos 2ª* edição Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física Universidade do Porto.
- GUSDORF, Georges (1978). A agonia da nossa civilização. São Paulo/SP Ed. Convívio
- HABERMAS, Jurgen. (2000) O Discurso Filosófico da Modernidade. São Paulo/SP Ed. Martins Fontes.
- HELAL, Ronaldo. (1997) Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis/RJ Ed. Vozes.

HILDEBRANDT, Reiner (1988) O esporte como fenômeno social e análise crítica do esporte
in *Revista Kinesis* 4(1) : 45-58 / Jan-Jul

_____ (1991) Visão Pedagógica do Movimento in *Revista da Educação Física* 4 (1).

HUIZINGA, Johan. (1996) *Homo Ludens*. São Paulo/SP Ed. Perspectiva.

JAPIASSÚ, Hilton.(1985) *A Revolução Científica Moderna*. Rio de Janeiro/RJ Ed.Imago

KOIRÉ, Alexandre (1991) *Estudos de História do Pensamento Filosófico*. Rio de Janeiro/RJ.
Ed. Forense Universitária; (p. 243-270)

KUNZ, Elenor. (1994) *Transformações didático-pedagógicas do esporte*. Ijuí/RS Ed. UNIJUI. }-28

_____ (1989) O Esporte enquanto fator determinante da Educação Física in *Contexto & Educação* Universidade de Ijuí, Ano 4 nº15 Jul – Set 1989 p.63 –73.

_____ (1997) Esclarecimento e emancipação: pressupostos de uma teoria educacional crítica para a educação física in *Memórias do Congresso Mundial de Educação Física* AIESEP Universidade Gama Filho.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo. In *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa, Portugal: Artur Morão.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. Ed. EPU, São Paulo/SP.

MATOS, olgária. (1993). *A Escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo*. 3ª edição.
São Paulo/SP Ed. Moderna

_____ (1995) A melancolia de Ulisses in *Os sentidos da Paixão* São Paulo/SP Ed. Companhia das letras.

- MEDINA, João, S. (1992) Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo – in *Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI*. 2ª Edição Campinas/SP Ed. Papyrus
- MILAN, Betty. (1989) O país da bola. São Paulo/SP Best Editora.
- MORIN, Edgar. (1999) Amor poesia sabedoria. Rio de Janeiro/RJ 2ª edição Ed. Bertrand Brasil
- MOREIRA, Sérgio, B. (1996) Equacionando o treinamento: a matemática das provas longas. Rio de Janeiro/RJ, Ed. Shape
- MURAD, Mauricio. (1996) Dos pés à cabeça: Elementos Básicos de Sociologia do Futebol Rio de Janeiro/RJ Ed. Irradiação cultural
- OLIVEIRA, Vitor, M. (1994) Consenso e Conflito da Educação Física Brasileira. Campinas /SP Ed.Papyrus .
- PRONI, Marcelo W.(1999) Reflexões sobre o futebol empresa no brasil – in *Futebol espetáculo do século*. Ed. Musa
- PUCCI, Bruno. et all. (1999) Adorno: O poder Educativo do Pensamento Crítico. Petrópolis/RJ Ed. Vozes
- RAMOS, Murilo, C. Diário catarinense, Sábado, 4 de junho de 1994 – *Mané garrincha era um Pós-moderno*.
- RIO, Rodrigo. P (1995) O Fascínio do Stress. Belo Horizonte/ MG Ed. Del Rey.
- FILHO, Mário, (1947) O negro e o futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Pongetti. ✶
- RODRIGUES, Nelson (1993) À sombra das chuteira imortais: crônicas de futebol. São Paulo/SP Ed. Companhia das Letras.
- _____ (1994) A Pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol. São Paulo/SP Ed. Companhia das Letras
- ROSENFEALD, Anatol. (1993) Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva,.

- RUBANO, Denise, R. & MOROZ Melania (1988) A fé como limite da Razão: Europa Medieval in *Para compreender a ciência - uma perspectiva histórica* 3ª edição Ed. Espaço e tempo
- SANTIN, Silvino. (1996) A biomecânica entre a vida e a máquina - um acesso filosófico. Ijuí/RS Ed. UNIJUÍ.
- _____ (1994) Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre/RS Ed. EST/ESEF-UFRGS
- SANTOS, Joel Rufino. (1981) História política do futebol brasileiro. São Paulo/SP Ed. Brasiliense,
- SEVCENKO, Nicolau. (1994) Futebol, metrópoles e desatinos In *Dossiê futebol* Revista USP N° 22. Jun - Jul - Ago 1994.
- SOARES, Antônio, J.G. (1994) Futebol, malandragem e identidade. Vitória/ES Ed. SPDC/UFES
- SHIRTS, Matthew G. (1982) Futebol no Brasil ou Football in Brazil in *Futebol e cultura - coletânea de estudos* / Meihy & Witter (organizadores) Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/SP.
- VAZ, Alexandre F. (S/D). Treinar o Corpo, dominar a Natureza: notas para uma análise do esporte a partir do treinamento corporal -Texto mimeografado
- _____ (S/D). Na constelação da destrutividade: o tema do esporte em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Texto mimeografado
- VIANA, Hélio. (2000) O Negócio do Esporte no Brasil e no Mundo in *"Marketing Esportivo Ao Vivo"*. Rio de Janeiro/RJ Ed. Imago.

VINNAI, Gerhard. (1986) El fútbol como ideologia. 4ª edição Ed. Siglo Veintiuno editores

S/A

LÖWY, Michael. (1996) As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen.

Marxismo e Positivismo na sociologia do conhecimento. Ed. Cortez 5ª. edição, São

Paulo/SP.